

REDES SOCIAIS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: uma oportunidade para promover a leitura

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: área de especialização em Animação da Leitura realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Luísa de Oliveira Ferreira.

José Amadeu Gonçalves Ferreira

Porto

2012



“As escolas,
tal como as conhecemos deixarão de existir.

No seu lugar,
haverá centros de aprendizagem que funcionarão sete dias por semana,
24 horas por dia.

Os estudantes terão acesso aos seus professores, mas a distância.
As salas de aula passarão a estar dentro do computador”.

António Nóvoa – “in” Revista Ibero-Americana

RESUMO

O presente trabalho enquadra-se no âmbito da promoção da leitura, numa perspetiva do papel que a biblioteca escolar poderá desempenhar com a implementação das ferramentas Web 2.0, junto de aprendentes do 1.º ciclo.

Na primeira parte, relativa ao enquadramento teórico, salientamos aspetos relacionados com o paradigma tecnológico e a sociedade de informação, que conduzem obrigatoriamente a um novo paradigma educacional e determinam uma mudança de práticas na escola. A necessidade de habilitar os aprendentes na área da promoção da leitura, a partir da biblioteca escolar, de um conjunto de competências da leitura necessárias para procurar, questionar, tratar a informação e saber aplicá-la no contacto com o mundo que nos rodeia, constitui um grande desafio para a escola e também para a biblioteca escolar. É neste âmbito que desenvolvemos a nossa reflexão sobre os desafios que se colocam à biblioteca escolar e ao seu docente bibliotecário, enquanto mediador/promotor de leituras.

Na segunda parte descrevemos e analisamos os resultados obtidos através das contribuições dos aprendentes ao longo do projeto de intervenção, ao evidenciarem que as redes sociais potenciam a comunicação, a interação, a colaboração e a socialização, num quadro favorável à leitura, através de atividades lúdicas de aprendizagem em contexto escolar.

Acreditamos também que a biblioteca escolar e as ferramentas Web 2.0, podem ser uma importante força mobilizadora no sentido de procurar unir esforços entre a escola e a família, para um trabalho de promoção da leitura com vista a desenvolver o prazer de ler. Com este estudo pretendemos também contribuir para uma mudança de atitude dos aprendentes face às propostas de práticas promotoras da leitura e abrir caminho para um trabalho futuro mais consistente e mais abrangente.

PALAVRAS-CHAVE: ferramentas Web 2.0, biblioteca escolar, promoção da leitura

ABSTRACT

This present work fits in the sphere of reading promotion in a perspective of what role a school library, by implementing the tools of Web 2.0, may play on learners of the 3rd and 4th grade.

In the first part, relating to the theoretical framing, aspects related to the technological paradigm and to the society of information, which necessarily lead us towards a new educational paradigm and determine changes in school practices, are highlighted. The need to enable the learners in the area of promoting reading with a set of the necessary reading skills to search, question, treat information and to know how to apply it in contact with the world around us, is a major challenge as for the school as for the school library. It's in this context that we develop our reflection about the challenges that the school library and its librarian teacher, as a mediator of readings, will face.

In the second part are described and analyzed the results obtained from the learners' contributions throughout the project intervention, by showing that social networks enhance communication, interaction, collaboration and socialization, in a favorable context for reading, through playful learning activities in school context.

We also believe that the school library and the Web 2.0 tools can be an important mobilizing force towards seeking to unite efforts between school and home, in working together to promote reading in order to develop the pleasure in reading. With this study, we also intend to contribute to a change of the learners' attitude to proposed promotion practices of reading and pave the way for a more consistent and comprehensive future work.

Keywords: Web 2.0 tools, school library, reading promotion

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, deixo o meu muito obrigado à minha orientadora, Professora Ana Luísa pela orientação desta tese que, com sua competência ao longo de todo o trabalho, contribuiu para o aprimoramento dos meus conhecimentos, sem os quais nada teria sido possível.

Gostaria de deixar um agradecimento muito especial a todos os professores do Curso de Especialização e Mestrado em Animação da Leitura, pelo apoio sempre presente, pelas oportunidades de reflexão e contributos científicos prestados.

A todos os meus colegas do curso agradeço o fantástico ambiente proporcionado e as sempre úteis impressões e partilha de ideias e de conhecimento.

Aos aprendentes e docentes da EB de Lage que me acompanharam nesta aventura, entusiastas da web que, voluntária e generosamente, partilharam experiências, informação e conhecimento.

Finalmente, à minha família. À Conceição agradeço a infinita paciência, o amor, a compreensão, e todo o apoio constante junto das nossas filhas, nos momentos em que estive ausente. Como diz o ditado popular “os últimos são os primeiros”, e à Clara e à Vera, pela sua alegria, por nunca terem reclamado a minha ausência e me terem incentivado a acabar o trabalho.

A todos,
muito obrigado
José Amadeu Gonçalves Ferreira
setembro de 2012

LISTA DE ABREVIATURAS

AASL - American Association of School Librarians

AECT - Educational Communications and Tecnology

APA - American Psychological Association

BE - Biblioteca Escolar

CEB - Ciclo do Ensino Básico

EB - Escola Básica

GRBE - Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares

IASL - International Association of School Librarianship

IFLA - International Federation of Library Associations

ISBN - International Standard Book Number

MSI - Missão para a Sociedade da Informação

OCDE - Organisation for Economic Co-operation and Development

PISA - Programme for International Student Assessment

PNL - Plano Nacional de Leitura

PTE - Plano Tecnológico da Educação

RBE - Rede de Bibliotecas Escolar

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

| | | |
|--------|--|----|
| 1. | Introdução | 1 |
| 2. | Designação do projeto..... | 3 |
| 3. | Fundamentação | 5 |
| 3.1. | A promoção leitora na era digital..... | 5 |
| 3.2. | A educação na sociedade de informação e do conhecimento | 7 |
| 3.3. | A Biblioteca escolar e o desafio da sociedade de informação | 9 |
| 3.4. | O papel do docente bibliotecário atual..... | 11 |
| 3.5. | Ferramentas Web 2.0: um desafio para a BE | 15 |
| 3.6. | Redes sociais na biblioteca escolar | 17 |
| 4. | Destinatários e contexto de intervenção..... | 21 |
| 4.1. | Caraterização da freguesia | 22 |
| 4.2. | Caraterização da escola | 22 |
| 4.3. | Caraterização da biblioteca escolar..... | 23 |
| 5. | Objetivos do projecto | 25 |
| 6. | Estratégias de intervenção..... | 27 |
| 6.1. | Metodologia | 27 |
| 6.2. | Opções metodológicas | 28 |
| 6.3. | Análise de dados – 1.ª Fase..... | 31 |
| 6.3.1. | Análise de dados obtidos no primeiro inquérito por questionário aos aprendentes – 1.ª Fase | 32 |
| 6.3.2. | Análise de dados obtidos no primeiro inquérito por questionário aos docentes – 1.ª Fase | 34 |
| 6.3.3. | Análise de dados obtidos no primeiro inquérito por questionário aos encarregados de educação – 1.ª Fase..... | 36 |

| | | |
|--------|---|----|
| 6.4. | Grau de envolvimento das redes sociais na promoção da leitura | 37 |
| 6.4.1. | O Blogue | 39 |
| 6.4.2. | Diigo – marcador social | 40 |
| 6.4.3. | O Fórum de discussão | 40 |
| 6.5. | Análise de dados comparativos – 2. ^a Fase | 41 |
| 6.5.1. | Análise de dados obtidos no segundo inquérito por questionário aos aprendentes – 2. ^a Fase | 42 |
| 6.6. | Algumas conclusões dos dados comparativos | 60 |
| 6.7. | A entrevista semiestruturada | 62 |
| 6.8. | Análise de conteúdo das entrevistas..... | 63 |
| 7. | Recursos | 74 |
| 8. | Avaliação..... | 76 |
| 9. | Disseminação | 78 |
| 10. | Considerações finais | 81 |
| | Referências bibliográficas | 86 |
| | Anexo A: anexo de figuras; | |
| | Anexo B: anexo de gráficos; | |
| | Anexo C: anexo de questionários; | |
| | Anexo D: anexo de tabelas; | |
| | Anexo E: anexo de documentos | |

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A: Anexo de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 01 – As "ondas" da biblioteca 2.0 de David King (2007) | 04 |
| Figura 02 – Logótipo do Ano Internacional das Florestas, 2011 | 05 |
| Figura 03 – Marcador Social Diigo – Ano Internacional das Florestas, 2011 | 06 |
| Figura 04 – Aprendiz realiza a sua pesquisa a partir do livro | 06 |
| Figura 05 – Interação dos aprendentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem | 07 |
| Figura 06 – Divulgação das atividades à comunidade educativa no mural da BE | 07 |
| Figura 07 – Exposição comemorativa do Ano Internacional das Florestas | 08 |
| Figura 08 – Página inicial do blogue | 08 |
| Figura 09 – Aprendiz na execução de uma atividade em PowerPoint | 09 |
| Figura 10 – Alunos preparam a apresentação de atividade | 09 |
| Figura 11 – Apresentação das atividades à turma em Data Show | 10 |
| Figura 12 – Tags do marcador social Diigo - Ano Internacional das Florestas | 10 |
| Figura 13 – Fórum da biblioteca escolar da EB de Lage | 11 |

Anexo B: Anexo de Gráficos

1 - Apresentação de resultados - Aprendentes

| | |
|--|----|
| Gráfico 01 – Identificação | 04 |
| Gráfico 02 - Ano de escolaridade | 04 |
| Gráfico 03 - Frequência da BE | 05 |
| Gráfico 04 – Três situações mais frequentes para utilizar a BE | 05 |
| Gráfico 05 – Empréstimo de livros para ler | 06 |
| Gráfico 06 – Sugestões e apoio | 06 |
| Gráfico 07 – Procurar livros | 07 |
| Gráfico 08 – Incentivos dos docentes à leitura | 07 |
| Gráfico 09 – Utilizar a BE acompanhado do docente da turma | 07 |
| Gráfico 10 – Competências tecnológicas | 08 |
| Gráfico 11 – Opinião sobre o trabalho realizado pela BE | 08 |

| | |
|--|----|
| Gráfico 12 – Atividades na BE com recurso à internet | 09 |
| Gráfico 13 – Redes Sociais na BE | 09 |
| Gráfico 14 – Utilização das TIC | 10 |
| Gráfico 15 – Local onde utilizam a internet | 10 |
| Gráfico 16 – Comunicar por correio eletrónico | 11 |

2 – Apresentação de resultados - Docentes

| | |
|--|----|
| Gráfico 17 – Frequência da biblioteca escolar (BE) | 12 |
| Gráfico 18 - Utilização da BE | 13 |
| Gráfico 19 - Funções docentes relacionadas com as TIC | 14 |
| Gráfico 20 - Nível dos recursos tecnológicos da BE | 15 |
| Gráfico 21 - Integração de competências de informação..... | 15 |
| Gráfico 22 - Utilização da BE nos trabalhos de pesquisa | 16 |
| Gráfico 23 - Orientações para consulta de bibliografia na BE | 16 |
| Gráfico 24 - Competências pessoais para uso autónomo da BE | 17 |
| Gráfico 25 - Competências dos aprendentes para o uso da BE | 17 |
| Gráfico 26 - Análise do trabalho da BE no âmbito da leitura | 18 |

3 – Apresentação de resultados – Encarregados de Educação

| | |
|--|----|
| Gráfico 27 - Idade dos Encarregados de Educação | 19 |
| Gráfico 28 - Habilitações Literárias | 19 |
| Gráfico 29 - Profissão de Pais/Encarregados de Educação | 20 |
| Gráfico 30 - Tempos livres | 21 |
| Gráfico 31 - A interação dos pais com a BE | 22 |
| Gráfico 32 - Acompanhamento e sugestão de leitura | 22 |
| Gráfico 33 - Participação em atividades da escola | 23 |
| Gráfico 34 - Atividades na BE para estimular a leitura | 23 |
| Gráfico 35 - Importância da BE na aprendizagem e formação do aprendente | 24 |
| Gráfico 36 - A utilização das TIC pelo aprendente | 24 |
| Gráfico 37 - A utilização das TIC na biblioteca escolar | 25 |
| Gráfico 38 - Autoavaliação de conhecimentos informáticos | 25 |
| Gráfico 39 - Benefícios do computador na aprendizagem do aprendente | 26 |
| Gráfico 40 - Aplicações ou serviços na internet para trabalho colaborativo | 26 |

Anexo C: Anexo de Questionários

01 – Inquérito por questionário destinado a aprendentes 03-07

02 – Inquérito por questionário destinado a docentes 08-11

03 – Inquérito por questionário destinado a encarregados de educação12-15

Anexo D: Anexo de Tabelas

Tabela 01 – Constituição da amostra do inquérito por questionário 03

Tabela 02 – Conjunto de temas das atividades do Ano Internacional das Florestas 04

Tabela 03 – Entrevista dos aprendentes 05

Tabela 04 – Recursos materiais e humanos 06

Anexo E: Anexo de Documentos

Documento 01 – Pedido de autorização para o trabalho de Projeto na EB de Lage 03

1. INTRODUÇÃO

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” (Fernando Pessoa, Mensagem).

Em poucos anos, a Web 2.0 inovou literalmente a forma como as pessoas utilizam a internet e se relacionam com os outros, com a informação e com o conhecimento. Os utilizadores, de consumidores de informação, passaram também a poder publicar, concebendo conteúdos que partilham e que passam a fazer parte do *corpus* de informação e de conhecimento disponíveis na Web.

Tudo pode estar *online*! Por esse motivo, como qualquer pessoa pode publicar, as competências de pesquisa, avaliação e seleção da informação passam a ser condições indispensáveis a qualquer cidadão. Estas transformações, que se estendem para todas as áreas de atuação humana, verificam-se com particular incidência no campo da educação e do uso das tecnologias no apoio às aprendizagens.

Como responsáveis por uma biblioteca escolar do 1.º ciclo, não ficámos alheios às transformações que se impõem à escola e procuramos integrar as novas tecnologias na biblioteca. Interessou-nos particularmente as práticas de inovação em educação através das redes sociais, em torno da promoção da leitura, com aprendentes de 3.º e 4.º anos de escolaridade do 1.º CEB.

Esta dissertação está organizada em dez capítulos, antecedidos por um contexto educacional em que se estabelecem e justificam os vetores orientadores da investigação e se enquadram os mesmos na realidade da biblioteca escolar da E.B. de Lage, a qual está na origem das motivações para a realização deste estudo.

Iniciamos o trabalho com uma introdução onde justificamos a pertinência das ferramentas Web 2.0 na biblioteca escolar, que julgamos uma oportunidade para a promoção da leitura e apresentamos, sumariamente, o projeto e a metodologia utilizados.

No segundo capítulo reservamos um espaço à reflexão sobre a importância da designação do projeto e o papel das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) na promoção da leitura. Este projeto, para fazer face a um contexto escolar que regista baixo índice de leitura e conseqüente lacuna cultural, tenciona abordar a importância do uso das redes sociais na biblioteca escolar, de forma a conquistar o

aprendente para a leitura do mundo que o rodeia.

No terceiro capítulo descrevemos e acentuamos a importância que a leitura assume nos novos espaços da era digital, cujas estruturas abrangem as capacidades de produzir, tratar e divulgar o conhecimento. Destacamos o papel das ferramentas Web 2.0 na biblioteca e do docente bibliotecário, em preparar os aprendentes a serem leitores de qualquer unidade de informação para a construção do conhecimento.

Dedicamos o quarto capítulo aos destinatários do projeto e ao contexto de intervenção. Neste ponto damos ênfase à caracterização da escola, da freguesia e da biblioteca escolar do grupo-alvo de intervenção.

No quinto capítulo procedemos à apresentação da pergunta de partida e dos objetivos da investigação-ação desenvolvida. Neste estudo experimental tentamos averiguar e compreender de que forma as novas práticas de inovação em educação, constituem uma mais-valia na área da promoção da leitura.

No capítulo sexto destacamos as estratégias de intervenção, justificamos as opções metodológicas usadas, descrevemos os métodos de recolha de dados utilizados e recolhemos ainda, através de inquérito por questionário, informação relativa a alguns recursos existentes na biblioteca. Dados que nos permitiram diagnosticar alguns saberes TIC dos aprendentes. Na análise de conteúdos do estudo utilizámos a entrevista semiestruturada, para perceber o grau de entrosamento destes jovens em relação às redes sociais, com o objetivo de estruturar um conjunto de conceitos articulados entre si, de forma a constituir um quadro de análise coerente.

No sétimo capítulo enumeramos os recursos materiais e humanos utilizados no projeto de intervenção.

No capítulo oitavo procedemos à avaliação do projeto. Fizemos uma apreciação ao percurso efetuado e em que medida os objetivos do projeto de intervenção foram alcançados.

No capítulo nono refletimos sobre formas de disseminar o projeto que desenvolvemos e apresentamos algumas propostas para futuras investigações.

No décimo capítulo salientamos aspetos que caracterizam a investigação desenvolvida, referindo os contributos das redes sociais que permitem alimentar a esperança de que são uma oportunidade para promover a leitura na escola e fora dela.

2. DESIGNAÇÃO DO PROJETO

“Atualmente, a sociedade exige que a escola, com a ajuda da família e do meio envolvente, forme cidadãos ativos, conscientes, independentes e críticos e não alunos submissos” (Martins e Sá, 2008).

A sociedade atual, no decurso dos últimos anos, regista grandes transformações relativas ao conceito de informação em suportes que não o livro, daí a necessidade que a escola possui em formar os aprendentes na área da pesquisa e do tratamento da informação.

Por vezes, o aprendente regista um baixo índice de leitura, uma baixa frequência da biblioteca, das livrarias, das salas de teatro, de exposições de arte, de museus, etc. O próprio desenvolvimento sociocultural e humano do aprendente ficam marcados por essa lacuna cultural que é o saber ler o mundo que o rodeia!

Pertence hoje à biblioteca escolar (BE), o dever de conquistar o aluno para a leitura como uma ato de prazer, seja em suporte de papel, seja através das novas tecnologias (internet, livros eletrónicos, blogosfera e as redes sociais¹).

O professor bibliotecário, enquanto animador da leitura, ao elaborar o seu plano de ação e o seu plano anual de atividades, deve ter como objetivo principal levar os aprendentes e os outros elementos da comunidade escolar, a frequentarem a biblioteca, a consultarem a documentação aí existente, a utilizarem os seus serviços e recursos, procurando desenvolver capacidades no âmbito do gosto pela leitura, promovendo a produção de sentido a partir do que leem.

Este projeto, essencialmente interventivo, elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Animação da Leitura, pretende proporcionar uma investigação-ação articulada com epicentro na biblioteca, de forma a desenvolver, nos aprendentes, o restabelecimento da informação e a auxiliá-los a adquirir competências leitoras para utilizar e gerir fontes de informação, como fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal.

No entanto, há uma grande franja de aprendentes que não lê para além do que lhe é exigido nas aulas, que não sabe retirar conhecimento de tanta informação que tem

¹ Fenómeno da chamada Web 2.0.

disponível. O que fazer para os conquistar? Como motivar o aprendente a utilizar a biblioteca como um centro de aprendizagem?

Assim, pretende-se compreender qual a melhor ou melhores opções para que a biblioteca e os seus serviços sejam convenientemente divulgados e utilizados de uma forma autónoma pelos aprendentes. A importância desta investigação prende-se sobretudo com o uso das redes sociais para perceber que contribuições poderão ter, ou não, na promoção leitora do aprendente.

As questões fulcrais para as quais gostaríamos de obter resposta passam por entender se as redes sociais na biblioteca escolar são uma oportunidade de promoção leitora ou se serão esses espaços virtuais usados única e exclusivamente fora da escola?

3. FUNDAMENTAÇÃO

“La Web 2.0 es joven. Muchas de sus herramientas aún no están maduras y no se han explorado por completo sus aplicaciones. Su uso en los portales depende, en gran medida, de las necesidades de las instituciones y también de la imaginación de los bibliotecarios” (Iglesia e García, 2009).

3.1. A promoção leitora na era digital

Na sociedade contemporânea, baseada na informação, torna-se necessário transformá-la em conhecimento, um processo de aprendizagem em que a emergência da sociedade do conhecimento depende da sociedade de informação, cujas estruturas abrangem as capacidades de produzir, tratar e divulgar o conhecimento, enquanto a sociedade da informação se expõe com a organização dos dados, com a atribuição de significado aos mesmos e divulgação da informação obtida.

Os recursos existentes *online* e as ferramentas Web 2.0 de fácil publicação constituem uma oportunidade da sociedade do conhecimento, onde a

“rapidez, a profusão e a diversidade da informação que nos chega online, a variedade de textos em suporte de papel ou em suporte informático geram a necessidade premente de nos apropriarmos da informação com eficácia e agilidade, sem o que nos tornaremos rapidamente desatualizados” (Sim-Sim, 2001: p.32).

Nunca é de mais reforçar que a leitura assume, neste processo, um dos traços mais marcantes das atuais concepções de leitura, ou seja, preparar os nossos aprendentes para serem leitores de qualquer unidade de informação, valorizando-se a competência leitora.

“Como tudo seria diferente se todas as crianças gostassem de ler”, esta é a conclusão central do relatório *Leasing for change* que apresentou os resultados do programa internacional de avaliação de aprendentes (PISA, 2002-OCDE) e torna clara a responsabilidade de quem trabalha com crianças, em particular quem trabalha nas bibliotecas escolares e o seu importante papel na promoção leitora dos pequenos leitores. Na verdade, a escola, a biblioteca escolar e as famílias são essenciais para estimularem, nas crianças, o gosto pela leitura e para as ajudar a desenvolver plenamente as suas potencialidades.

Como docente bibliotecário cabe-nos refletir sobre o significado do que é ler.

Para Viana e Teixeira, “ler é compreender o sentido do texto” (2002: p.9) e para que tal aconteça, as definições de leitura que envolvem processos de decifração e de compreensão vão de encontro ao papel da biblioteca escolar no desenvolvimento desta competência.

Segundo Solé (1998: p.116) a leitura “é um processo de emissão e verificação de previsões que levam à construção da compreensão do texto”. O leitor, durante o ato de ler, converte um conjunto de competências no domínio do código linguístico que envolve diferentes habilidades e integra-os como parte do seu texto de leitor, formado pela experiência das suas estratégias de leitura para a ativação da compreensão leitora através da interpretação que o texto lhe oferece.

Se ler implica compreensão, então, o leitor estabelece normas que lhe permitam articular as diferentes componentes textuais, com o fim de extrair um significado do texto. Tal como afirma Inês Sim-Sim (2007: p. 9):

“Por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto. Tal como na compreensão do oral, o importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interação do leitor com o texto. É por isso que, perante o mesmo texto, dois leitores podem obter níveis de compreensão diferentes e o mesmo leitor, perante dois textos diversos, pode atingir níveis de compreensão distintos”.

A leitura é assim vista como um processo que pressupõe a articulação entre o leitor, o texto e o contexto. É nesta simbiose que o leitor se apropria dos significados explícitos e implícitos no texto para ser capaz de ler o mundo que o rodeia, opinar sobre ele e ativar os processos de compreensão leitora, isto é, a leitura permite-lhe descodificar o texto, organizar o seu processo de receção leitora e crescer intelectualmente.

É importante que o leitor não só domine os vários tipos de leitura como diversifique as leituras às quais tem acesso. Daí, a necessidade de pertença a várias comunidades leitoras e delas receba as mais variadas influências. Neste contexto é determinante o papel da família, da escola e da sociedade na promoção da compreensão/competência leitora.

Como sabemos, a biblioteca escolar atual proporciona livre acesso à informação, comunicação e animação leitora através da divulgação e promoção das mais variadas atividades, conducentes ao desenvolvimento da leitura e formando cidadãos cada vez mais autónomos, de espírito crítico, criativo e inovador, com capacidades para escolher

a informação apropriada e utilizá-la em seu proveito próprio.

Enquanto ponto de referência, o papel da família é muito importante no despertar da criança para o hábito de ler, ou seja, o livro representa o mundo e as experiências vividas pela criança no dia-a-dia, porque o leitor “também se constrói a ver televisão, a assistir a filmes, e a peças de teatro, a ler jornais e revistas, a ouvir música, a conversar com familiares e amigos” (Viana e Martins, 2007: p.6).

Com o surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação e com elas, o raiar das redes sociais, poderá a biblioteca escolar conquistar o aluno para a leitura e formar leitores ao longo da vida?

Não sendo a leitura e a frequência de bibliotecas um hábito cultural no nosso país, há que divulgar a importância do emergir da sociedade da informação e do conhecimento para estabelecer pontes com outros universos de informação e abrir-se a outras situações de aprendizagem.

Decidimos tentar satisfazer estas inquietações e interesses que, até então, se assumem somente como meras explorações. Por isso, nesta intervenção, na área do Mestrado em Ciências de Educação na especialização em Animação da Leitura, estudaremos se as redes sociais na biblioteca escolar são uma oportunidade para promover a leitura.

Precisamos de saber como é que as novas formas de redes sociais, em articulação com as ferramentas Web 2.0, podem contribuir para melhorar os processos de construção do conhecimento e o gosto de ler dos aprendentes para compreender o mundo que os rodeia num contexto cibercultural.

3.2. A educação na sociedade de informação e do conhecimento

Em 1997, Portugal, na sequência do relatório “A Europa e a Sociedade Global da Informação - Recomendações ao Conselho Europeu” (1994) aprova o “Livro Verde para a Sociedade da Informação”, que traça as orientações para que Portugal caminhe no sentido da sociedade da informação, incluindo a educação como uma das suas áreas de trabalho.

As várias medidas levadas a cabo pelo estado, procuram a resposta adequada

para a mudança da escola, de modo a que fique mais ajustada com o mundo em que vivem as crianças e os jovens, preparando-os para os desafios do século XXI. No entanto, diversos são os estudiosos que referem a diferença que existe entre as intenções e a realidade das escolas. Elsa Conde é um exemplo disso, pois no seu estudo sobre o impacto das novas tecnologias na biblioteca escolar, refere: “Apesar da emergência de uma retórica sobre o novo papel da escola, permanecem assim, como dominantes, os modelos pedagógicos do passado, residindo neste imobilismo o principal fator do seu isolamento em relação ao meio envolvente” (2006: p.39).

A escola não se pode limitar ao papel de mera transmissora de conhecimentos. Tem de ser capaz de fornecer aos aprendentes ferramentas e capacidades para, durante a sua vida profissional, resolverem problemas que nem sequer imaginamos com o auxílio de tecnologias ainda não inventadas.

Atualmente, na sequência do Plano Tecnológico Educativo, as escolas estão a ser dotadas de recursos informáticos que permitem uma mudança importante da sala de aula, ao nível dos recursos disponíveis. Como refere Delors (1996: p.89), "doravante, temos de aprender ao longo da vida e uns saberes penetram e enriquecem os outros", uma mudança profunda na forma de conceber o processo de ensino-aprendizagem, associado ao surgimento das TIC.

“A Sociedade da Informação exige uma contínua consolidação e atualização dos conhecimentos dos cidadãos. O conceito de educação ao longo da vida deve ser encarado como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes, aptidões e das suas capacidades de discernir e de agir” (MSI, 1997: p.39). A Sociedade da Informação exige assim novos conhecimentos, novas práticas e um esforço de aprendizagem permanente que possibilita a passagem da informação ao conhecimento. O conhecimento é assim a base fundamental do indivíduo e reflete-se externamente nas competências de interação com a sociedade em constante transformação.

A escola, enquanto organização educativa, deve ser encarada numa perspetiva de estrutura organizacional aprendente. “Para tal, a escola não necessita apenas de ensinar. Necessita de aprender muitas coisas...” (Santos Guerra, 2000: p.17).

Estarão os professores preparados para acompanhar devidamente as alterações que esta mudança significa? Ou assistiremos à reprodução, nestes meios, do mesmo sistema de trabalho, mas noutra suporte? Que desafio para as bibliotecas escolares, hoje,

já bem equipadas em termos de tecnologia?

3.3. A Biblioteca escolar e o desafio da sociedade de informação

O Ministério da Educação e da Ciência, de olhos postos nos exemplos de outros países que apresentam hábitos de leitura mais consolidados e, conseqüentemente, índices de desenvolvimento cultural e científico mais elevado, cria em 1996/1997 o Programa “Rede de Bibliotecas Escolares”. O apoio é anunciado através do relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” e clarifica o significado de bibliotecas escolares (BE).

A BE entendida como um recurso do sistema educativo é hoje um centro de recursos de aprendizagem em vários suportes, que podem ser impressos (monografias, publicações periódicas), não impressos (sonoros, audiovisuais) ou eletrónicos (digital, internet), nos domínios da leitura e da literacia.

Com o novo paradigma da sociedade de informação, a BE constitui uma unidade basilar da escola que deve permitir o acesso a um acervo de recursos informativos variados, possuir espaços que possibilitam a troca de informação, de conhecimentos, o trabalho de grupo e o convívio entre pares. Por sua vez, os recursos humanos qualificados facultam ao aprendente a segurança de lá poderem encontrar apoio na orientação dos trabalhos. Como refere Conde (2010: p. 31), “mais do que meros lugares de localização, acesso e consumo de informação, as bibliotecas escolares são hoje encaradas como espaços criativos de trabalho e de produção de conhecimento”.

A visão de uma biblioteca ativa, com objetivos claramente definidos e enquadrados nas grandes linhas gerais da ação da escola a que está vinculada, está também contemplada na Declaração da IASL sobre Bibliotecas Escolares.

“A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objetivos de aprendizagem na escola e promove-os através de um programa planeado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes. Um programa planeado de ensino e competências de informação em parceria com os professores da escola e outros educadores é uma parte essencial do programa das bibliotecas escolares”.

Assim sendo, a BE e o seu “plano de ação” pedagógico, deve estar integrado no processo educativo de acordo com as regras da escola para poder cumprir os seus objetivos. Deste modo, a BE é uma estrutura da escola que deve estar em plena

articulação com o trabalho dos docentes e vice-versa. Esta articulação, numa perspetiva de colaboração, é fundamental para o melhor desempenho do aprendente, uma vez que às competências específicas do professor responsável pela disciplina acresce o conhecimento, por parte do professor bibliotecário, da informação disponível e de técnicas de desenvolvimento de competências de informação.

Professores, investigadores, pais e até mesmo políticos têm vindo a desenvolver esforços no sentido de despertar os mais jovens, e não só, para a importância da leitura e da escrita na sociedade da informação e da comunicação em que vivemos. Reconhece-se que se têm feito esforços no sentido de recuperarmos do atraso em que, nesta área, o país tem vivido, o que contribui para que o interesse pelos livros, pelas TIC e pelas bibliotecas tenha crescido.

Nunes sustenta que a BE, através dos mais variados recursos, deve apoiar “a prestação de serviços de acesso, não apenas à informação mas, mais exatamente, ao conhecimento e para o desenvolvimento de competências de literacia, nomeadamente literacia informacional, e para o acesso aos produtos culturais” (2006: p.49).

Na sociedade informacional em que vivemos, a BE dá grande importância ao desenvolvimento tecnológico na organização e atualização de novas fontes de conhecimento ao utilizador, que permita a transformação da informação obtida em conhecimento aprofundado. Esta nova abordagem é disponibilizada pelas “redes informáticas” e a sua introdução na BE veio contribuir para que o ensino se modificasse a partir do início do século XXI. Se antes, o ensino tradicional baseado na exposição do professor e no estudo, por parte do aprendente, de um manual em que se apoia, teve como consequência um fraco incentivo para a aprendizagem de alguns tipos de aprendentes, em virtude de uma abordagem passiva e mecânica do conhecimento.

Assim, quanto mais eficiente e mais adequado for na escola o recurso à BE como local privilegiado para o desenvolvimento de hábitos de leitura e de frequência de bibliotecas, mais os atores passivos se transformam em agentes ativos com a ajuda das novas ferramentas digitais.

Hoje as potencialidades *online* são imensas. É fundamental estarmos onde estão os nossos aprendentes, por isso, o domínio da segunda geração da internet, - a Web 2.0 - permitirá segui-los e chamá-los a até nós. O emergir das redes e das comunidades de aprendizagem exige do sistema de ensino, o abandono de uma pedagogia centrada no

saber do professor para dar lugar à pedagogia baseada na partilha, na interação e na colaboração. Uma perspectiva humanista e construtivista, centrada no aprendente, segundo o qual a escola deve desenvolver capacidades e competências que lhes permitam aprender a aprender, a saber ser e a resolver problemas, isto é, deve preparar para a aprendizagem ao longo da vida numa sociedade em que o volume de informação e do conhecimento crescem rapidamente e estão em permanente mudança.

À BE cabe uma tarefa determinante: incentivar e apoiar a escola na mudança, motivar para a partilha e troca de conteúdos e não ser unicamente consumidora. Acrescentaríamos, ainda, que outra das nossas tarefas será o de dar a conhecer o que de novo vai surgindo na Web 2.0 e que de alguma maneira poderá vir a ser útil, dado que muitos dos nossos aprendentes não se mostram muito motivados para a frequência de um ensino centrado no conteúdo e no docente.

O sistema educacional tem demorado a reconhecer o impacto das novas ferramentas e as mudanças do meio no que significa aprender. À medida que o docente bibliotecário e os docentes usam mais frequentemente a plataforma Web 2.0, que pode ajudar a transformar a forma como se ensina e se aprende, não em contexto restrito de sala de aula, mas num contexto mais abrangente, a BE tem vindo a constituir-se numa estrutura transversal à escola, particularmente pela dinâmica na motivação para a leitura, “um papel central no suporte às aprendizagens, no desenvolvimento de competências de informação e na formação de leitores, as bibliotecas instaladas pela RBE têm deixado uma marca de qualidade, reconhecida na maioria das escolas” (RBE, 2008: p.2).

A BE, através do docente bibliotecário tem assim um papel decisivo na promoção da leitura, no desenvolvimento das literacias e na aquisição de competências de informação por parte do aprendente, designadamente: “capacidade de entender suas necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável” (Campello, 2009: p. 13).

3.4. O papel do docente bibliotecário atual

O progresso tecnológico, em especial na área da informação e comunicação, passa por transformações que atingem a escola atual, que a cada dia se depara com mais

uma inovação tecnológica. O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação teve como uma das consequências a expansão da informação, caracterizada pela enorme quantidade, diversidade e capacidade da sua reprodução ilimitada. Estas mudanças, abrangendo as instituições, tornam necessário que a escola perceba a necessidade de rever os seus benefícios e obrigações, e uma nova relação com o utilizador da informação, para que não se demita diante das TIC.

Surge assim, a criação da figura do docente bibliotecário através da portaria n.º 756/2009 de 14 de julho que estabelece o conteúdo funcional deste agente educativo e reconhece a sua importância na dinamização de uma biblioteca escolar.

Atualmente, todas as afinidades nos encaminham para a configuração do ciberespaço. Um espaço de múltiplas ligações e possibilidades em função de milhões de páginas na internet que se expandem em todas as direções. Assim, fica claro que a biblioteca escolar necessita de se tornar numa rede multimédia de informação ou, como sugere Serra e de Luca Pretto (2009: p.137), um centro de referência digital, aceitando “novos desafios como uma oportunidade de modernização da imagem e do papel da biblioteca, de criação e dinamização de uma nova geração de serviços e produtos, a fim de conquistar crianças e jovens, ter visibilidade e espaço na escola e na sociedade de informação”. Estas competências correspondem ao conceito de “*literacia de informação*”.

Em 1998, a American Association of School Librarians (AASL) e a Association for Educational Computing and Technology (AECT) publicam o “Information Power: Building Partnerships for Learning” e utilizam pela primeira vez o termo “Information Literacy” definido como “the ability to find and use information”. O documento defende que o docente bibliotecário deve procurar ativamente, enquanto especialista em informação, integrar a literacia da informação no currículo. Para tal deve atuar de forma antecipada, isto é, agindo como um parceiro dos docentes, procurando articular com eles, nos campos de planificação, lecionação e avaliação do currículo. O docente bibliotecário deve assegurar-se de que os aprendentes adquiram ferramentas no campo da literacia de informação. De acordo com Todd (2003: p.27), o conceito de literacia da informação é inseparável da produção de “ [...] experiências de aprendizagem explícitas, sistemáticas, integradas e contextualizadas que promovam o desenvolvimento de competências e sejam capazes de inculcar nos alunos um conjunto

de valores e atitudes relacionados com o uso adequado da informação”.

O Programa Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) refere que o crescimento do volume de informação, a diversidade de meios de difusão e acesso às fontes, possibilitada pelo avanço tecnológico, alteram por completo as formas tradicionais do trabalho escolar.

Contudo, apesar de se defender a integração dos recursos da biblioteca escolar na prática letiva, de forma a empreender processos de ensino e aprendizagem centrados no uso da informação que o aluno transformará em conhecimento, essa integração permanece ainda no domínio do desejável. A biblioteca ainda é vista como um recurso menor dentro da comunidade educativa.

Ao docente bibliotecário é exigido um papel determinante na dinâmica da escola, nomeadamente o seu contributo para uma maior capacidade a vários níveis, relegando para primeiro plano o fomento de práticas colaborativas entre a sua equipa e os restantes docentes, promovendo-se a aprendizagem baseada no trabalho de pesquisa em recursos de informação disponíveis pela BE no sentido da promoção da leitura.

Através de uma atitude proativa, deve ser, ainda, capaz de responder aos desafios colocados pelas novas literacias e à aquisição das respetivas competências. Sabemos que “a rapidez das inovações tecnológicas nem sempre corresponde à capacitação dos professores para a sua utilização, o que muitas vezes resulta na utilização inadequada ou na falta de uso dos recursos tecnológicos disponíveis” (Cruz & Carvalho, 2007: p.241). No entanto, conhecendo que a missão de orientar os percursos individuais de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento de competências, o docente bibliotecário tem, hoje, a oportunidade de desempenhar um papel fulcral na criação de um novo tipo de ambiente de aprendizagem, se conseguir transformar a biblioteca escolar num laboratório de pesquisa e aprendizagem, proporcionando a toda a comunidade educativa o acesso a uma multiplicidade de recursos e suportes de aprendizagem, de acordo com o currículo e os conteúdos programáticos.

De acordo com o artigo 8.º do despacho n.º 17860/2007, do artigo 9.º do despacho n.º 19117/2008 e do artigo 3.º da portaria 756/2009 de 14 de julho, vejamos algumas das competências mais significantes do docente bibliotecário:

- a) promover a integração da biblioteca na escola (projeto educativo, curricular, regulamento interno);
- b) assegurar a gestão da biblioteca e dos recursos humanos e materiais a ela

afetos;

c) definir e operacionalizar, em articulação com a direção executiva, uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;

d) coordenar uma equipa, previamente definida com o conselho executivo; e) apoiar as atividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas da escola;

f) promover o uso da biblioteca e dos seus recursos dentro e fora da escola;

g) representar a biblioteca escolar no Conselho Pedagógico, sempre que o regulamento interno o preveja;

h) estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projetos de parceria com entidades locais;

i) apoiar atividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de atividades ou projeto educativo da escola;

j) implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de autoavaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE)².

Deste conjunto legislativo sobressai, por um lado, a concordância e reciprocidade com a documentação e prática internacional, nomeadamente com as linhas de orientação da IFLA (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e Bibliotecas), e por outro, ao enumerar as competências, as funções e o perfil funcional que deverá possuir o docente bibliotecário, a abrangência técnica e pedagógica dessas competências:

“O bibliotecário está envolvido na programação para o desenvolvimento curricular, em colaboração com os gestores da escola, os administradores e os professores. Ele tem o conhecimento e as competências relacionados com o fornecimento da informação e a resolução de problemas de informação, bem como a perícia na utilização de todas as fontes, impressas e eletrónicas. O seu conhecimento, as suas competências e a sua perícia vão ao encontro das necessidades de uma comunidade escolar específica. Para lá disso, ele deve conduzir campanhas de leitura e a promoção da literatura, dos media e da cultura para crianças”. (IFLA/UNESCO: 2002)

Nesta ordem de ideias é pedido ao docente bibliotecário que assuma uma atitude proativa e interventiva, quer ao nível pedagógico, quer de inserção da biblioteca na escola e nos *curricula*. Assim, pretendemos desenvolver um projeto de intervenção que destaca a contribuição das ferramentas da Web 2.0 para o papel educativo da biblioteca escolar numa escola de 1.º ciclo do Ensino Básico.

É neste contexto de transformação social que o docente bibliotecário, enquanto

² Transcrição parcial e adaptada.

mediador, deverá desenvolver iniciativas que encorajem e incentivem o aprendente a ler, a ouvir e a escrever, potenciando a implementação de estratégias e técnicas de animação de leitura que conduzam o leitor ao ato de ler por prazer.

3.5. Ferramentas Web 2.0: um desafio para a BE

De alguns anos a esta parte, com o aparecimento do Plano Tecnológico da Educação, em 2007, as novas tecnologias de informação e comunicação têm entrado na escola e nas bibliotecas. Os equipamentos tecnológicos de última geração têm dotado as escolas através dos diversos programas: *e-escolinhas* e *e-escolas*, de computadores, projetores, quadros interativos, internet, entre outros.

Por outro lado, as transformações ocorridas nas duas últimas décadas, provenientes do aperfeiçoamento da *World Wide Web*, do desenvolvimento tecnológico, a criação de ferramentas que facilitam o acesso à internet, em qualquer lugar e a qualquer hora, têm eco na forma como os aprendentes preferem trabalhar na sala de aula ou na biblioteca.

Se no século XV, McLuhan utilizou a expressão “Galáxia Gutenberg” para qualificar o enorme impacto da imprensa na sociedade, agora, Castells recupera esse termo para demonstrar a importância e o impacto da Internet. “Entramos agora num novo mundo da Comunicação: a Galáxia da Internet” (2004: p.16).

Por esse motivo, as competências de pesquisa, seleção e tratamento da informação passam a ser requisitos indispensáveis a qualquer aprendente. Deste modo, o contributo da biblioteca tem que ser orientado de modo a receber novos públicos e serviços que a emergência da Web 2.0 veio criar.

Em 2004, Tim O’Reilly, utilizou pela primeira vez o termo Web 2.0 para designar uma segunda geração de comunidades³ e serviços, a nova geração de software baseada na plataforma Web. O termo não se refere a uma nova versão Web, mas a uma mudança na forma como a internet é encarada pelos utilizadores, ou seja, “o relevante é permitir, incentivar e aproveitar a participação de todos, pois na medida em que utilizam o produto contribuem para melhorar a qualidade do mesmo” (Davis 2005).

A relação biblioteca/utilizador despertou interesse nos profissionais da área,

³ “grupos de seres humanos vistos como uma unidade social” definição da revista, Ordem dos Enfermeiros. XI Seminário de Ética: Responsabilidade para com a comunidade; Nº 37, Jun, 2011, p.40

depois do termo *Library 2.0* sugerido em 2007, no blogue *LibraryCunch*, de Michael Casey, para qualificar a *Library 2.0* como um conjunto de princípios e práticas que interligam uma rede de sítios e serviços com os quais os utilizadores interagem e aos quais acrescentam valor. É uma mudança no ponto central de ter as bibliotecas a decidir o que é melhor para os seus utilizadores, para deixar os utilizadores decidirem o que querem, como é que o querem alcançar e como é que os podemos servir melhor. Se antes a Web era estruturada por meio de sítios que disponibilizavam conteúdos *online*, de maneira estática, sem a possibilidade de interação, agora é possível criar uma conexão por meio de comunidades de utilizadores com interesses comuns. Segundo o mesmo autor, mais do que uma tecnologia, a Web 2.0 pode então ser definida como uma nova atitude e como uma nova forma de as pessoas se relacionarem com a internet: a rede deixa de ligar apenas máquinas e passa a unir as pessoas, um processo com implicações sociais profundas.

Para Maness (2006), a particularidade de uma biblioteca 2.0 passa por quatro elementos fundamentais:

- Centrada no aprendente. O utilizador participa na criação de conteúdos e serviços disponibilizados na Web pela biblioteca.

- Disponibiliza uma experiência multimédia. Tanto as coleções como os serviços da biblioteca 2.0 contêm componentes, vídeo, áudio, realidade virtual.

- Socialmente rica. Interage com os utilizadores quer de forma síncrona (por ex: IM – mensagens instantâneas) quer de forma assíncrona (por ex: Wikis).

- Inovadora ao serviço da comunidade. Procura constantemente a inovação e acompanha as mudanças que ocorrem na comunidade, adaptando os seus serviços para permitir aos utilizadores procurar, encontrar e utilizar a informação.

Para conseguir que uma biblioteca escolar responda a estes objetivos, David Lee King, bibliotecário de Topeka & Shawnee County Public Library, apresentou em 2007 um texto a que chamou “as ondas da biblioteca 2.0”. King baseou-se nas ondas que uma pedra criava ao cair num lago e explicava, de uma forma gráfica, a transformação de uma biblioteca tradicional numa biblioteca 2.0 (anexo A, figura 01):

1 – Começando pelo centro, temos a biblioteca “tradicional”, o ponto de partida.

2 – Enriquecendo a biblioteca tradicional: as bibliotecas dão conta de que os motores de busca, as bases de dados *online* e a referência através do correio eletrónico podem melhorar os seus serviços tradicionais, pois ainda não se deram conta de que estas ferramentas podem constituir serviços por si mesmos, em lugar de estarem

simplesmente a ser melhorados.

3 – Mudança de horizonte: as bibliotecas dão-se conta que os serviços do século XXI podem manter-se por si próprios. As bibliotecas começam a ver novas tendências e percebem que para responder às procuras atuais e futuras têm de mudar.

4 – Projetos-piloto: a biblioteca experimenta com estas ferramentas, aprende acerca da biblioteca 2.0, começa a editar blogues. Aos utilizadores é permitido “interagir” com estas tecnologias e aplicações, manter conversas digitais, experimentar os vídeos, *podcasting*, media, etc.

5 – Participação do utilizador: a biblioteca começa a desenvolver a sua página *web* como complemento digital da biblioteca. Oferece aos utilizadores participação em vez de somente informação. Esta participação pode ser feita de uma forma muito variada, e a biblioteca dá-se conta que esta mudança é um progresso.

6 – Envolvimento da comunidade: este é o objetivo, a biblioteca e a sua comunidade local criam uma comunidade digital através da sua sucursal digital.

Em síntese, para entender a biblioteca escolar, face aos desafios colocados pela Web 2.0, é necessário compreendê-la no contexto da sua missão e objetivos, no contexto da escola e dos diferentes modelos de aprendizagem na construção do conhecimento.

Este novo paradigma exige o alargamento das literacias implicadas no acesso à informação e à construção do conhecimento, numa sociedade em rede e onde a informação, se encontra à distância de um clique.

À biblioteca escolar, mais do que criar repositórios de informação com ligações à leitura, ao entretenimento e aos vários domínios curriculares, cabe uma enorme tarefa: a de preparar o seu público-alvo para as literacias necessárias ao acesso e ao uso da informação em ambientes digitais.

3.6. Redes sociais na biblioteca escolar

Sem pretendermos situar historicamente a expressão ‘redes sociais’, tendo como base os campos da sociologia, antropologia, informação e comunicação, por serem essas as áreas aonde a noção de redes teve a sua origem, o presente trabalho aborda os seus diferentes usos associados à internet.

Ao apresentar o que denomina “o paradigma da informação” Castells (2002b: p.78) identifica a lógica de redes como uma das características de qualquer sistema nas novas tecnologias da informação devido à complexidade das interações, que utilizam o

termo rede no sentido de meio de acesso à informação, contacto com grupos ou pessoas através de redes de computadores.

Para o mesmo autor: “a presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de denominação e transformação da nossa sociedade” (*idem*: p.497).

Para Castells, as redes são estruturas abertas com possibilidade de expansão ilimitada, pois afirma:

“essa é a nova estrutura social da Era da Informação, por mim chamada de sociedade em rede porque é constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais os quais, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço” (*idem*: p.430).

Nos últimos anos vem ocorrendo uma mudança significativa da sociedade no que diz respeito à utilização da internet, transformação que se espera cada vez mais acelerada, com o aperfeiçoamento da tecnologia. Quando surgiu a internet, os utilizadores consultavam páginas web e trocavam *e-mails*, hoje, assistimos ao estabelecimento de relações informais e formais, recorrendo às redes sociais.

Com as novas tecnologias, as redes sociais tornaram-se um dos prodígios da atualidade. As redes surgiram como uma nova forma de interação social, definidas por Guedes da Silva como “espaços virtuais onde se desenrolam ações de interação entre os seus participantes que culminam no estabelecimento de relacionamentos sociais, formando estruturas sociais complexas como são as redes sociais ou comunidades” (2007: p.17).

Com o emergir da internet surgiram novas ferramentas de diálogo, de relacionamento e interação em várias direções, em sistema aberto, quebrando as barreiras físicas do conceito de comunidade. Surgiram as comunidades virtuais de interação que vão para além da comunicação, servindo muitas vezes para ligar as pessoas em torno de causas comuns.

Este ambiente de interação social pode também ser propício a uma educação em ambientes virtuais de ensino, assegurando mecanismos na aquisição do conhecimento, para desenvolver o espírito crítico e para potenciar o nível de interação social *online*.

Escrever *online* é estimulante para docentes e para os aprendentes. Neste momento, a comunidade educativa pode, com toda a facilidade, escrever *online* no blogue, gravar documentos das mais diversas formas e tipos *online* (textos, arquivos, imagens, fotos, música, etc.), ou disponibilizar um filme no YouTube. O ambiente de

trabalho deixa de estar no computador pessoal do professor e passa a estar *online*, sempre acessível, a partir de qualquer lugar com acesso a internet. A um clique pode aceder aos favoritos no Diigo, aos seus textos, gráficos ou apresentações no Google Docs, às suas imagens no Flickr ou no Picasa.

Novos espaços de conhecimento emergiram no início deste milénio, um período da história em que importantes eventos ocorrem com uma enorme rapidez. Tal como nos refere Castells (2002a: p.33) “um período caracterizado pela transformação da nossa cultura material operada por um novo paradigma organizado em torno das tecnologias de informação”. Neste sentido, cabe à escola o importante papel de se atualizar e de apetrechar os seus aprendentes de competências básicas para atuar como cidadãos livres e ativos.

Nesta mudança de paradigma da educação pensamos que as bibliotecas escolares favorecem a emergência de novos contextos de aprendizagem e o desenvolvimento das literacias. No novo paradigma do mundo digital e funcionamento em rede, a biblioteca escolar estimula o conhecimento e a aprendizagem na atual sociedade da informação. De uma forma sucinta, Nunes sustenta que nos encontramos perante um “novo paradigma das bibliotecas escolares enquanto ambientes de aprendizagem abertos. O papel das bibliotecas escolares é questionado e revisto à luz de um novo paradigma civilizacional, no qual elas se concebem como ambientes alfabetizadores e promotores de literacias” (2006: p.34).

O conceito de redes sociais na internet é hoje utilizado para nos referirmos ao enorme desenvolvimento e popularidade que aplicações Web 2.0 (Facebook, Twitter, YouTube, Blogue, Diigo, outras) adquiriram, alcançando milhões de utilizadores no dia a dia. Estas aplicações suportam uma rede de interação social, ligando pessoas e proporcionando a comunicação. Através da gravação de perfis, com dados e informações de carácter geral e específico, que podem ser consultados por outras pessoas, foram criadas redes de relacionamento e interação, e comunidades de utilizadores.

Com o aparecimento das redes sociais, várias ferramentas são apresentadas com o objetivo de facilitar aos docentes e educadores a sua inserção em contexto educativo. Cada vez mais os aprendentes estão motivados para as tecnologias e menos motivados para os métodos tradicionais de ensino. Por isso, acreditamos que para conseguir formar

os nossos aprendentes, o docente tem a obrigação de adaptar os seus métodos de ensino às novas tecnologias. Assim, torna-se muito importante que, no contexto da biblioteca escolar, se use e se aprenda a utilizar as novas ferramentas da Web 2.0.

4. DESTINATÁRIOS E CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino” (Paulo Freire, 2001).

O grupo-alvo do projeto de intervenção é constituído por vinte e um aprendentes de 3.º ano e trinta e sete de 4.º ano de escolaridade, a frequentar a Escola Básica do Primeiro Ciclo de Lage, do Agrupamento de Escolas de S. Martinho.

A exercer funções docentes nesta escola desde 2003 e de bibliotecário a partir de 2009, motivou-nos o papel de investigador para desenvolver este estudo na biblioteca escolar da mesma escola.

Apesar das mudanças ocorridas nos últimos anos, na área das bibliotecas escolares (legislação, reorganização e equipamento de espaços, formação, etc.), as funções que temos vindo a exercer permitiram observar que muitos elementos da comunidade educativa continuam a considerar a biblioteca como o local onde estão arrumados, de forma organizada, livros, computadores e vídeos, ou o local para onde poderão ser enviados os aprendentes sem uma tarefa definida, quando não está presente o docente titular de turma. A maioria dos docentes não se desloca à BE para conhecer minimamente o fundo documental, pelo menos o referente à sua área disciplinar, ou os serviços disponibilizados pela biblioteca. Com frequência é pedido aos aprendentes que elaborem trabalhos sem, previamente, se procurar saber se os mesmos têm à sua disposição bibliografia que lhes permita dar resposta ao que lhes foi solicitado. Os aprendentes, na sua maioria, deslocam-se à biblioteca para requisitar o empréstimo de livros, visionarem um filme, participarem na hora do conto, visitarem sítios de jogos na internet, fazer o jogo de damas, do galo, do dominó, montar um puzzle, etc. Os pais, na sua maioria, não conhecem a biblioteca da escola do educando, apesar de terem sido convidados. O regulamento da biblioteca permite praticar empréstimo aos encarregados de educação. Estes, normalmente, também não são frequentadores da biblioteca pública. Tudo isto porque se desconhece a organização e o funcionamento da biblioteca escolar mantém-se uma cultura de ensino baseada no recurso único, o manual, porque ainda não está implementado nas nossas práticas letivas o ensino baseado em múltiplos recursos e

sobretudo porque ler, ainda não é um hábito enraizado na nossa comunidade educativa.

Foi neste contexto que encontramos a comunidade educativa, mantendo-se uma cultura de práticas pedagógicas há muito esgotadas, não sendo a leitura e a frequência de bibliotecas um hábito cultural.

4.1. Caracterização da freguesia

A atual freguesia de S. Miguel de Vilarinho, perto de Vizela, tem história; por certo, aquela que lhe sucede do seu secular mosteiro com a admirável igreja românica.

Atualmente, a freguesia, em plena fronteira com o Douro e Minho, pertence ao concelho de Santo Tirso, distrito do Porto e situa-se à beira da margem esquerda do rio Vizela. De acordo com os dados recolhidos nos censos de 2001, Vilarinho tem uma população de 4036 habitantes.

O nome desta terra, que indica um pequeno vilar ou lugarejo, aparece pela primeira vez, no testamento da Condessa Mumadona de Guimarães, em 959.

Vilarinho, com a indústria têxtil, tão presente no vale do rio Vizela, desenvolveu-se bastante do ponto de vista populacional, criou algum dinamismo de sentido coletivo, dando até ocasião ao aparecimento de iniciativas sociais, culturais e políticas, sobretudo depois do aparecimento das fábricas têxteis.

Se nos centralizarmos na rede escolar de Vilarinho podemos verificar que existem três escolas. Uma a mais antiga, a velha escola primária, hoje Jardim de Infância da Bóca. Na década de cinquenta nasce a EB de Lage, e a mais recente, a EB/J.I. de Paradela. Todas as escolas se encontram pouco distantes entre si. No ano letivo de 2003/2004, passaram a integrar o Agrupamento de Escolas de S. Martinho, de acordo com o Projeto Educativo.

4.2. Caracterização da escola

No momento da recolha de dados, frequentam a escola básica da Lage cento e trinta e um aprendentes (sessenta e duas raparigas e sessenta e nove rapazes), com idades compreendidas entre os seis e os dez anos, dos quais quatro frequentam o apoio educativo. Tem seis docentes titulares de turma, quatro nas atividades de

enriquecimento curricular, um docente (sem turma) coordenador do departamento do 1.º ciclo e do estabelecimento, um docente bibliotecário, quatro assistentes operacionais e duas auxiliares de cozinha da responsabilidade da associação de pais.

A nível físico, é uma escola do tipo de plano centenário, com dois pisos e oito salas, uma transformada em biblioteca escolar em 2009, com o apoio da Rede de Bibliotecas Escolares. Há um espaço com casas de banho, dois pequenos pátios cobertos e um logradouro amplo e vedado. Numa das partes do logradouro, o espaço foi adaptado a um polivalente de desporto. Existe, ainda, um refeitório e uma cozinha.

A escola situa-se num meio sócio-económico pouco favorecido, periférico em relação à sede do concelho de Santo Tirso.

4.3. Caracterização da Biblioteca Escolar

A biblioteca da escola encontra-se em pleno processo de implementação do Programa da Rede de Bibliotecas Escolares iniciado no ano letivo de 2009/2010. A equipa da BE é formada por um docente e uma assistente operacional. O fundo documental da biblioteca está catalogado e informatizado, com um acervo estimado em cerca de 2300 livros. A organização do fundo documental da biblioteca é da responsabilidade do docente bibliotecário, em colaboração com o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares.

É constituída por uma zona de acolhimento, uma zona de consulta e leitura, uma zona de leitura informal (áudio, vídeo e dvd) e uma zona informática.

A zona de acolhimento inclui um balcão, destina-se ao atendimento e ao serviço de empréstimo domiciliário com acesso ao fundo documental por computador através do programa Porbase 5.

Na zona de consulta e leitura é possível trabalhar em grupo, pesquisar, ler livros, jornais, revistas e consultar dossiês temáticos.

Na zona de leitura informal existe quatro sofás, uma televisão ligada a um leitor de DVD e estantes para periódicos.

A zona de informática tem seis computadores com acesso à internet e à plataforma do projeto de intervenção.

Para informatizar o acervo existente foi escolhido o programa informático

Porbase 5 e dentro deste, o manuseamento da aplicação Catwin – Módulo de Catalogação.

Em conjunto com a aplicação Pacwin – Módulo de Pesquisa, importamos ficheiros para a nossa própria base de dados, partindo de um dado volume que temos em mão. Assim, através do ISBN ou do Depósito Legal, ou mesmo pelo título ou autor, procuramos o volume na Porbase 5 e fazemos uma importação direta no campo “Registo” do Catwin.

De extrema importância é a aplicação Usewin na medida em que automatiza o controlo da circulação e utilização das obras existentes numa biblioteca, bem como a gestão da base de dados de leitores e empréstimo domiciliário dessas mesmas obras.

É intenção manifesta do docente bibliotecário em articulação com os docentes da escola, a introdução das Redes Sociais e ferramentas Web 2.0 na BE, dinamização das TIC, melhorar o processo de ensino-aprendizagem e proporcionar a aquisição de novas competências leitoras.

As ferramentas da Web 2.0 têm permitido o aumento do número de docentes e aprendentes que partilham *sites* favoritos, mensagens, textos e imagens fora da proteção e da formalidade da sala de aula. O facto é que a utilização das ferramentas da Web 2.0, no dia a dia dos aprendentes, tem impulsionado, também, a sua utilização como recurso pedagógico.

Como menciona Liccardi *et al.* (2007), as ferramentas Web 2.0 têm vindo a ganhar popularidade e crédito pedagógico. Para além do que, como menciona Carvalho (2007), ao levar os aprendentes a utilizarem essas ferramentas estamos a cooperar para o desenvolvimento e preparação de cidadãos competentes para a sociedade da informação e do conhecimento.

Segundo Todd (2012: p. 2), “a marca de uma biblioteca escolar no século XXI não é ditada pelas suas coleções, os seus sistemas, a sua tecnologia, o seu quadro de pessoal, os seus edifícios, mas as suas ações e evidências que mostram que a BE faz uma diferença real para a aprendizagem do aluno”.

Desta forma, a equipa da BE preocupa-se em desenvolver um conjunto diversificado de ações dirigidas à promoção da leitura e ao desenvolvimento de atividades de leitura autónoma, de leitura orientada e de leitura em ambiente familiar.

5. OBJETIVOS DO PROJECTO

“A investigação-acção é um excelente guia para orientar as práticas educativas, com o objetivo de melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem na sala de aula”. (R. Arends)

Os objetivos do projeto foram enunciados como resposta à seguinte pergunta de partida: Serão as redes sociais, na biblioteca escolar, uma oportunidade para promover a leitura?

Para dar resposta a esta questão, propomo-nos a operacionalizar o projeto com uma turma de 3.º ano (21) e duas turmas de 4.º ano (37) de 1.º ciclo e a avaliar o processo desenvolvido. Assim, o projeto de intervenção tem como principal objetivo esboçar e operacionalizar um programa para o desenvolvimento e avaliação de práticas de promoção da leitura, com aprendentes do 1.º Ciclo.

Objetivos gerais:

- promover a leitura com recurso às redes sociais;
- conquistar o aprendente para a leitura;
- desenvolver a autonomia do aprendente;
- estabelecer pontes com redes de conhecimento;
- valorizar o potencial do livro na articulação dos saberes;

Objetivos específicos:

- criar Redes Sociais na BE;
- adquirir competências para gerir fontes de informação;
- utilizar os serviços e recursos da BE;
- dominar algumas ferramentas Web 2.0;
- aprender a pesquisar, tratar e transformar a informação em conhecimento;
- manusear e produzir informação para o blogue da BE;
- divulgar os serviços da BE;
- disponibilizar publicações dos aprendentes na Rede Social;

Docentes e aprendentes recorrem a ferramentas de trabalho, para as quais precisam de aprofundar as suas competências tecnológicas. Mas, dado o ritmo da evolução da informação e do conhecimento, é necessário definir na educação, “a aquisição da capacidade intelectual necessária para aprender a aprender durante toda a vida, obtendo informação armazenada digitalmente, recombina-a e utilizando-a para produzir conhecimento para o objetivo desejado em cada momento” (Castells, 2004: p.320).

Examinando o padrão teórico acima referido e atendendo às potencialidades das novas ferramentas tecnológicas da - Web 2.0 - propomo-nos conceber, implementar e avaliar um modelo, em que o aprendente passa de simples consumidor para produtor da informação e do conhecimento. Este modelo, baseado na aprendizagem pela pesquisa orientada, em contexto de biblioteca escolar, direciona o aprendente, permite ao docente acompanhar o raciocínio, orientá-lo e participar em todo o processo e, ainda, enriquece a própria biblioteca com os trabalhos multimédia do aprendente devidamente avaliados e catalogados.

Este paradigma não se resume apenas nas novas ferramentas e serviços disponibilizados, mas na nova forma de interação com as mesmas, que faz com que a partilha da informação e do conhecimento entre os utilizadores da rede global aconteça de forma rápida e sem barreiras tecnológicas. As ferramentas da Web 2.0 podem promover atividades que levem os aprendentes a trabalhar de forma tanto cooperativa como colaborativa possibilitando outras formas de interação e contacto entre os aprendentes, os docentes e os encarregados de educação.

Assim, o objetivo deste estudo consiste em averiguar e compreender qual a melhor ou melhores opções para que a biblioteca e os seus serviços sejam convenientemente utilizados, de forma que os docentes considerem a BE como um recurso pedagógico e o aprendente possa atingir um elevado nível de utilização autónoma dos serviços da biblioteca escolar.

Esta produção de informação constitui um contributo para promover práticas de inovação curricular na área da animação da leitura, quer na comunidade escolar, quer na sociedade envolvente, dada a possibilidade de abertura da biblioteca escolar ao ciberespaço.

6. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

“Tal como os marceneiros não podem construir mobílias sem um conjunto de ferramentas adequadas, os alunos não podem construir significado se não tiverem acesso a um conjunto de ferramentas intelectuais que os ajudem a reunir e construir conhecimento” (Jonassen 2007)

6.1. Metodologia

Para atingir os objetivos do estudo optamos pelo modelo da investigação-ação, com a finalidade de melhorar o contexto de ensino-aprendizagem onde vamos intervir. Pretendemos aprofundar a compreensão do contexto, de forma a poder identificar problemas e agir sobre eles. Para enriquecer esta abordagem passamos a citar Bogdan e Biklen, (1994: p.266)

“do ponto de vista dos procedimentos metodológicos e técnicos utilizados nesta modalidade de investigação ação [...] o que a distingue basicamente é a circunstância de ser desencadeada por alguém que tem necessidade de informação/conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução”.

Tendo como referência algumas das orientações metodológicas que fazem parte do perfil profissional do docente tais como o planificar e expor conteúdos programáticos, surge hoje em dia a importância de redefinir competências chave para que o docente possa agir de acordo com as mutações emergentes da sociedade da informação. Tendo em atenção as mudanças daí decorrentes, torna-se necessário colmatar determinadas competências dos nossos aprendentes, para poderem fazer face às necessidades de aprendizagem, do mercado de trabalho e de lazer, subsequentes da atual sociedade da informação. Desta forma, “se queres compreender uma certa realidade, procura mudá-la (*idem*, p. 253).

Também nós desejamos encontrar novas formas de promover a leitura, utilizando as redes sociais na biblioteca escolar como meio de impulsionar e preconizar o acesso à pesquisa, tratamento e difusão de informação significativa para o utilizador. Em simultâneo, compreender o impacto que a utilização das ferramentas web 2.0 causa ao nível do aprendente.

O presente estudo enquadra-se no contexto do paradigma da investigação-ação que enfatiza a compreensão da realidade na sua complexidade e não como algo simples

que possa ser descrito apenas por números e estatísticas.

6.2. Opções metodológicas

Para a realização deste estudo optámos pela utilização de métodos qualitativos e quantitativos. Na opinião dos investigadores os métodos qualitativos permitem uma compreensão mais profunda de um problema específico. Por outro lado, recorrer a métodos quantitativos permite a obtenção de dados controlados, o que possibilita o tratamento estatístico dos mesmos.

No paradigma qualitativo, segundo Fernandes (1991), o investigador é o instrumento de recolha de dados e a legitimidade e credibilidade dos mesmos depende da sua honestidade e da sua experiência. Para Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa compreende a narração de dados descritivos, preocupando-se em retratar a perspectiva dos intervenientes e concedendo mais importância ao processo do que o produto. Estes autores identificaram cinco características que uma investigação qualitativa deve possuir:

Naturalista – o ambiente natural é a fonte de dados para o investigador que interage, de forma mais ou menos prolongada, com os sujeitos da investigação, sem os manipular ou controlar; os comportamentos, só podem ser compreendidos em contexto e as circunstâncias em que um objeto se insere são determinantes para que possamos compreendê-lo;

Descritiva – a recolha de dados recolhidos é sobretudo descritiva e ao proceder à sua recolha o investigador deve fazê-lo de forma rigorosa e detalhada; o material recolhido é normalmente, constituído por descrições de pessoas e situações, transcrições de entrevistas, fotografias, extratos de diferentes tipos de documentos;

Indutiva – o investigador analisa os dados de forma indutiva, isto é, os dados são analisados num processo “de baixo para cima”, em que se chega à compreensão dos fenómenos a partir dos padrões obtidos na recolha de dados, já que a preocupação central não é a de saber se os resultados são suscetíveis de generalizações, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados;

Holística – os estudos qualitativos procuram uma visão global da situação em estudo, considerando os diferentes pontos de vista dos participantes, o que confere a estes estudos uma qualidade humanística;

Processual – segundo Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa interessa-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados obtidos;

Sendo assim, a investigação qualitativa é descritiva, porque o investigador

interessa-se mais pelo processo do que pelos resultados e, tende a analisar os seus dados de forma indutiva, o que significa que o investigador não tem como objetivo principal confirmar as hipóteses pré-definidas.

No entanto, a investigação qualitativa apresenta também limitações. O facto de não haver variáveis de controlo, a questão da subjetividade do próprio investigador e o tempo que é necessário dedicar a este tipo de estudo podem condicionar os resultados da investigação.

Este foi também um dos nossos caminhos, ou seja, tentar verificar a forma de aceitação das nossas atividades pelos aprendentes, já que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente natural de ocorrência” (*idem*, p.48).

No contexto do tema em estudo, optamos por recorrer também a métodos quantitativos que permitem a obtenção de dados controlados, o que possibilita o tratamento estatístico dos mesmos. Apesar das diferenças conceptuais e metodológicas, são vários os autores que defendem a utilização de técnicas combinadas da investigação qualitativa e da investigação quantitativa - a chamada triangulação, que consiste numa estratégia de cruzamento de diferentes dados e perspetivas.

A progressiva mudança social verificada nas últimas duas décadas e a consequente diversidade de universos de vida, confrontam o investigador com novos contextos sociais e novas perspetivas. A triangulação assume-se como uma forma dessas novas perspetivas no campo metodológico.

Para compreender o conceito da triangulação, recorreremos a anteriores debates acerca dos modelos dominantes de análise dos fenómenos sociais: o modelo positivista e o modelo construtivista.

A abordagem quantitativa, que utiliza o método científico, tem a sua origem no positivismo do filósofo Auguste Comte, “pai” da sociologia. O positivismo assenta o conhecimento, basicamente, nos factos observáveis e afasta qualquer paradigma divergente. Para os defensores do positivismo, cada fenómeno é uma realidade objetiva capaz de uma só interpretação científica que o investigador deverá interpretar, positivamente, sem permitir que variáveis sociais, políticas, históricas ou pessoais possam influenciar essa análise.

No entanto, alguns princípios do positivismo conduziram ao surgimento do pós-positivismo que segundo Teresa Duarte (2009), a compreensão da realidade é construída baseada nos valores do próprio investigador, e pelo enquadramento teórico que o investigador costuma utilizar. Gradualmente, criado algum descrédito do positivismo, surgiu a expansão de outros paradigmas da investigação (o interpretativismo e o naturalismo), tornando-se o construtivismo o mais difundido e aceite. As novas propostas de abordagens fazem surgir a pesquisa participante, ou participativa, a pesquisa-ação e o estudo de caso.

A mesma autora refere Cupchik para afirmar que “os defensores dos dois paradigmas partilham o facto de ambos tratarem de fenómenos reais, com processos sociais, e de ambos terem de atribuir sentido aos seus dados” (Duarte, 2009: p.8). No mesmo sentido, este mesmo autor considera que as duas abordagens estão inter-relacionadas, contribuindo a investigação quantitativa para o reconhecimento de dados, e propiciando a investigação qualitativa a base do seu esboço.

Da combinação de técnicas de investigação qualitativa e da investigação quantitativa, surge Denzin um dos maiores defensores do método de triangulação, descrevendo quatro tipos diferentes de triangulação:

- *Triangulação teórica: diferentes perspetivas para interpretar um conjunto de dados de um estudo, ou seja, diferentes técnicas de recolha de dados recorrendo a diferentes fontes;*
- *Triangulação do investigador: consiste no cruzamento de vários pontos de vista de diferentes investigadores que procedem à comparação de resultados sobre o problema em estudo;*
- *Triangulação de dados: considera o uso de diferentes fontes no mesmo estudo, com indivíduos deferentes, num processo de investigação comparativa explorando as diferenças temporais e locais;*
- *Triangulação metodológica: refere-se a diferentes técnicas de recolha de dados para o estudo de um determinado problema de investigação;*

A nossa escolha, considerando o tema em estudo e os intervenientes da investigação, foi utilizar técnicas combinadas de triangulação de carácter qualitativo e quantitativo, aplicando questionários por inquérito aos docentes, aos aprendentes e aos encarregados de educação seleccionados para a amostra. No contexto do tema em estudo, pretendíamos obter o ponto de vista dos professores, visto que estes desempenham o papel de provedor ao preconizarem, nas suas práticas letivas, a utilização da biblioteca escolar, dos aprendentes como consumidores finais, dos encarregados de educação

como intervenientes intermédios e da necessidade de estabelecer pontes de ligação ao projeto de intervenção.

Para a recolha de dados utilizámos a técnica do método quantitativo que permite ao investigador a obtenção de dados controlados, recorrendo ao questionário por inquérito a aprendentes, a docentes e a encarregados de educação.

6.3. Análise de dados – 1.ª Fase

Nesta primeira fase em que se fazia um estudo de cariz essencialmente exploratório, tínhamos especial interesse que a amostra fosse constituída por utilizadores habituais da biblioteca escolar e de TIC. Trabalhamos na escola há sete anos, conhecemos bem os aprendentes, portanto, temos conhecimento do contexto escolar (físico, humano, educacional, social e cultural). Para Bodgan e Biklen (1994:48), “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto”.

A ordem das sessões de recolha de dados foi a que a seguir se apresenta:

- inquérito por questionário – a 1.ª fase decorreu entre 28 de fevereiro e 4 de março de 2011 para aprendentes, docentes e encarregados de educação;

- inquérito por questionário – a 2.ª fase decorreu no mês de junho e apenas para os 58 aprendentes inquiridos no projeto;

- entrevista aos aprendentes - a entrevista aconteceu no mês de junho, próximo do final do ano letivo;

O inquérito por questionário apresentado é constituído por questões fechadas, o que nos conduziu a um estudo de carácter quantitativo. Na elaboração do questionário, construímos uma estrutura simples usando uma linguagem clara e precisa. Entregue em mão a cada um dos participantes, após uma pequena sessão explicativa da razão de ser deste estudo, os destinatários preencheram o inquérito por questionário, tendo estado o investigador presente e ao dispor para esclarecer qualquer dúvida durante o preenchimento do mesmo.

A forma de distribuição dos inquéritos apoiou-se principalmente em três condições: evitar disparidades entre o número de inquéritos entregues e o de recolhidos; evitar inquéritos incompletos ou mal preenchidos e evitar que fossem à procura de

fontes para as respostas que desconheciam.

A amostra foi constituída por trinta e sete aprendentes do quarto ano de escolaridade e vinte e um do terceiro, seis docentes e cinquenta e cinco encarregados de educação, o que permitiu obter dados precisos dos sujeitos e reconhecer as suas opiniões (anexo D, Tabela 01).

O levantamento estatístico investigado é resultante da análise de questões sobre a integração da biblioteca escolar nas práticas pedagógicas dos docentes e para conhecer os hábitos de utilização das TIC.

Para facilitar a análise e interpretação dos resultados, optamos por apresentar os resultados e respetivas considerações obtidas, em primeiro lugar as relativas aos aprendentes, depois os docentes e, por fim, os resultados dos encarregados de educação.

6.3.1. Análise de dados obtidos no primeiro inquérito por questionário aos aprendentes – 1.ª Fase

Após a receção dos inquéritos por questionário (anexo C, questionário 01) procedemos à análise dos dados a fim de recolhermos o máximo de informação. Tal como afirma Bogdan & Biklen:

“a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (1994:205).

O inquérito por questionário foi posteriormente alvo de uma análise descritiva para calcular a percentagem de indivíduos relativamente ao género, ano de escolaridade, frequência da BE, utilização da BE, empréstimo domiciliário, tipos de apoio da BE, preferência documental, incentivos à leitura, competências tecnológicas, utilização da internet na BE, redes sociais na BE, opinião dos aprendentes relativamente à BE, bem como, comunicar por correio eletrónico.

Da análise de dados recolhidos destacamos as seguintes conclusões com base em práticas declaradas pelos aprendentes (anexo B – Gráficos):

- a amostra estudada representa trinta aprendentes do sexo masculino e vinte e oito do sexo feminino (gráfico 1);
- dos alunos inquiridos, frequentam o 4.º ano trinta e sete aprendizes (64%) e vinte e um (36%) de 3.º ano de escolaridade do ensino básico (gráfico 2);

- a maioria dos aprendentes são frequentadores habituais da BE e quinze visitam a BE diariamente (gráfico 3);
- a maioria dos aprendentes utiliza a biblioteca para requisitar livros (54), jogar (44) e para utilizar a internet (28) (gráfico 4);
- a maioria dos aprendentes requisita livros para ler uma ou duas vezes por semana (40), diariamente há quinze, uma ou duas vezes por mês há três (gráfico 5);
- a maioria refere que recebe apoio da BE para ler ou requisitar um livro (gráfico 6);
- a maioria dos aprendentes encontra os livros que pretende na BE (48), enquanto dez dizem que não encontram os livros que procuram (gráfico 7);
- a maioria dos aprendentes refere que há incentivos dos docentes para ler (57), apenas um diz que não recebe (gráfico 8);
- a maioria dos aprendentes diz que às vezes (48) participam em atividades de utilização do computador na BE acompanhados do docente de turma e dos colegas. Um pequeno número de aprendentes refere que nunca acontece (5) e outros cinco afirmam que o fazem sempre (gráfico 9);
- em relação à classificação das competências tecnológicas dos aprendentes, a maioria afirma-se de “Bom utilizador” (42), ao contrário dos docentes que os classificam de competência “Média” em termos de domínio dos computadores (gráfico 10);
- na opinião dos aprendentes o trabalho realizado pela BE motiva-os para ler mais (55) (questão 11.1), ajuda-os a encontrar livros interessantes (57) (questão 11.2), oferece atividades que os fazem gostar mais de ler (57) (questão 11.3), informa-os sobre livros, outras publicações ou atividades relacionadas com livros (48) (questão 11.4); nas Redes Sociais, a maioria afirma que BE não oferece formas de exprimir as suas opiniões através do blogue, facebook, ou do fórum (55) (questão 11.5) e não os ajuda a manusear as ferramentas Web 2.0 (57) (questão 11.6), (gráfico 11);
- a maioria dos aprendentes utiliza a internet para navegar e pesquisar (45) (questão 12.1); na utilização de livros digitais na BE regista uma igualdade, isto é, vinte e nove aprendizes gostam de consultar livros digitais e outros vinte e nove não o fazem (questão 12.2); em termos de segurança na internet, cinquenta aprendentes nunca ouviram falar disso e apenas cinco têm alguns conhecimentos (questão 12.3); todos os aprendentes inquiridos não utilizam o correio eletrónico na BE (58) (questão 12.4); a maioria dos aprendentes nunca utilizou as redes sociais (56) (questão 12.5); quarenta e nove revelaram que não sabem utilizar ou gerir fontes de informação (questão 12.6), (gráfico 12);

- relativamente ao uso das redes sociais na BE, oito afirmam que já participaram no facebook (questão 13.1); nenhum aprendiz participou no Diigo (questão 13.2); dez consultaram a Wikipédia (questão 13.3); quarenta e quatro dos aprendentes já utilizaram o You Tube (questão 13.4); quarenta e quatro dos aprendentes já consultaram o blogue (questão 13.5), (gráfico 13);

- a maioria dos aprendentes afirma que os computadores da BE respondem às suas necessidades e permitem realizar os seus trabalhos (50), (questão 14.1); a maioria tem computador em casa (54) (questão 14.2); com ligação à internet há trinta e nove (questão 14.3); habitualmente, a maioria não usa materiais multimédia e/ou *sites* educativos no estudo (33), (questão 14.4); cinquenta e seis aprendentes nunca utilizaram as redes sociais na BE (questão 14.5); em casa há vinte e quatro que utilizam as redes sociais (questão 14.6), (gráfico 14);

- a maioria dos aprendentes utiliza a internet na escola (56); em casa fazem-no trinta e sete e em outros locais há trinta e cinco (gráfico 15);

- em resposta à pergunta se comunicam por correio eletrónico, quarenta e dois responderam que não o utilizam; treze disseram que o utilizam para comunicar com familiares; ninguém comunica ou interage por correio eletrónico com docentes da escola (58), (gráfico 16);

6.3.2. Análise de dados obtidos no primeiro inquérito por questionário aos docentes – 1.ª Fase

A amostra foi constituída por seis professores, o que permitiu obter dados precisos dos sujeitos e reconhecer as suas opiniões.

O inquérito por questionário (anexo C, questionário 02) foi posteriormente alvo de uma análise descritiva para calcular a percentagem de docentes relativamente à utilização dos recursos da BE. No âmbito das suas funções docentes, quisemos saber se integram a utilização das TIC, se promovem os recursos da BE nos trabalhos de pesquisa dos aprendentes, as respetivas competências tecnológicas no uso das TIC, a produção de conteúdos e o trabalho colaborativo.

Depois de analisados e cuidadosamente tratados em computador, construíram-se gráficos, que possibilitam uma leitura mais rápida e eficiente, fornecendo os dados que se consideram relevantes ao estudo em causa (anexo B – Gráficos).

Destacamos as seguintes conclusões, com base em práticas declaradas pelos docentes:

- os resultados mostram que a maioria dos docentes (4) frequenta a BE muito raramente e de forma irregular (gráfico 17);
- os docentes são unânimes em afirmar que utilizam a biblioteca para realizar trabalho pessoal e profissional (6); Ver vídeos ou dvd (5) e selecionar/requisitar materiais para a sala de aula (3), (gráfico 18);
- das três situações mais frequentes de integrar os recursos da BE nas funções do docente três participam em atividades organizadas pela BE e relacionadas com a leitura; aceder aos computadores para realizar trabalhos (2) e para incentivar os aprendentes a ir à BE para ler e requisitar livros relacionados com temas do currículo (1), (gráfico 19);
- a maioria dos docentes classificaram o nível de recursos tecnológicos facultados pela BE de “Bom” (4) e os restantes de “Muito Bom” (2), (gráfico 20);
- três dos docentes nunca integraram competências de informação na planificação e tratamento das diferentes unidades curriculares, ocasionalmente há dois e um faz regularmente (gráfico 21);
- a maioria dos docentes não promove a utilização da BE, na sua prática letiva, ou dos seus recursos nos trabalhos de pesquisa efetuados pelos seus aprendentes (5) e ocasionalmente há um (gráfico 22);
- por maioria, os docentes referem que os seus aprendizes não levam orientações para executar tarefas ou consultar bibliografia na BE (5) e um faz ocasionalmente (gráfico 23);
- três dos docentes classificaram de “Boas” as suas competências pessoais para usar os serviços e equipamentos da BE, enquanto quatro classificaram de “Médias” as competências para uso das TIC e três consideram de “Fracas” as suas competências para explorar diferentes materiais e usá-los em situações de ensino-aprendizagem, (gráfico 24);
- a maioria dos docentes considera de “Fracas” as competências dos aprendentes para usar os serviços e equipamentos da BE (4); a maioria dos docentes considera de “Médias” as competências dos aprendentes para uso das TIC (4) e também de “Médias” para explorar diferentes materiais, elaborar trabalhos e apresentá-los (4), (gráfico 25);
- por unanimidade, os docentes estão em concordância relativamente ao trabalho da BE no âmbito da leitura, conforme expressa o parâmetro 10.1; 10.2; 10.3; 10.4; 10.6; 10.8 e 10.11 (6); também por unanimidade, no parâmetro 10.10, afirmam desconhecer qualquer trabalho na BE com recurso a ambientes digitais e ferramentas da *Web2.0* (6); a maioria desconhece o uso das TIC para explorar o uso qualificado da internet e divulgação de ferramentas Web (5); a maioria acompanha os aprendentes durante o

acesso e apoia-os na seleção de documentação e no uso e produção da informação (5) (gráfico 26);

6.3.3. Análise de dados obtidos no primeiro inquérito por questionário aos encarregados de educação – 1.^a Fase

Do inquérito por questionário dirigido aos encarregados de educação (anexo C, questionário 03), recebemos cinquenta e cinco preenchidos, numa amostra constituída por cinquenta e oito inquéritos por questionário, podendo considerar-se que obtivemos uma elevada taxa de receção.

Após a receção dos inquéritos procedeu-se à análise de dados a fim de recolhermos o máximo de informação, tendo-se realizado assim uma análise estatística relativamente à idade, habilitações literárias, situação laboral, ocupação dos tempos livres, interação dos pais com a BE, acompanhamento e sugestão na leitura, participação nas atividades da escola, algum conhecimento de promoção leitora na BE, da importância da BE para a aprendizagem e formação global do aprendente, da utilização das TIC na BE, autoavaliação de conhecimentos na área das TIC, benefícios das TIC na aprendizagem dos aprendentes e aplicações ou serviços na internet para trabalho colaborativo.

Depois de analisados e cuidadosamente tratados em computador, construíram-se gráficos, que possibilitam uma leitura mais rápida e eficiente, fornecendo os dados que se consideram relevantes ao estudo em causa. Após a descrição dos dados recolhidos com o inquérito por questionário e para melhor compreender os resultados obtidos, destacamos as seguintes conclusões:

- a amostra em estudo é representada por cinquenta e cinco encarregados de educação dos nossos aprendentes, três não entregaram;
- a média da idade dos pais situa-se entre os trinta e os quarenta e quatro anos; há uma predominância na faixa etária dos 35/39 anos de idade (36), na faixa etária dos 30/34 (22) e na faixa etária dos 40/44 (22) anos de idade (gráfico 27);
- esta posição é aceitável se tivermos em conta as habilitações e profissões dos encarregados de educação: habilitações reduzidas e profissões que não exigem atualização, formação ao longo da vida. Por isso, delegam nos docentes a função educativa e de aprendizagem dos seus filhos (gráfico 28 e 29);
- de acordo com o inquérito, a leitura e a aprendizagem tecnológica são de consumo

mínimo; a preferência dos seus tempos livres é estar com os filhos (96), ver televisão (70), descansar (59), ler (32), fazer desporto (26) e atividades no computador (25), (gráfico 30);

- os encarregados de educação desconhecem a função e o papel da biblioteca escolar, e o impacto que a mesma exerce no sucesso educativo dos seus filhos, Todavia preocupam-se com o sucesso educativo dos mesmos (gráfico 31);

- pelos dados recolhidos, a maioria dos encarregados de educação considera a leitura muito importante na formação dos seus educandos (gráfico 32)

- a maioria dos pais/encarregados de educação não têm por hábito participar em atividades dinamizadas pela escola (gráfico 33);

- os pais não conhecem a biblioteca escolar, o seu legado, nem conhecem o seu funcionamento/organização, no entanto, são unânimes em afirmar que as atividades realizadas pela BE contribuem para estimular a leitura dos seus educandos (gráfico 34);

- é possível aferir que os pais/encarregados de educação reconhecem grande importância à BE na aprendizagem e formação global dos seus educandos (gráfico 35);.

- os encarregados de educação reconhecem que o nível de aprendizagem dos seus filhos aumenta com a utilização dos recursos TIC; confirmam que os educandos estão mais atentos, mais motivados e mais ativos no processo de aprendizagem e identificam na internet um recurso para interagir a partir de casa nas aprendizagens do educando (gráfico 36);

- sobre a utilização das TIC pelos aprendentes, a maioria dos encarregados de educação concorda que as TIC são apoiadas na biblioteca escolar (36); reconhecem que não existem computadores suficientes para os aprendentes utilizarem (31); as TIC facilitam a colaboração com os encarregados de educação (40); há dificuldades no acesso dos pais aos computadores da BE (35); consideram importante a implementação de um plano de atividades para integração das TIC na biblioteca (48), (gráfico 37);

- podemos aferir que o nível de utilização dos computadores não é uma atividade sedutora para os encarregados de educação inquiridos, enquanto reconhecem no computador um recurso alternativo de aprendizagem para os seus educandos (gráfico 38 e 39);

- os encarregados de educação não conhecem aplicações ou serviços na internet para trabalho colaborativo; esta posição é aceitável se tivermos em conta as habilitações e profissões dos encarregados de educação (gráfico 40);

6.4. Grau de envolvimento das redes sociais na promoção da leitura

Face aos desafios que a sociedade enfrenta, no ano lectivo de 2010/2011, foi

considerado fundamental o desenvolvimento de um projeto que envolvesse os aprendentes na temática do ambiente, considerada uma temática importante, de intervenção urgente e perfeitamente enquadrada no Ano Internacional das Florestas, declarado pela ONU em 2011 (anexo A, figura 02).

A utilização do Ano Internacional das Florestas pela sua acessibilidade comunicacional, tem obtido grande adesão dos mais novos e poderá constituir um grande difusor de boas práticas ambientais, até porque desde novas as crianças apresentam uma grande sensibilidade à proteção das espécies animais e das plantas e até do planeta. Assim, partindo desta afinidade, é importante conseguir mantê-la, dando aos aprendentes um conhecimento mais fundamentado e articulado que lhes permita mais conscientemente optar por atitudes promotoras do bem-estar geral.

Perante a apresentação de um conjunto de temas (anexo D, tabela 02) e a formação dos grupos de trabalho, os intervenientes na investigação-ação, foram estimulados a descobrir um conjunto de atividades que incentivem a conservação e o desenvolvimento sustentável da natureza. Esta atividade teve como elemento base de trabalho a pesquisa no marcador social Diigo⁴ (anexo A, figura 03), instalado na barra de endereços do blogue escolar, donde emanaram as linhas orientadoras de todo o processo. De entre outros ambientes, essencialmente, os aprendentes fizeram pesquisa, acederam e selecionaram informação, trataram a informação disponibilizada a partir da rede social Diigo e publicaram os trabalhos no fórum do blogue da BE.

Em contexto de sala de aula e de biblioteca escolar, os aprendentes compararam e analisaram a informação recolhida, construíram novos textos, trataram imagens e selecionaram o que melhor respondeu aos seus interesses (anexo A, figura 04).

Em contexto de biblioteca escolar, ao longo dos tempos letivos estabelecidos para a realização das atividades, os aprendentes utilizaram os serviços e recursos da BE. A adequação das novas tecnologias (anexo A, figura 05) ao trabalho do aprendente pode trazer muitas vantagens: estabelecer pontes com redes de conhecimento, desenvolver a literacia da informação, a promoção da autonomia e da disponibilidade do aprendente para ler, interpretar e escrever; a participação mais dinâmica e motivada também os torna mais críticos e capazes de considerar diferentes perspetivas.

Todos os trabalhos executados pelos aprendentes, antes de serem

⁴ <http://www.diigo.com/list/beeb1lage/semana-da-floresta>

disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem são avaliados pelo docente bibliotecário, promotor da investigação e pelos docentes das respectivas turmas. Segue-se a amostra à comunidade educativa através do mural da escola (anexo A, figura 06 e 07) antes da sua divulgação na plataforma do blogue da biblioteca escolar.

Toda a produção de informação constitui um contributo para promover a leitura na comunidade escolar, ou fora dela, dada a possibilidade de abertura da biblioteca digital. O Ambiente Virtual de Aprendizagem, criado a partir do blogue da BE, visa a criação de comunidades de leitores com recurso às redes sociais e a todos os serviços que as mesmas proporcionam (anexo A, figura 08). Temos consciência de que pouco sabemos sobre todas estas ferramentas e sobre o impacto que as mesmas poderão ter na criação de leitores para a vida, capazes de ler em formatos diferentes e de assumir posições críticas e responsáveis, numa sociedade em que o volume de informação e do conhecimento estão em permanente mudança.

Esta tomada de consciência não nos impede de explorar, no sentido de que apenas a experiência nos permitirá, a longo prazo, confirmar ou invalidar a importância das nossas opções.

6.4.1.O Blogue

Fica claro, ao longo do estudo, que o blogue da BE é a ferramenta da Web 2.0 preferida dos intervenientes do estudo e a mais utilizada também por toda a população da escola. A sua utilização ao serviço da promoção da leitura inclui a divulgação de novidades, a sugestão de recursos variados de leitura, a organização de sítios de interesse, mas serve também como plataforma de alojamento de materiais relacionados com diferentes atividades de promoção da leitura ou mesmo como plataforma de interação entre a biblioteca e os aprendentes ou entre estes, quando aconselham leituras ou tecem comentários às leituras dos outros.

O blogue da BE, palco do Ambiente Virtual de Aprendizagem da escola, promove a pesquisa de recursos virtuais multimédia de credibilidade, permite a aquisição de conhecimento de forma mais rápida e objetiva, comparando com a leitura de livros para o mesmo propósito e incentiva a criação de bons trabalhos no sentido de serem publicados na biblioteca escolar digital (anexo A, figura 09).

Por que o domínio da ação passa para o espaço do aprendente, permite a pesquisa e utilização mais autónoma de informação em diversos suportes, sob orientação do docente bibliotecário em contexto de biblioteca escolar. As redes sociais promovem a leitura, a auto-descoberta, a autoaprendizagem e a inovação em educação, ou seja, o aprendente dá um passo no acesso ao conhecimento e à literacia da informação, fundamental para uma aprendizagem ao longo da vida. São passos como estes que formam os nossos jovens para resolver autonomamente os novos problemas, aprendendo a utilizar fontes seguras, diversificando estratégias e suportes comunicativos de acesso à informação e à aprendizagem (anexo A, figura 10, 11).

6.4.2. Diigo – marcador social

Um aspeto muito positivo deste marcador social (*bookmark* em inglês) Diigo prende-se com o facto de poder ser inserido noutras aplicações, possibilitando à biblioteca escolar a criação de serviços organizados e não dispersos por diferentes ferramentas.

O marcador social Diigo é um sítio que permite organizar as páginas favoritas na Web, etiquetando cada uma delas, ou seja, colocando palavras-chave (*tag*), para as descrever (anexo A, figura 12). Os serviços de marcadores sociais mais utilizados são o Delicious e o Diigo, que possibilitam a pesquisa de favoritos dentro dos utilizadores do serviço.

Esta rede social permite à biblioteca organizar leitura em linha, para localizar, avaliar, sintetizar e tratar informação oportuna e atualizada, bem como promover o debate de ideias sobre o “Ano Internacional da Floresta” em paralelo com aquilo que já conhecem do seu próprio meio ambiente.

Como docente bibliotecário, no sentido de dar visibilidade a boas práticas na educação para o desenvolvimento sustentável, e de alguma forma, provocar “contágio” na dinamização de novos projetos nesta área, desfrutamos no blogue agregador da escola, o veículo para chegar às comunidades leitoras.

6.4.3. O Fórum de discussão

O fórum de discussão (anexo A, figura 13) é uma ferramenta ainda pouco usada,

apesar de se tratar de uma das potencialidades da plataforma de aprendizagem da Web 2.0 (quando criadas). Um bom exemplo da utilização do fórum foi a experiência levada a cabo nesta investigação, verificando-se o estímulo crescente dos aprendentes, em participar nas atividades desenvolvidas para promover a leitura⁵.

Esta rede social, inicialmente, teve um impacto entendido para as conversações típicas de um *chat*. No entanto, com algumas observações e sugestões do investigador, as participações tornaram-se estruturadas e produtivas na realização das tarefas propostas. Este espaço virtual permitiu uma dinâmica de trabalho de grupo aberto, para além da biblioteca e sala de aula. Os aprendentes encontraram um espaço com a certeza de que opinar e inovar, teriam *feed-back* dos colegas, do investigador, dos docentes e dos familiares.

Reforçando esta ideia, Adelina Moura afirmou no 4.º Congresso Galaico-Português da Universidade do Minho, que “a possibilidade de *feed-back* das opiniões cria um elevado grau de participação e leitura, na medida em que o aluno está mais atento ao que os outros pensam e aos comentários que fazem” (2005: p.11). Para além disso, o fórum promove a leitura e a escrita comunicativa, o que significa que, por um lado, o aprendente é muitas vezes impelido a pesquisar sobre os temas em debate por forma a poder sustentar as suas opiniões, escrevendo com um objetivo, e por outro lado, não pode ficar alheio às opiniões dos outros participantes, devendo desenvolver estratégias de interação: “esta partilha fomenta a construção de mecanismos de autoconfiança, na medida em que o debate de ideias e opiniões é um meio de melhorar e aperfeiçoar o pensamento” (*ibidem*).

Esta ferramenta revelou-se uma aliada `nas atividades implementadas que, à semelhança do que se tem concluído com as outras ferramentas da Web 2.0, funciona como um tutor, ao dirigir o aprendente na execução de uma dada atividade, proporcionando-lhe a construção do seu saber, a estruturação do seu pensamento e a conceptualização da sua aprendizagem.

6.5. Análise de dados comparativos – 2.ª Fase

Esta análise de dados comparativos tem como principal objetivo avaliar a

⁵<http://be-forum.pt.la/>

existência, ou não, de mudanças significativas dos nossos aprendentes para serem leitores de qualquer unidade de informação, face às questões relacionadas com as TIC.

Após a receção dos dados recolhidos com o inquérito por questionário da 2.^a fase, para melhor compreendermos os resultados obtidos no estudo, apresentamos os itens a contemplar na análise e avaliação final.

No inquérito por questionário da 2.^a fase que serve de referência para análise e avaliação final, constam as perguntas que refletem a dinâmica das ferramentas da Web 2.0, ou seja, das redes sociais utilizadas na BE.

A análise dos resultados dos inquéritos comparativos está estruturada da seguinte forma:

Inicialmente é apresentada a análise dos inquéritos por questionário da 1.^a fase e a seguir os resultados da análise na 2.^a fase. Logo após é analisada a intensidade com que se observam os fatores que influenciam a utilização das TIC de suporte às redes sociais na BE, por fim, é elaborada a discussão dos resultados.

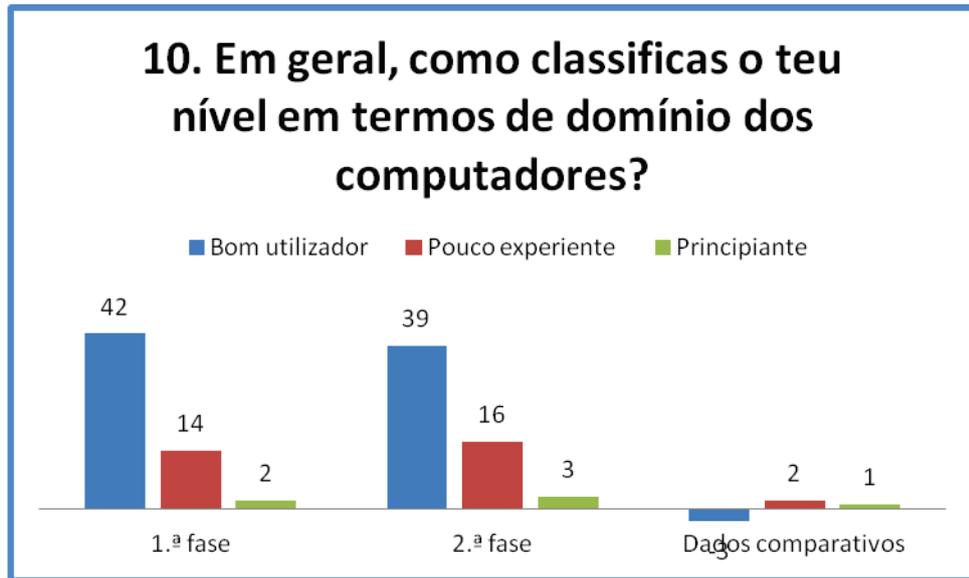
Os dados comparativos que de seguida apresentaremos, referem-se à utilização das ferramentas Web 2.0, dentro e fora da instituição de ensino básico, à sua satisfação com as TIC e a importância que atribuem à disponibilidade dessas tecnologias na BE.

6.5.1. Análise de dados obtidos no segundo inquérito por questionário aos aprendentes – 2.^a Fase

Os dados comparativos que de seguida apresentamos, referem-se aos resultados obtidos pela aplicação do segundo inquérito por questionário aplicado aos aprendentes. Foram entregues e recolhidos cinquenta e oito questionários dos inquiridos inseridos no projeto.

Visto que o inquérito por questionário da 2.^a fase foi igual ao primeiro, efetuaremos uma triangulação dos dados recolhidos nos dois questionários, comparando as questões que nos interessam para os objetivos do estudo. De seguida passamos a apresentar a análise de dados comparativos da 1.^a e 2.^a fases.

Gráfico 41 – Competências tecnológicas

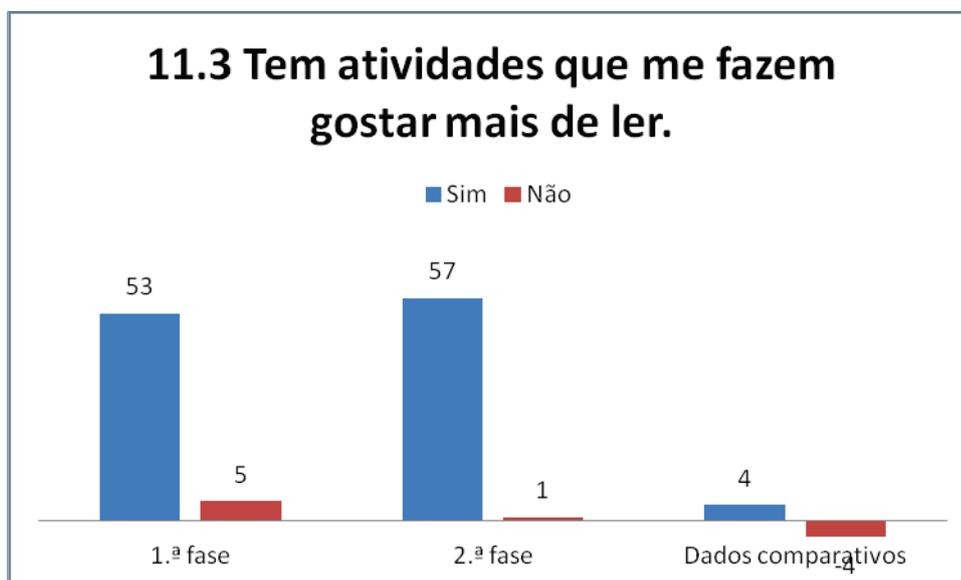


Fonte: tratamento estatístico do item 10 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Nas respostas dadas a esta questão, verificamos que à medida que os aprendentes descobrem novas possibilidades com o domínio dos computadores, também revelam ter consciência de que necessitam de aprofundar as competências tecnológicas. Assim, dos 42 inquiridos que declaram ter nível de “Bom utilizador” na 1.ª fase, passam para 39 na 2.ª fase. Nos dados obtidos para “Pouco experiente” há mais dois utilizadores na 2.ª fase e mais um na 2.ª fase de “Principiante”. Uma ligeira alteração no sentido positivo.

Poderemos considerar então, através desta análise, a existência de um progresso no domínio das competências e manuseamento dos computadores por parte dos aprendentes.

Gráfico 42 – Opinião dos aprendentes sobre o trabalho realizado pela BE

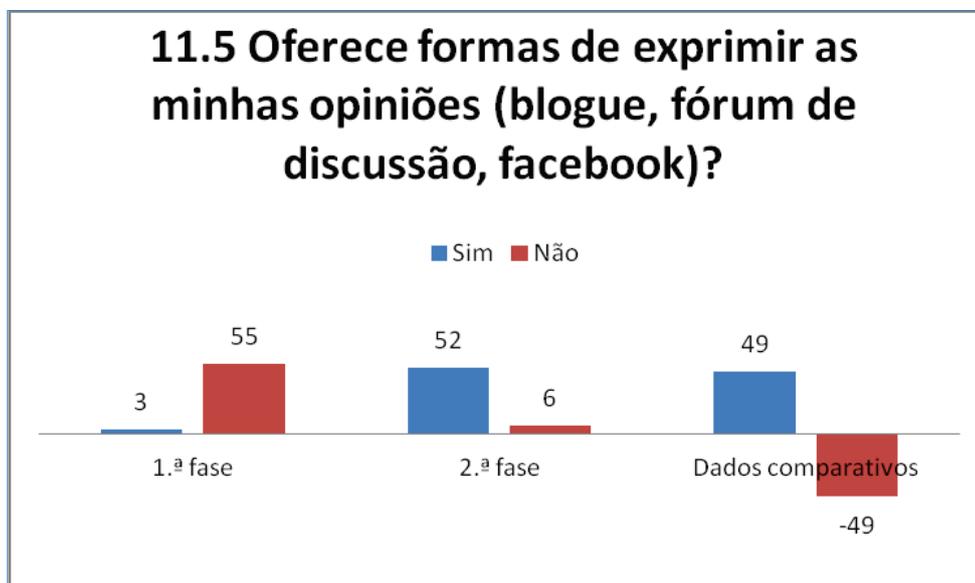


Fonte: tratamento estatístico do item 11.3 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Num universo de cinquenta e oito inquiridos envolvidos no projeto de intervenção, 98% (57) revelam no inquérito por questionário da 2.ª fase, ter na BE mais atividades disponíveis que os entusiasma para a leitura.

Se na 1.ª fase, 91% (53) dos respondentes demonstravam interesse pela oferta de atividades que os fazem gostar de ler, na 2.ª fase o interesse pela leitura atinge os 98% (57). Estes dados comparativos podem, de certa forma, indicar que os inquiridos têm mais atividades na BE que os fazem gostar de ler.

Gráfico 43 – Opinião dos aprendentes sobre o trabalho realizado pela BE

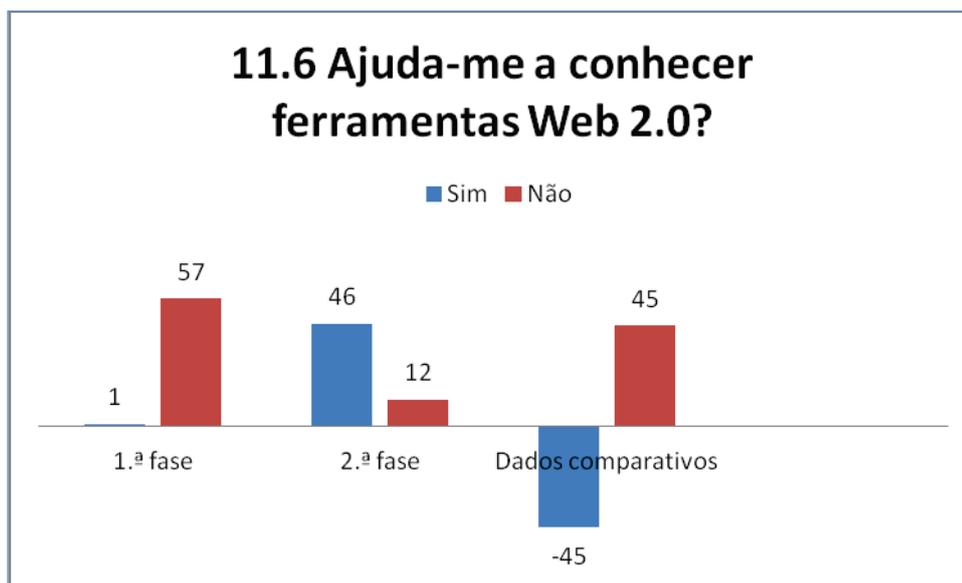


Fonte: tratamento estatístico do item 11.5 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Nas respostas dadas a esta questão parece-nos haver indícios positivos do primeiro para o segundo questionário.

Pelos dados analisados verificamos uma mudança importante dos utilizadores face à oferta de formas de exprimir as suas opiniões e de interagir em diferentes plataformas das redes sociais.

Gráfico 44 – Opinião dos aprendentes sobre o trabalho realizado pela BE

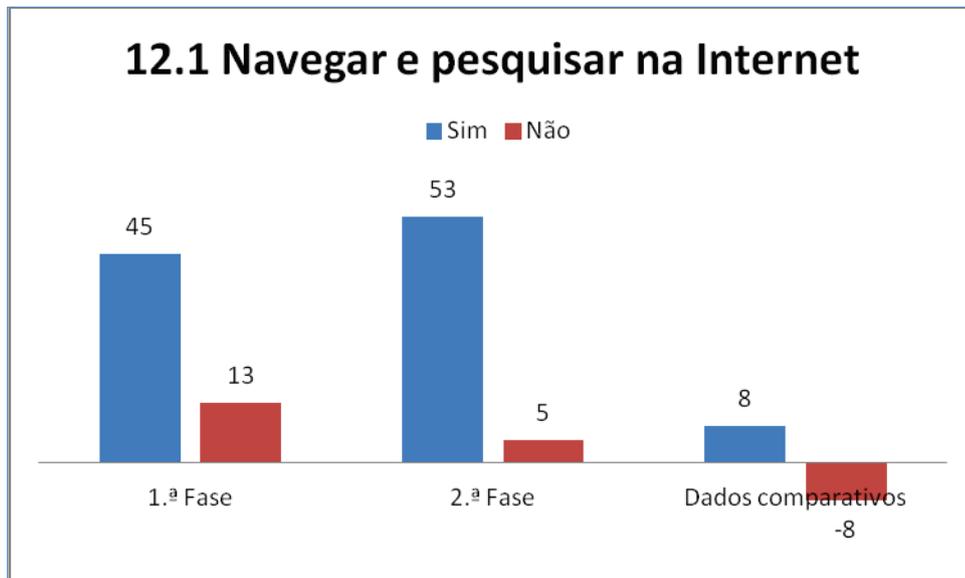


Fonte: tratamento estatístico do item 11.6 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Os dados recolhidos no segundo questionário diferenciam-se positivamente das do primeiro, pois 78% (46) dos inquiridos revelam, agora, conhecer algumas ferramentas Web 2.0, ao contrário do primeiro inquérito, em que só 2% (1) as conheciam.

Pela análise comparativa dos dados recolhidos, parece-nos ser possível admitir que a dinamização das ferramentas Web 2.0 pela BE produziu efeitos positivos. O envolvimento dos aprendentes foi uma realidade e a articulação dos saberes estabeleceu pontes com redes de conhecimento.

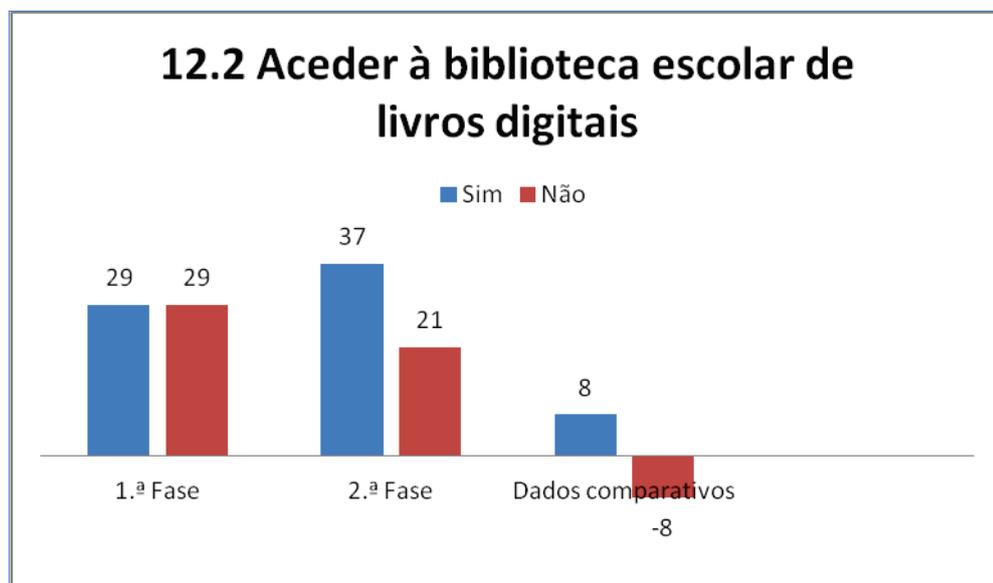
Gráfico 45 – Atividades na BE com recurso à internet



Fonte: tratamento estatístico do item 12.1 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Comparando os resultados do primeiro com o segundo inquérito, constatamos que aumentou a quantidade de utilizadores da internet para efeitos de pesquisa. Esta alteração de valores leva-nos a verificar que as atividades desenvolvidas ao longo do projeto para aprender a pesquisar, a tratar e a transformar a informação em conhecimento foram bem-sucedidas, como comprovam 91% (53) dos inquiridos.

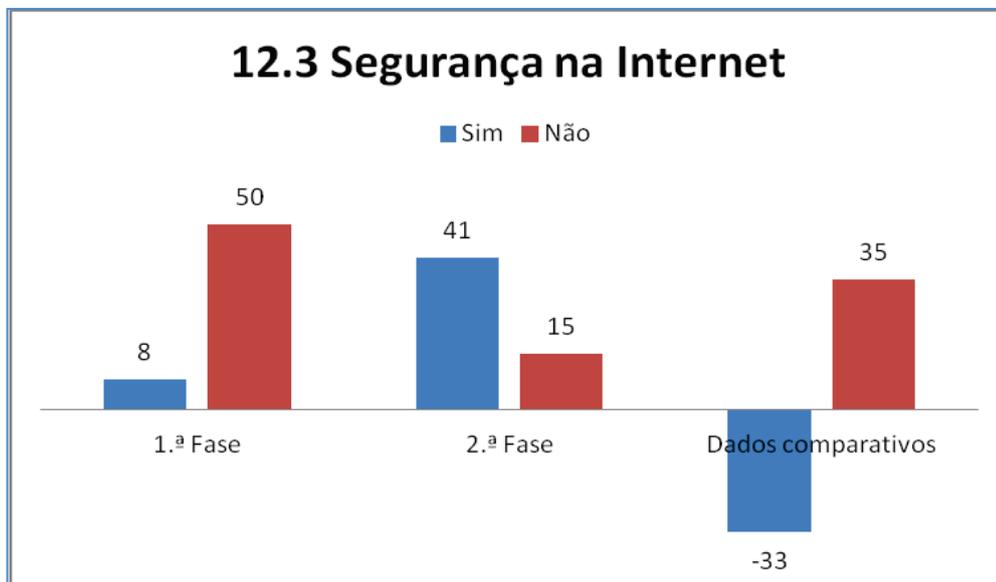
Gráfico 46 – Atividades na BE com recurso à internet



Fonte: tratamento estatístico do item 12.2 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Nas respostas a esta questão, verifica-se que o acesso à BE de livros digitais é mais relevante na 2.ª fase, 64% (37), face aos 50% (29) da 1.ª fase. Comparando estes valores, podemos apurar que a consulta dos livros digitais contribui para a criação do gosto pelo livro digital e pela leitura.

Gráfico 47 – Atividades na BE com recurso à internet

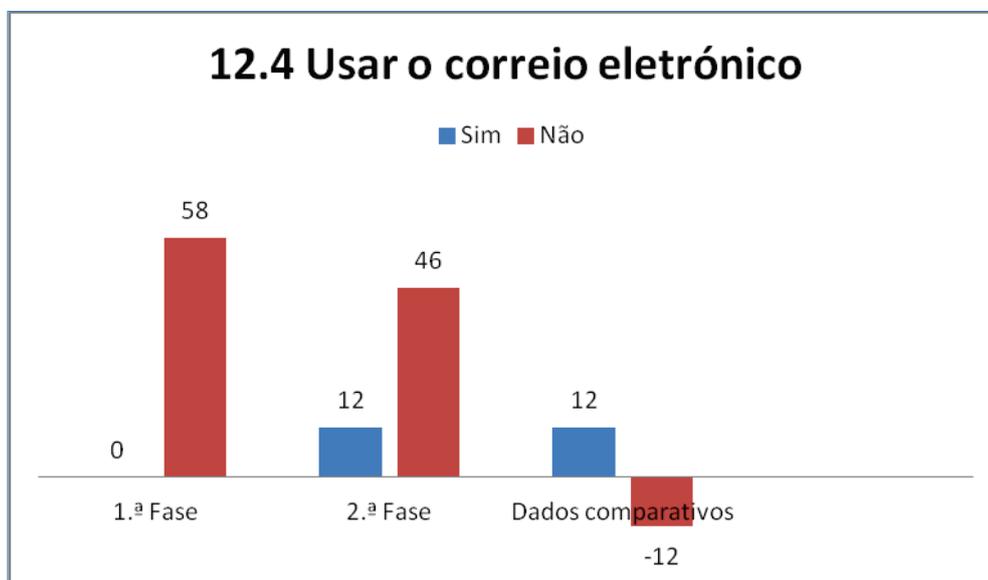


Fonte: tratamento estatístico do item 12.3 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Os dados recolhidos na 1.ª fase levam-nos a concluir que 86% (50) dos aprendentes revela desconhecer normas de segurança na internet.

As respostas da 2.ª fase permitem afirmar que ocorreu uma alteração de postura dos inquiridos para tornar segura a utilização da internet. O facto de os aprendentes estarem conscientes de alguns dos perigos que a internet pode trazer, é um sinal claro para o investigador, de que o projeto formou os aprendentes para uma utilização segura da rede.

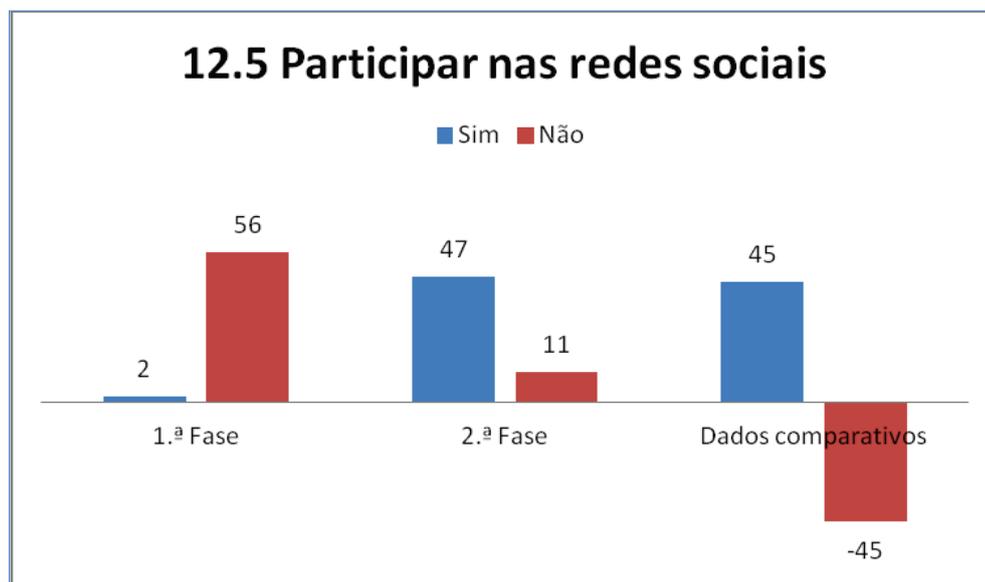
Gráfico 48 – Atividades na BE com recurso à internet



Fonte: tratamento estatístico do item 12.4 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Na primeira fase do inquérito por questionário, cinquenta e oito dos inquiridos (100%) assumem que nunca utilizaram o correio eletrónico. Embora útil, apenas doze dos inquiridos utilizaram o correio eletrónico para comunicar na 2.ª fase. Perante estes dados, acreditamos que os inquiridos carecem de outros utilizadores para aumentar a frequência do correio eletrónico e torná-lo produtivo entre si.

Gráfico 49 – Atividades na BE com recurso à internet



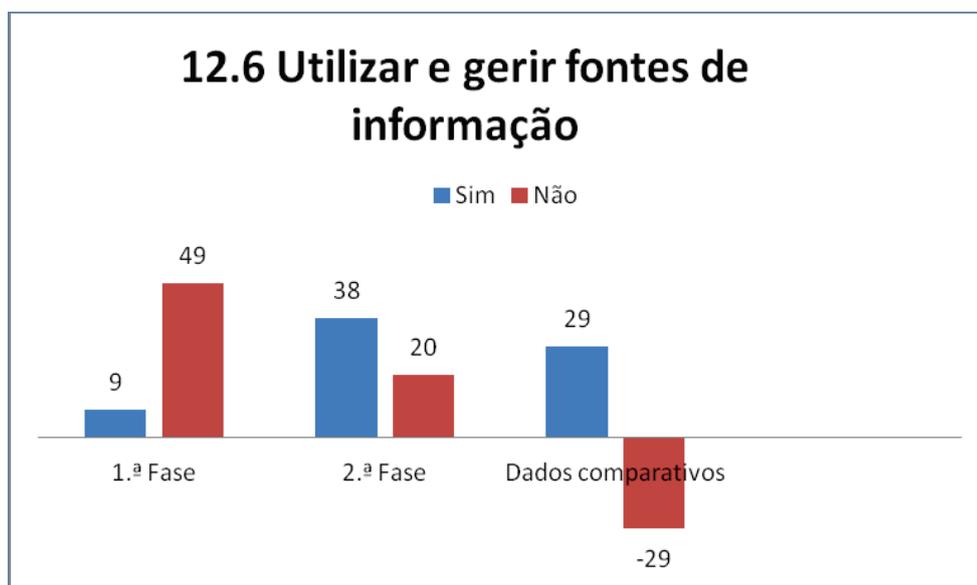
Fonte: tratamento estatístico do item 12.5 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Os dados recolhidos junto dos aprendentes, demonstram que estes têm uma opinião bastante positiva em relação ao contributo que as redes sociais na internet podem dar às práticas de promoção leitora, ao divulgar e disponibilizar as suas publicações na rede social.

As evidências de participação nas redes sociais da BE passaram de 3% (2) na 1.ª fase, para 81% (47) na 2.ª fase. Estes dados são reveladores da importância que os inquiridos parecem apontar no sentido de um espaço facilitador da comunicação, da aprendizagem e da socialização, pois permite interagir com os colegas da escola, com as pessoas que comentam os seus trabalhos e também do envolvimento dos encarregados de educação.

Ora, a constatação de alterações positivas dos aprendentes perante as redes sociais parece ir no sentido de formar leitores, ou seja, uma oportunidade para promover a leitura. Então, é de esperar que estas também facilitem a aprendizagem.

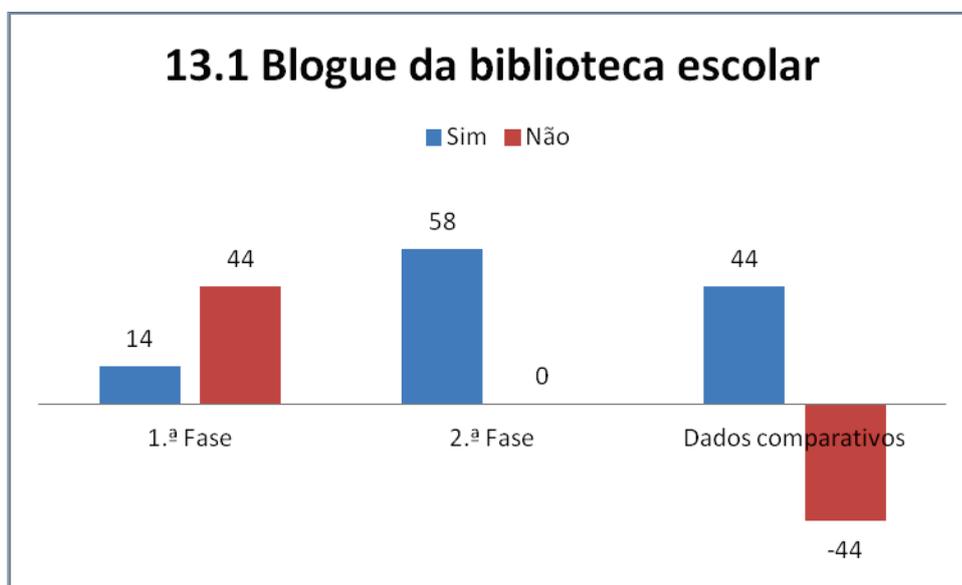
Gráfico 50 – Atividades na BE com recurso à internet



Fonte: tratamento estatístico do item 12.6 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Relativamente à forma de utilizar e gerir fontes de informação, constatamos que na 1.ª fase, a maioria dos respondentes 84% (49), afirma que não sabe gerir as fontes de informação. Já no segundo inquérito surgem 66% (38) dos inquiridos que demonstram ter adquirido maior conhecimento na gestão das fontes de informação e na transformação ou adaptação à pesquisa realizada.

Gráfico 51 – Redes Sociais na BE

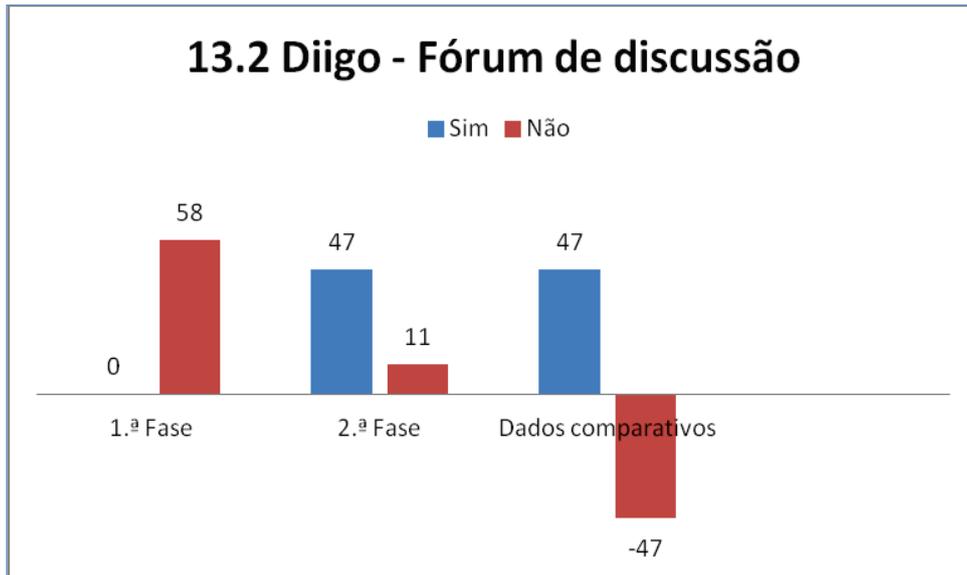


Fonte: tratamento estatístico do item 13.1 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Pelos resultados obtidos no segundo questionário, cremos que o blogue da BE se traduziu numa mais-valia, na medida em que poderemos sublinhar uma tendência de interesse crescente reconhecida por todos os utilizadores (100%).

O blogue da BE proporcionou à escola uma nova forma de partilhar conhecimento e promover a compreensão leitora. Não aproveitar esta oportunidade para tornar os nossos aprendentes leitores em todos os suportes será possivelmente, um dos maiores erros que deixaremos às gerações futuras negligenciando o que de melhor a tecnologia tem para lhes oferecer.

Gráfico 52 – Redes Sociais na BE



Fonte: tratamento estatístico do item 13.2 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

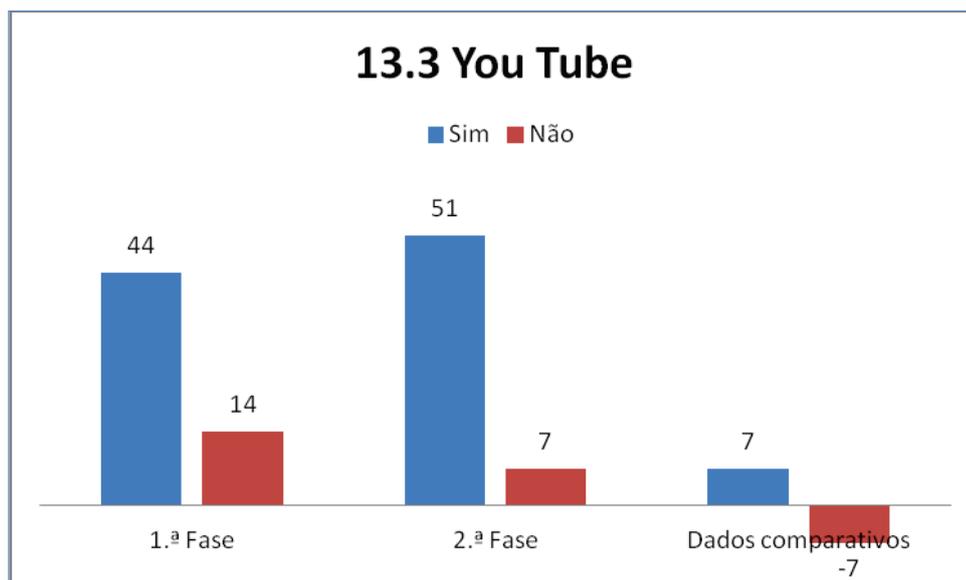
Os dados da 1.ª fase mostram que os inquiridos desconheciam (100%) completamente a função de um fórum de discussão proporcionado por esta ferramenta da Web 2.0.

A interatividade facultada pelo fórum de discussão foi um fator dinamizador da maioria dos aprendentes (81%) no desenvolvimento de conteúdos em diversos formatos (áudio, vídeo, multimédia, scripto), contribuindo para o desenvolvimento de interações entre conteúdo e aprendentes, e destes entre si.

Os aprendentes encontraram um espaço para opinar, inovar e disponibilizar as suas publicações no fórum, com a certeza de que teriam o *feed-back* dos colegas, dos docentes, do investigador e de todos aqueles que consultam os trabalhos *online*.

O acesso virtual a conteúdos digitais vindos da aplicação desta ferramenta, aumentou as solicitações de leituras que evidenciam preocupação com o ambiente, permitiu tomar conhecimento a partir de um conjunto de temas relacionados com o “Ano Internacional das Florestas – 2011”, numa articulação transversal com o currículo.

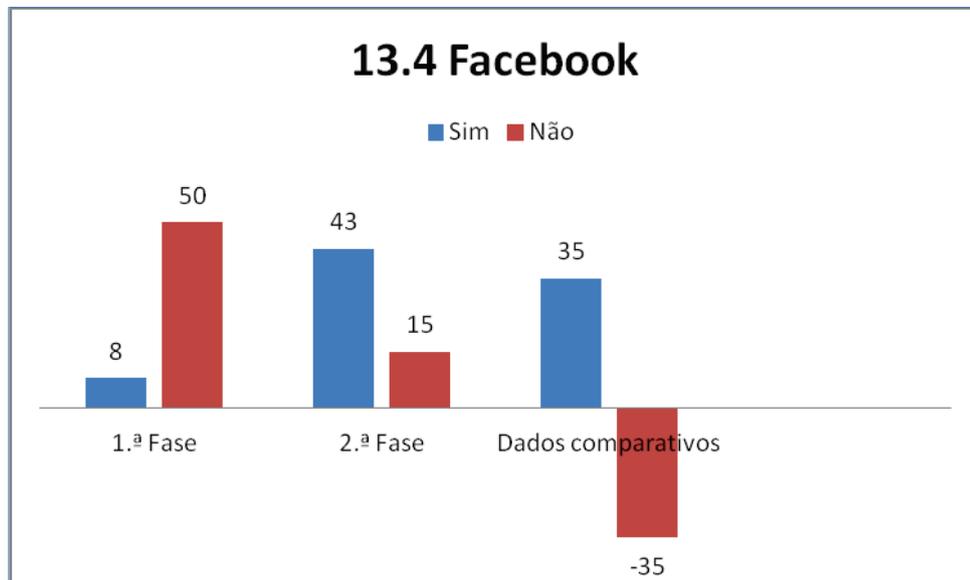
Gráfico 53 – Redes Sociais na BE



Fonte: tratamento estatístico do item 13.3 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Estes valores mostram que os aprendentes já utilizavam o You Tube na primeira fase. Com esta análise fica claro que a maioria confere grande importância ao uso desta ferramenta da Web 2.0, embora a reconheçam mais como um meio de diversão do que como uma forma de aprendizagem.

Gráfico 54 – Redes Sociais na BE



Fonte: tratamento estatístico do item 13.4 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

No inquérito por questionário da 2.ª fase, apesar de termos atingido uma percentagem satisfatória em relação ao Facebook, verificamos que há divergência com os resultados da 1.ª fase. Os dados comparativos mostram que os inquiridos após se sentirem confiantes, participaram interagindo na comunidade através de eventos da escola, chamadas para publicações, sugestões de livros para leitura, informações em tempo real, trabalhos para casa, avisos, fotos, vídeos, mensagens, etc.

Pela análise acima referida parece-nos que o Facebook contribui também para conquistar o aprendente para a leitura, ajudando na promoção da mesma.

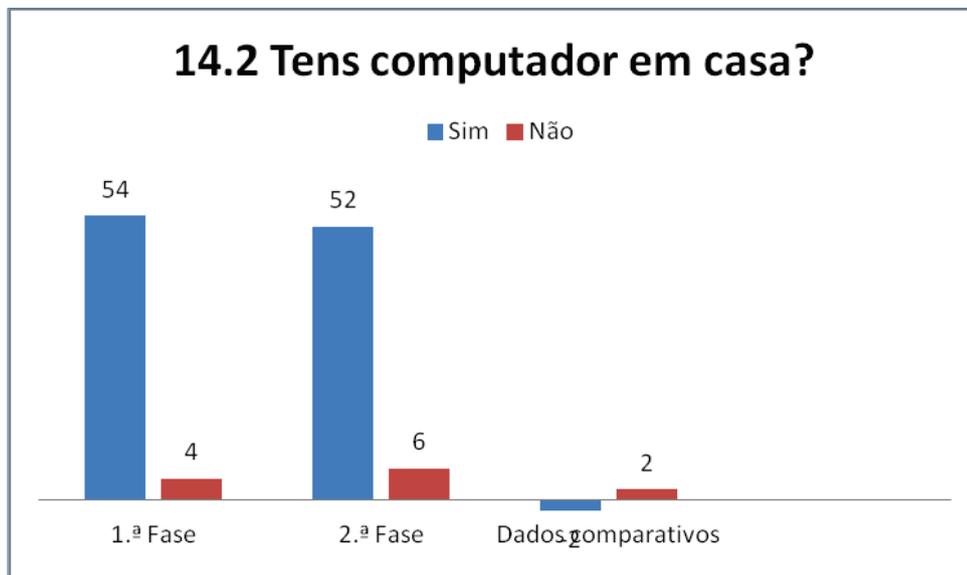
Gráfico 55 – Utilização das TIC



Fonte: tratamento estatístico do item 14.1 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Com os dados obtidos nesta questão, quer no primeiro questionário, quer no segundo, os utilizadores mostram-se satisfeitos, expressando a opinião de que os computadores da BE respondem às suas necessidades e permitem realizar os seus trabalhos, 95% (55).

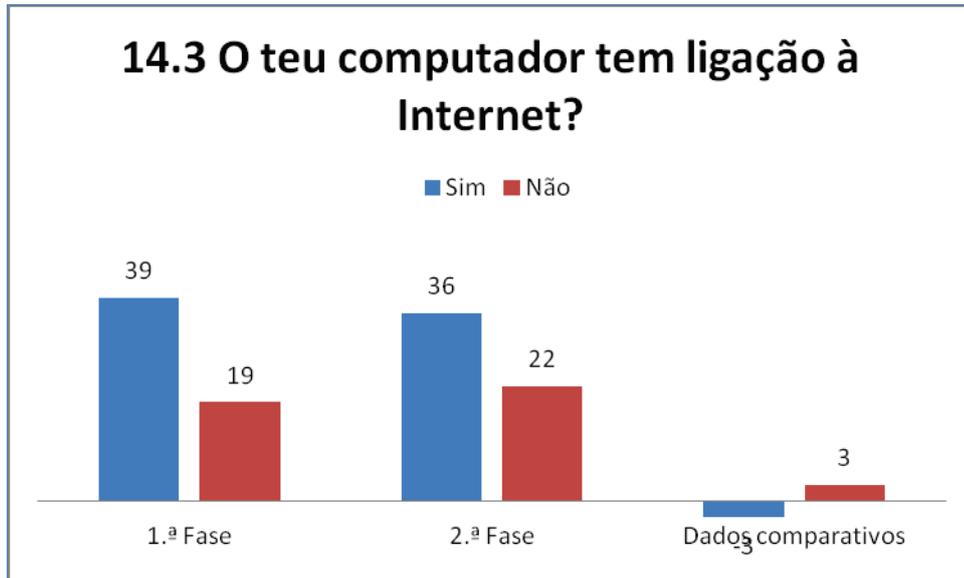
Gráfico 56 – Utilização das TIC



Fonte: tratamento estatístico do item 14.2 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Cerca de 90% (52) dos aprendentes tem computador em casa. Um fator motivador para a resolução de tarefas, potenciador do desenvolvimento da autonomia e essencial para manusear e produzir informação.

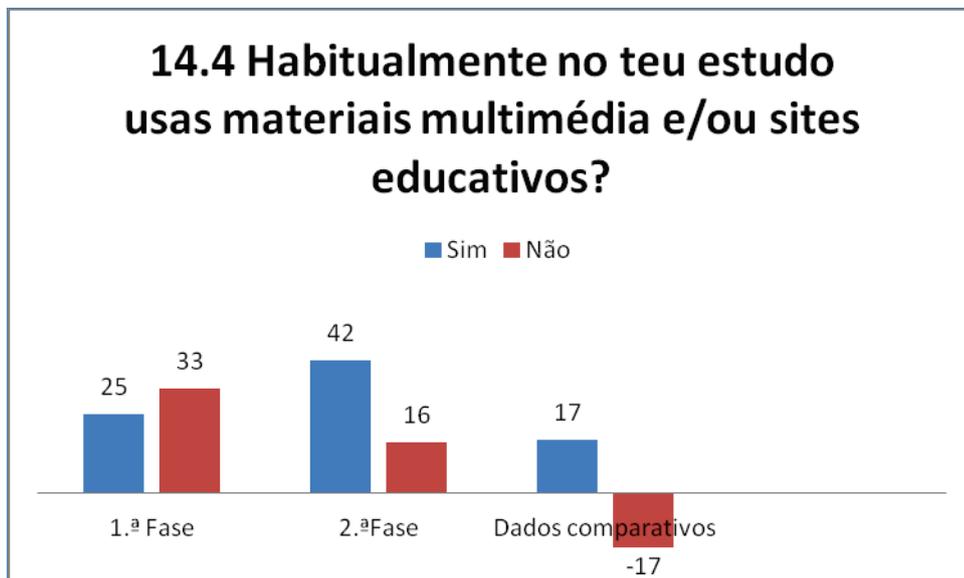
Gráfico 57 – Utilização das TIC



Fonte: tratamento estatístico do item 14.3 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Com base nos dados obtidos, verifica-se que o número de aprendentes com ligação à internet em casa desceu de 67% (39) na 1.ª fase para 62% (36) na 2.ª. Não encontramos razão plausível para esta diminuição, contudo poderá ser um sinal da crise que o país vive.

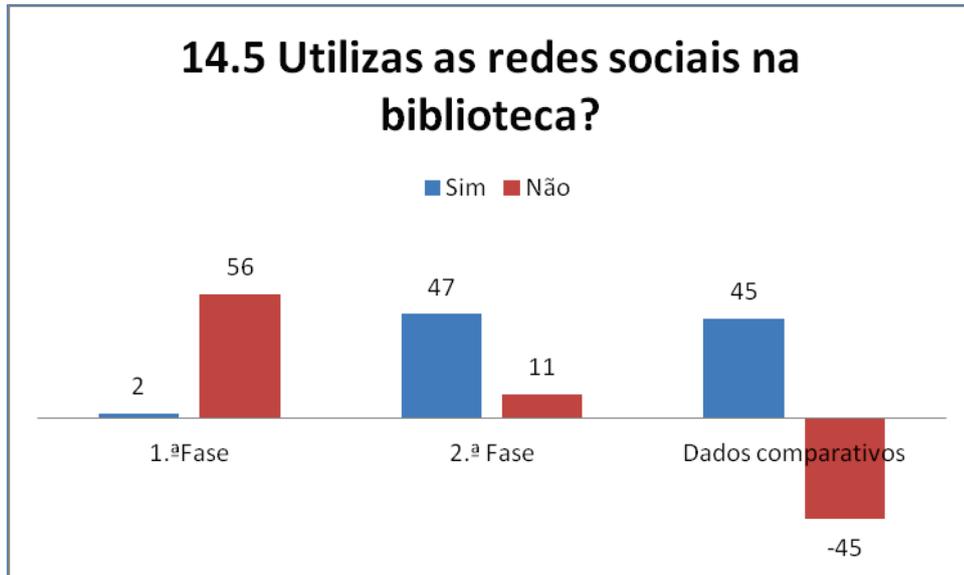
Gráfico 58 – Utilização das TIC



Fonte: tratamento estatístico do item 14.4 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Os dados comparativos mostram a existência de um aumento significativo na utilização de sítios educativos e materiais multimédia para o estudo.

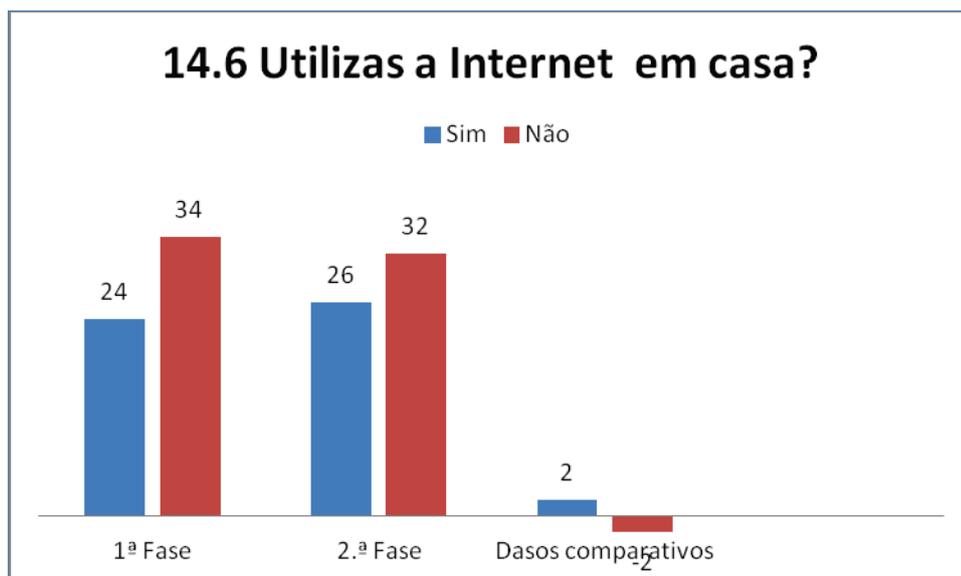
Gráfico 59 – Utilização das TIC



Fonte: tratamento estatístico do item 14.5 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

Um dado curioso de análise a destacar é a mesma frequência que incide sobre esta questão e a referida acima na 12.5. As evidências de participação nas redes sociais da BE passaram de 3% (2) na 1.ª fase, para 81% (47) na 2.ª fase.

Gráfico 60 – Utilização das TIC



Fonte: tratamento estatístico do item 14.6 do questionário aplicado aos aprendentes na 2.ª fase.

O uso da Internet em casa era de 41% (24) no primeiro questionário e altera ligeiramente para 45% (26) no segundo. A maioria dos inquiridos, 55% (32), não utiliza

a internet em casa. Pelos dados recolhidos na questão 14.3, há 36 aprendentes com internet em casa. Ora, comparando esses dados com os expostos nesta questão, parece-nos que 10 aprendentes não têm permissão para utilizar a internet em casa.

6.6. Algumas conclusões dos dados comparativos

Tendo em consideração os objetivos delineados, apresentamos algumas conclusões dos dados comparativos recolhidos na 2.^a fase do nosso estudo e a respetiva análise.

Pela análise efetuada verifica-se uma melhoria estatisticamente significativa do primeiro para o segundo momento, confirmando-se, assim, o impacto positivo nos hábitos de leitura dos aprendentes com recurso a ferramentas Web 2.0 resultante da experiência de utilização das redes sociais.

O uso significativo de recursos tecnológicos nas atividades de promoção da leitura foi, de certa forma, motivado pela experiência de aprendizagem que vivenciaram. Provavelmente, esta realidade foi possível, dadas as condições privilegiadas de acesso às TIC de que os participantes dispõem na BE.

A exploração das redes sociais potenciou um ambiente de aprendizagem que veio a revelar-se favorável à capacidade comunicacional, orientada para promover a leitura e a compreensão daquilo que se lê. A análise dos dados estatísticos sugere uma mudança nas convicções dos participantes sobre os contributos das redes sociais na aprendizagem. A participação, a compreensão, a motivação, a facilidade de visualizar os trabalhos divulgados no Ambiente Virtual de Aprendizagem e a possibilidade de os comentar, mobilizou os aprendentes para uma interação mais positiva com a aprendizagem e, no caso desta investigação, uma oportunidade para promover a leitura. Assim, num universo de cinquenta e oito participantes, cinquenta e sete evidenciam interesse pela oferta de atividades na BE que os fazem gostar de ler.

À medida que os aprendentes descobrem novas possibilidades com o domínio dos computadores, também revelam ter consciência de que necessitam aprofundar as competências tecnológicas. Poderemos considerar então, através desta análise, a existência de um progresso no domínio das metas de aprendizagem TIC do 1.º ciclo.

Os dados analisados dão-nos algumas indicações sobre as vantagens do uso do

computador na BE que vêm ao encontro da literatura, reforçando o contexto teórico desta investigação. De facto, o recurso às ferramentas Web 2.0 amplia a motivação dos aprendentes, pois, como salienta Levy (2002) as aulas tornam-se mais agradáveis e interessantes, melhorando a atenção e o comportamento dos aprendentes.

À biblioteca escolar coloca-se novo desafio consequente da necessidade de integração no novo mundo digital. O investigador é também docente bibliotecário e, nesse sentido, perante o uso das redes sociais, procura estimular nos aprendentes atividades cognitivas como a leitura, a criação de resumos, a escrita, a discussão, a reflexão, a sintetização de informação e não permitir que estes tenham uma postura passiva perante a informação pesquisada sobre determinado tema.

Partilhamos da semelhança que Jonassen estabelece com um marceneiro para explicar a importância de utilizar essas ferramentas na aprendizagem, a propósito de uma abordagem apoiada em ferramentas que conquistem o entendimento do aprendente na construção de aprendizagens significativas:

“Tal como os marceneiros não podem construir mobílias sem um conjunto de ferramentas adequadas, os alunos não podem construir significado se não tiverem acesso a um conjunto de ferramentas intelectuais que os ajudem a reunir e construir conhecimento”.
(2007: p.1)

Estes dados e considerações reforçam o papel fundamental que a aplicação digital por nós construída para enfrentar o desafio da era digital desempenhou nos resultados desta investigação.

Por fim, a experiência de utilização das ferramentas Web 2.0, no quadro das redes sociais, também nos parece ter influenciado os hábitos de leitura dos aprendentes com recurso a ferramentas interativas, criando uma aprendizagem mais significativa, crítica e reflexiva. Jonassen acredita que os computadores podem apoiar o pensamento reflexivo, na medida em que “as ferramentas cognitivas conduzem os alunos ao pensamento reflexivo, que, por sua vez, apoia a construção de conhecimento” (2007: p.25).

Para o mesmo autor, o aprendente organiza e representa o que já sabe e negocia significados de forma colaborativa, tendo em conta a construção de conhecimento, então, a integração das redes sociais poderá ter contribuído para a melhoria da compreensão leitora. Pelo que Jonassen afiança, a compreensão surge de uma atividade significativa e não da memorização mecânica de termos, fortalecendo a ideia de que as

tecnologias podem apoiar os aprendentes na construção de conhecimentos significativos, sempre que estes forem postos em situações em que possam aprender com as tecnologias.

Atendendo ao contexto da nossa investigação, aceitamos a ideia de que esta tecnologia transporta entusiasmo para a biblioteca escolar, desenvolvendo novas oportunidades de interação entre os aprendentes, entre os aprendentes e os docentes, entre os aprendentes e os conteúdos de aprendizagem e entre os aprendentes e a sociedade.

6.7. A entrevista semiestruturada

Para rematar esta investigação, utilizámos a entrevista, por possibilitar a aquisição de dados considerados muito relevantes para a análise de conteúdos do estudo. De entre as informações dela obtida, o investigador pode compreender a forma como os entrevistados avaliam as suas experiências já que, segundo Bogdan e Biklen (1994: p.134), ela “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”.

Para a entrevista de carácter semiestruturado elaborámos um guião (Anexo D, tabela 03), onde definimos os temas que considerámos adequados aos objetivos a atingir com o estudo e respeitando os procedimentos metodológicos da bibliografia específica. Na terminologia de Bell (2004: p.141) a entrevista semiestruturada é uma “entrevista guiada ou focalizada” com uma síntese de temas indispensáveis para serem esclarecidos e que estão determinados num guião orientador.

Para obtermos a opinião dos aprendentes, procedemos à realização de entrevistas individuais, que foram previamente preparadas e agendadas de acordo com as disponibilidades dos mesmos. As questões expressas resultaram da análise dos resultados do questionário aos aprendentes e necessitavam de novas leituras. Estando dirigidas a situações específicas desta investigação, foram escritas de modo suficientemente claro para possibilitarem um bom entendimento do pretendido, tendo sido explicitado o objetivo do trabalho de investigação e qual o contributo das informações a recolher com as entrevistas. Referimos uma vez mais a confidencialidade

dos intervenientes e a garantia do uso exclusivo dos dados recolhidos para o âmbito restrito deste estudo. É nosso entendimento, que se criou um ambiente informal e de abertura, favorável à realização das entrevistas de acordo com o seu objetivo.

Na condução das entrevistas foi considerada a orientação de Bogdan e Biklen (1994) de seguir este tipo de entrevista semiestruturada que nos poderia conduzir a uma melhor apreensão do sentimento, concepções e opinião dos sujeitos da investigação, com base na utilização de aplicações Web 2.0, bem como do conhecimento e aquisição de competências emergentes dessas práticas.

Uma das vertentes desta investigação é a perspetiva do aprendente sobre as atividades desenvolvidas pela biblioteca escolar na promoção da leitura, a qual será fundamentalmente entendida a partir das redes sociais. Pretendeu-se, pois, que o máximo possível de informação e de reflexão sobre esta prática específica viesse à superfície para que, num processo de análise de conteúdo, esses elementos recolhidos, depois de categorizados, conferissem credibilidade ao estudo, para clarificar uma realidade que, à partida, nos parece ser de grande importância para o processo educativo da era digital.

6.8. Análise de conteúdo das entrevistas

A partir da primeira leitura das entrevistas, que tornou possível obter uma ideia global do seu conteúdo, efetuou-se a transcrição integral das entrevistas. De seguida, para a segmentação do texto em unidades de sentido, utilizou-se o critério temático considerando os fragmentos do texto relativos à mesma ideia.

Procuramos construir domínios e indicadores de análise para perceber o grau de entrosamento destes jovens em relação às redes sociais, com o objetivo de estruturar um conjunto de conceitos articulados entre si, de forma a constituir um quadro de análise coerente. Na análise de conteúdo das entrevistas transcritas, usou-se a unidade de registo – parte determinada de conteúdo que se caracteriza, colocou-se num dado indicador, procedeu-se ao isolamento de uma palavra ou frase do texto da entrevista e registou-se conforme a tabela abaixo transcrita.

As dimensões representam um conjunto de conceitos aplicáveis aos objetivos deste estudo que foram desdobrados em domínios e indicadores de

análise, passíveis de serem observados através da unidade de registo. Portanto, como mostraremos de seguida, cada domínio escolhido está em função dos diferentes indicadores que existiam nas diferentes dimensões utilizadas para a recolha de dados. Para a construção do nosso sistema de análise de conteúdo, considerámos quatro dimensões:

Dimensão A – O que têm de melhor as redes sociais - Vantagens

Dimensão B – O que se pode evitar ou melhorar - Fraquezas

Dimensão C – O mais difícil de fazer ou de acabar - Obstáculos

Dimensão D – Propostas de melhoramento - Melhorias

Dimensão A: O que têm de melhor as redes sociais – Vantagens

| Domínios | Indicadores | Unidades de registo |
|-------------|---|--|
| Informação | Promoção da leitura | <p><i>“gostei de ver os belíssimos trabalhos dos meus colegas no fórum”</i></p> <p><i>“gostei de ver as nossas bonitas fotos no blogue da biblioteca escolar”;</i></p> <p><i>gostei do trabalho que fiz, ‘Correr para proteger o mundo’ e achei os outros trabalhos fantásticos”;</i></p> <p><i>“as redes sociais permitem ler e fazer trabalhos interessantes”;</i></p> <p><i>“ver os trabalhos no fórum...</i></p> <p><i>“[...] e mais cultura geral”;</i></p> |
| | Organização e tratamento da informação | <p><i>“é fácil comentar os trabalhos dos colegas”;</i></p> <p><i>“estas redes sociais dão para fazer trabalhos interessantes no PowerPoint e vê-los no fórum”;</i></p> <p><i>[...] e comentar”;</i></p> <p><i>[...] e enviar mensagens”;</i></p> |
| Comunicação | Interação com os pares | <p><i>“podemos comunicar uns com os outros”;</i></p> <p><i>-“fazer perguntas aos meus amigos e de comunicar com eles no fórum”;</i></p> <p><i>-“poder fazer perguntas aos meus amigos”;</i></p> |
| | Integração social nos grupos de pertença e na comunidade; | <p><i>-“comunicar com outras pessoas”;</i></p> <p><i>-“comunicar com pessoas sem ir a casa delas”;</i></p> <p><i>-“comunicar com os professores, colegas, pais, irmãos, familiares, vizinhos, amigos e conhecidos”;</i></p> <p><i>-“comunicar com familiares distantes”;</i></p> |
| | | <p><i>-“o que têm de melhor as redes sociais é que podemos partilhar os nossos trabalhos com</i></p> |

| | | |
|----------|---|---|
| Produção | Partilha | <i>alunos de outras escolas e aprendemos mais”;</i> <i>- “[...] dar uma opinião”;</i> <i>- “[...] pedir ajuda pelas redes sociais”;</i> |
| | Organização do conhecimento | <i>- “[...] as redes sociais permitem fazer e ver os nossos trabalhos”;</i> <i>- “foi fazer o trabalho com o PowerPoint e perceber com eles como me alegram”;</i> <i>- “[...] ajudar a acabar os trabalhos”;</i> <i>- “[...] poder mostrar os nossos trabalhos e até explorar mais coisas”;</i> <i>- “[...] toda a gente pode ver os nossos trabalhos”;</i> |
| | Utilização de técnicas de registo e retenção de informação. | <i>- “[...] as pessoas poderem ver os nossos trabalhos e o que aprendemos quando fazemos o PowerPoint do fórum”;</i> <i>- “o que tem de melhor é podermos conhecer melhor as coisas e de ver como os colegas trabalharam as coisas”;</i> <i>- “gostei de poder comentar através do facebook, de ver os meus trabalhos e os dos meus colegas no fórum”;</i> <i>- “[...] e aprendi pesquisando”;</i> <i>- “[...] poder pesquisar na internet”;</i> <i>- “[...] enviar mensagens por e-mail”;</i> |
| | Construção do conhecimento | <i>- “aprender mais, ter mais conhecimentos [...]”</i> <i>- “o que tem de melhor é podermos conhecer melhor as coisas e de ver como os colegas trabalharam as coisas”;</i> <i>- “é que nos permite fazer trabalhos e ao fazê-los adquirimos novos conhecimentos”;</i> <i>- “[...] aprender sem sair do lugar”;</i> <i>- “gostei de responder às questões que tinha no meu trabalho do fórum”;</i> <i>- “[...] ver os nossos trabalhos expostos”;</i> |

Estes dados são reveladores da importância que os aprendentes atribuem à comunicação nas redes sociais. De facto, as evidências apontam no sentido de ter um papel significativo no que diz respeito a “comunicar com os outros” que os aprendentes referiram ter nas redes sociais. Os participantes no estudo utilizam as redes sociais para

partilhar informação, numa lógica de interação e integração social com os pares e nos grupos de pertença.

Os dados parecem indicar que estes aprendentes continuam a valorizar a socialização e o contacto com os amigos. As redes sociais podem de facto estar a promover uma maior socialização, já que permitem alargar o espaço e o tempo no qual estes podem privar com os outros. É de referir o facto de um aprendente “comunicar com familiares distantes”, reportando-se ao pai e ao irmão que residem na ilha da Madeira.

Os dados recolhidos junto dos aprendentes permitem constatar que estes têm uma opinião bastante positiva em relação ao contributo que as aplicações Web 2.0 desempenham nas diferentes formas de comunicação, de acesso à informação e de produção de conhecimento que elas proporcionam, em linha com as metas de aprendizagem TIC do 1.º ciclo, numa perspetiva transversal com as demais áreas científicas.

De uma forma geral, todos os aprendentes revelam uma grande facilidade para utilizar a plataforma Web 2.0. Através destas ferramentas, os aprendentes participam na construção do conhecimento “com base em processos de trabalho com recurso aos meios digitais disponíveis e de desenvolver produtos e práticas inovadoras” conforme recomendação das Metas de Aprendizagem TIC do 1.º Ciclo, do Ministério da Educação (2010: p.3). A utilização das TIC neste contexto torna-se pertinente enquanto veículo de motivação e predisposição para a comunicação, sobretudo, de incutir ou desenvolver competências de leitura e de escrita que os alunos habitualmente negligenciam, não sentindo confiança nas suas próprias interpretações. “Por esta razão, a escola deve alterar a sua conceção tradicional e deve começar por estabelecer pontes com outros universos de informação e abrir-se a outras situações de aprendizagem” (Cruz & Carvalho, 2007:201).

Este processo exige um incremento e um domínio da capacidade de tratar a informação disponibilizada, promove a leitura de uma forma dinâmica, ativa e, logo, interessante do ponto de vista educacional, ou seja, o prazer de ler, como refere um dos inquiridos “as redes sociais permitem ler e fazer trabalhos interessantes”.

Destacamos, ainda, um questionamento claro, sucinto e objetivo em relação ao que procuram nas leituras efetuadas na pesquisa de conteúdo, na escolha da melhor

forma de organizar e utilizar técnicas para registar, e reter a informação adequada para se fazerem entender pelos participantes no fórum.

Para os aprendentes, a facilidade de utilização destas ferramentas permitiu disponibilizar publicações de conteúdo diverso *online*, usando ferramentas e ambientes de comunicação em rede, numa perspetiva de aprendizagem individual e como contributo para a aprendizagem dos outros.

Por outro lado, a possibilidade de comentar esses mesmos conteúdos apresentou-se como mais uma forma de comunicar entre os aprendentes, e destes entre si, o que nos conduz a perspetivar da importância desta investigação na promoção leitora dos intervenientes.

Da análise de dados sobressai também um aspeto não menos interessante para os aprendentes, ou seja, a apresentação dos seus trabalhos nas redes para consulta de outros públicos. Ao partilharem no fórum o conhecimento adquirido, os aprendentes ficam sujeitos a comentários sobre o que publicam, e o professor deixa de ser o único a dar o *feed-back* do trabalho exposto. Estão sujeitos a uma avaliação ou julgamento externo sobre o trabalho que fizeram mas, apesar disso, os aprendentes afirmam-se entusiasmados com a exposição dos trabalhos no fórum e aceitam bem os comentários dos outros, mesmo quando não são favoráveis. Pelo mesmo código se regem quando são eles os avaliadores/comentadores dos trabalhos que consultam.

Dimensão B - O que se pode evitar ou melhorar – Fraquezas

| Domínio | Indicador | Unidade de registo |
|----------------|----------------------------|---|
| Acessibilidade | Limitação nos equipamentos | <ul style="list-style-type: none"> - “os computadores estão sempre cheios”; - “devia ter mais computadores”; - “nem sempre tenho computadores para utilizar”; - “os computadores da BE são poucos”; - “computadores sempre ocupados”; - “muitas vezes quero ir ao computador e estão cheios”; - “na BE há poucos computadores”; - “a internet às vezes é lenta”; - “a internet é lenta na biblioteca”; - “por vezes a internet não funciona”; |

| | | |
|-----------------------|---|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> -“a internet precisa de ser um pouco mais rápida”; -“a internet por vezes falha”; -“por vezes a internet não funciona”; -“a internet ser um pouco mais rápida”; -“poucos programas”; |
| Espaço da BE | Acomodação | <ul style="list-style-type: none"> - “evitar meninos a mais na BE”; -“o espaço da BE pode melhorar para aprendermos melhor”; -“o espaço da BE é pequeno”; -“a BE precisa de mais espaço”; -“a biblioteca é pequena”; -“pouco espaço e poucas cadeiras”; |
| Recursos humanos | Atendimento | <ul style="list-style-type: none"> -“na hora de almoço faz falta uma funcionária, o professor bibliotecário está sozinho e não consegue ajudar todos”; -“ter dúvidas e o professor estar ocupado”; -“o professor bibliotecário às vezes não nos pode atender, somos muitos na BE”; -“precisei de ajuda do professor ou da sr.^a Sandra e estavam ocupados com outros colegas”; -“para os alunos há poucos funcionários”; -“a BE tem poucos ajudantes”; -“por vezes, o professor não nos pode atender”; -“os professores da escola não comunicam nas redes sociais”; |
| Saber estar | Regras de utilização | <ul style="list-style-type: none"> -“evitar o barulho na BE”; |
| Segurança na Internet | Noções elementares de segurança na utilização de ferramentas digitais | <ul style="list-style-type: none"> -“evitar falar com desconhecidos”; -“não ceder a chantagens”; -“evitar jogos de tiros e de luta”; -“evitar imagens no PowerPoint com direitos de autor”; |

As aplicações Web 2.0 para terem sucesso, permitindo que os seus utilizadores sejam os principais atores, deverão ser acessíveis e intuitivas. É da opinião geral de

todos os inquiridos que os conhecimentos dos utilizadores sobre esta plataforma, tornam a sua utilização acessível a todos.

No entanto, para que a sua utilização tenha sucesso, é necessário que os intervenientes tenham os meios tecnológicos necessários. Neste aspeto, os aprendentes consideram não ter ainda o desejado acesso a computadores, internet e um espaço físico da BE à medida da escola.

Uma das limitações nos equipamentos para a otimização do projeto de intervenção é a escola não disponibilizar um computador por cada dois aprendentes. A maioria refere que “a biblioteca escolar tem poucos computadores”. Seis no total, daí, os reparos evidenciados por alguns inquiridos: “os computadores estão sempre cheios”; “nem sempre tenho computadores para utilizar”; “os computadores da BE são poucos”;

Considerando que grande parte das escolas já utilizam a internet, e os aprendentes começam a ter práticas e hábitos de aprendizagem neste ambiente de trabalho, considera-se importante que as escolas integrem mais equipamentos e criem condições que permitam a estabilidade da internet sem interrupções. Os jovens de hoje são capazes de desenvolver diferentes atividades ao mesmo tempo, mudando rapidamente de um ambiente digital para outro, recolhendo e processando informação de forma rápida. Quando não a conseguem processar acabam por afirmar que “a internet precisa de ser um pouco mais rápida”.

Ao longo do estudo efetuado e dos dados recolhidos houve também a necessidade de recolher alguma informação de como era visto, pelos utilizadores, o espaço da BE. De facto, a biblioteca torna-se exígua quando uma turma se dirige às suas instalações para desenvolver uma atividade. Devido à afluência de utilizadores, reconhece-se a necessidade de se aumentar o espaço disponível, porém, não há salas contíguas para onde a biblioteca possa crescer ou outros espaços na escola para onde se possa deslocar a biblioteca.

De uma forma geral, o espaço tem boa luminosidade, está equipado com mobiliário confortável e dimensionado para aprendentes até aos dez anos de idade. No entanto, como foi referido, por questões de espaço, as diferentes zonas funcionais parecem obstruídas com o mobiliário.

Relativamente aos recursos humanos, em certas respostas também vislumbramos algum mal-estar ou, pelo menos, uma certa contenção em relação ao atendimento na

BE. Assim, um dos inquiridos refere que, “na hora de almoço faz falta uma funcionária, o docente bibliotecário está sozinho e não consegue ajudar todos”;

As orientações da IFLA/UNESCO dedicam um capítulo ao setor do pessoal, onde se define claramente que a riqueza e a qualidade de uma biblioteca dependem dos recursos humanos disponíveis, pelo que “é de grande importância dispor de pessoal com boa formação e alta motivação, incluindo um número suficiente de elementos adequado à dimensão da escola e às suas necessidades específicas de serviços de biblioteca” (2000: p11). Numa análise muito abrangente, podemos concluir que a interação, o contacto diário e direto com o utilizador, é a forma mais importante para atrair novos utilizadores e para manter os já existentes.

Foi possível, também, compreender que os aprendentes mostram algumas noções elementares de segurança na utilização de ferramentas digitais, apesar da controvérsia que a utilização das redes sociais na educação ainda causa. Algumas escolas proíbem o seu acesso com a finalidade de proteger o aprendente de eventuais problemas, sem levar em conta, que todos precisam de aprender a utilizar esses recursos de forma adequada e responsável, reconhecendo as normas do bom uso das TIC. Os comportamentos aceitáveis devem fazer parte das atividades da escola para informar crianças desprevenidas, falar dos perigos e prevenir sobre as consequências negativas.

Com base na recolha de dados, constatámos que o nosso estudo leva o aprendente a ter consciência sobre os riscos da exposição pessoal nestes espaços, pelo que é importante “não ceder a chantagens” como refere um dos inquiridos. Cabe à escola preparar e educar os mais novos relativamente aos potenciais perigos da Web.

Dimensão C - O mais difícil de fazer ou de acabar – Obstáculos

| Domínio | Indicador | Unidades de registo |
|------------|----------------------|--|
| Informação | Gestão da informação | <p>-“aprender a trabalhar no computador e acabar o PowerPoint (PPT)”;</p> <p>-“fazer o resumo para depois colocar no PPT”;</p> <p>-“o mais difícil de fazer foi o PowerPoint mas assim aprendi a lidar com este programa”;</p> <p>-“acabar os PPT porque nem sempre encontramos as respostas certas”;</p> <p>-“o que foi mais difícil de acabar foi o meu trabalho da Natureza porque foi um trabalho muito grande”;</p> <p>-“tive um bocado de dificuldade em aprender a responder aos meus trabalhos”;</p> <p>-“ter de responder a algumas perguntas”;</p> <p>-“fazer e acabar um comentário”;</p> <p>-“encontrar mensagens e não saber de quem são”;</p> <p>-“o mais difícil foi ter de estar à espera para receber mensagens”;</p> <p>-“o mais difícil foi passar as imagens da net para o PPT”;</p> <p>-“o mais difícil foi retirar do You Tube um vídeo e colocá-lo no PPT”;</p> <p>-“fazer um PPT sozinho”;</p> <p>-“organizar um PPT”;</p> <p>-“encontrar temas na internet”;</p> <p>-“podemos melhorar a forma como escrevemos as frases”;</p> <p>-“ter novos livros”;</p> <p>-“mais vídeos de informação do mundo”;</p> <p>-“o mais difícil foi abrir o Diigo”;</p> <p>-“o mais difícil de fazer foi entrar no facebook”;</p> <p>-“colocar um filme do You Tube no PPT”;</p> <p>-“aprender a palavra-passe do fórum e do facebook”;</p> <p>-“trabalhar nas redes sociais”;</p> |

A partir da análise das entrevistas da amostra, pretendemos averiguar se as atividades desenvolvidas ao longo deste projeto, encontraram ou não, obstáculos que

dificultaram a aprendizagem dos aprendentes. Surge, naturalmente, a tomada de consciência de dificuldades e problemas na aprendizagem, em função da sua especificidade. Assim, no domínio da informação, constatam-se algumas dificuldades do aprendente em adquirir competências para gerir fontes de informação que dificultam o manuseamento das ferramentas Web 2.0 utilizadas no estudo, conforme indica um dos inquiridos: “o mais difícil foi retirar do You Tube um vídeo e colocá-lo no PPT”.

Com os dados recolhidos e analisados nesta dimensão, podemos afirmar que os trabalhos apresentados evidenciam um referencial a considerar, numa ótica de desenvolvimento global do aprendente, permitindo-lhe compreender em que matérias, para que fins e como será adequado e pertinente mobilizar as aplicações da Web 2.0.

Nesta linha, dada a perspetiva de inovação nos processos de aprendizagem, aproveitamos a presente dissertação para apresentar uma proposta que permitisse trabalhar as competências TIC enquanto metas de aprendizagem a evidenciar no final do 1.º ciclo, quer numa perspetiva de promoção para a leitura “dando possibilidade ao leitor de se escapar da realidade para um mundo à sua medida” (Azevedo, 2006: p.51), ou seja, ler por prazer.

Dimensão D - Propostas de melhoramento – Melhorias

| Domínio | Indicador | Unidades de registo |
|------------------|-------------|--|
| TIC | Equipamento | -“aumentar o número de computadores na BE”; -“melhorar as falhas da internet”; -“internet pode ficar mais rápida”; |
| | | -“ter mais redes sociais como o Twitter para mais pessoas conhecerem a escola”; -“mais redes sociais mas para isso é preciso ter internet”; -“melhorar a apresentação dos PowerPoint”; -“facilitar a ida dos mais pequenos às redes sociais”; -“melhorar o Diigo e o fórum”; -“ter todas as informações no Diigo”; -“instalar o Twitter, o hi5 e o FarmVille”; |
| Espaço da BE | Adequação | -“melhorar o espaço da biblioteca”; -“ter uma biblioteca grande para entrar mais crianças”; -“a BE podia ser maior”; -“a BE ter mais espaço”; -“arranjar mais espaço para computadores”; -“expandir a biblioteca”; -“o espaço devia ser maior”; |
| Recursos humanos | Atendimento | -“ter mais um funcionário ou um professor”; -“mais gente a atender os aprendentes”; -“ter mais um professor bibliotecário”; -“ter um professor de informática”; -“ter mais professores”; |

Por certo, nem todos estão satisfeitos com as limitações existentes na biblioteca escolar. No entanto, é interessante notar, que estamos perante uma comunidade de aprendizagem ativa e responsável, na procura refletida de propostas para melhorar as aplicações da Web 2.0.

Na análise das propostas recebidas, percebe-se que são de grande relevância para o aprendente, melhorar os recursos humanos, aumentar o número de computadores, funcionamento integral da internet sem interrupções e, como aponta um dos inquiridos - “expandir a biblioteca”.

7. RECURSOS

“Partilhamos da ideia que o uso dos recursos tecnológicos deve promover uma abordagem sustentada em ferramentas cognitivas que ativem o intelecto do aluno na construção de aprendizagens significativas”(Jonassen 2007).

Para pôr em prática as sessões de intervenção do projeto, construímos na BE uma plataforma com a ajuda de algumas ferramentas Web 2.0, decorrendo a estrutura em Ambiente Virtual de Aprendizagem:

- o Blogue Oficial da Biblioteca Escolar da Lage⁶ funciona como plataforma de gestão de conteúdos e tem por base o WordPress onde são acedidos os elementos necessários para sustentar a implementação do modelo pedagógico proposto; trata-se de uma rede que integra várias funcionalidades de alojamento de materiais relacionados com diferentes atividades de promoção da leitura ou mesmo como plataforma de interação entre a biblioteca e os aprendentes ou entre estes, quando aconselham leituras ou tecem comentários às leituras dos outros.

- o marcador social Diigo orienta o aprendente na realização do trabalho individual ou de grupo, promove a pesquisa de recursos digitais multimédia, permite disponibilizar informação;

- o Fórum⁷ (Forumeiros.com) aloja os trabalhos publicados⁸, dinamiza o debate, confronto de pontos de vista pessoais ou de grupo, cria condições de elevado grau de participação e leitura, incentiva o aprofundamento de diversificadas competências tecnológicas;

- Microsoft PowerPoint – usado para a publicação dos trabalhos no Fórum podem ser animados de diferentes maneiras: imagens, sons, textos, vídeos, formatação de texto (WordArt), galeria de objetos gráficos (ClipArt) e uma gama de efeitos de animação e composição de diapositivos;

Para iniciarmos o nosso trabalho de campo, remetemos um ofício ao diretor do

⁶ <http://be-lage.pt.la/>

⁷ O login de acesso aos conteúdos do fórum de discussão do blogue da BE pode efetuar-se com o utilizador BE-4 e palavra-chave be4ano para os aprendentes de 4.º ano e com o utilizador BE-3 e palavra-chave be3ano para os de 3.º ano. O acesso a todas as opções de menu do fórum verifica-se depois da validação de um utilizador e da palavra-chave respetiva

⁸ <http://be-foum.pt.la/>

agrupamento de escolas de S. Martinho (anexo E, documento 01) pedindo autorização para a implementação do projeto de investigação e inquirir os intervenientes no projeto de intervenção: aprendentes, docentes e encarregados de educação.

Para além dos recursos humanos existe também um conjunto de recursos materiais imprescindíveis à realização do projeto (anexo D, tabela 04).

8. AVALIAÇÃO

“Os alunos das escolas de hoje devem aprender a reunir a informação, a interpretá-la e avaliá-la, a colecioná-la e a utilizá-la. Trata-se de um objetivo universalmente procurado em pedagogia que portanto como tal deve ser tomado em consideração e servir de base de referência noutros casos” (G. Odestam).

Tendo em consideração os objetivos formulados para o projeto de investigação-ação, é importante que façamos uma avaliação baseada na análise dos resultados obtidos.

Relativamente à pergunta de partida: *Serão as redes sociais na biblioteca escolar uma oportunidade para promover a leitura*, pudemos recolher dados relevantes com o auxílio do inquérito por questionário e da entrevista, que nos permitem confirmar o impacto positivo nos hábitos de leitura dos aprendentes, com recurso a ferramentas Web 2.0, resultante da experiência de utilização das redes sociais na BE.

No decorrer deste projeto, a utilização das redes sociais revelou-se favorável à capacidade comunicacional do aprendente, orientada para a promoção da leitura. Assim, na análise dos dados estatísticos, dos cinquenta e oito intervenientes, cinquenta e sete evidenciam interesse pela oferta de atividades na BE que os fazem gostar de ler.

Estes dados reforçam a experiência de utilização das ferramentas Web 2.0, no quadro das redes sociais, que nos sugerem forte influência nos hábitos de leitura do aprendente e proporcionam uma aprendizagem mais significativa, comunicativa e crítica.

Para possibilitar a análise de conteúdos da investigação, utilizámos a entrevista semiestruturada para compreender a forma como os entrevistados avaliam as suas práticas. Com este auxílio obtivemos dados relevantes que nos permitem constatar a capacidade de tratar a informação, promover a leitura de uma forma dinâmica e interessante do ponto de vista educacional, ou seja, do prazer de ler nas redes sociais, como refere um dos inquiridos: “as redes sociais permitem ler e fazer trabalhos interessantes”.

Destacamos, ainda, pela análise de dados obtidos em relação à promoção da leitura orientada dedicada à pesquisa, assim como nos trabalhos realizados, a escolha da melhor forma de organizar e utilizar técnicas para registar, e reter informação adequada,

para se fazerem entender no fórum de discussão do blogue da BE.

A facilidade de utilização das ferramentas Web 2.0 permitiu disponibilizar as publicações de conteúdo temático no Ambiente Virtual de Aprendizagem, numa perspetiva de aprendizagem individual e como contributo para a aprendizagem dos outros, através do desenvolvimento da leitura.

Por outro lado, a possibilidade de comentar os trabalhos divulgados no fórum de discussão, apresentou-se como mais uma forma de comunicar entre os aprendentes, e destes entre si, o que nos conduz a perspetivar da importância desta investigação na promoção da leitura dos intervenientes.

Ao partilharem no fórum de discussão o conhecimento adquirido, os intervenientes ficam sujeitos a comentários sobre o que publicam. Apesar disso, afirmam-se entusiasmados e aceitam bem os comentários dos outros, mesmo quando não são favoráveis. Pelo mesmo código se regem quando são eles os avaliadores dos trabalhos que consultam e os comentam.

Quanto ao objetivo geral: *promover a leitura com recurso às redes sociais*, consideramos que foi largamente atingido, uma vez que os objetivos específicos que o operacionalizam, em linha com as metas de aprendizagem TIC do 1.º ciclo, foram concretizados. Provavelmente, esta realidade foi possível, dadas as condições privilegiadas de acesso às TIC de que os intervenientes dispõem na BE.

O presente trabalho permitiu-nos perceber, que, em termos gerais, a interação dos leitores com a biblioteca *online*, através da utilização das ferramentas Web 2.0, tornaram a dimensão lúdica e curricular da biblioteca muito presente, na procura de informação para a transformar em conhecimento próprio. A utilização das redes sociais permitiu motivar os aprendentes e envolvê-los na dinamização de atividades de animação da leitura, desenvolvendo, desse modo, competências múltiplas de aprendizagem, através da descoberta e construção de conhecimento.

9. DISSEMINAÇÃO

“Nenhum leitor nasce leitor. E isto é válido tanto para a tecnologia do livro como para o ambiente digital. Os leitores fazem-se com trabalho com produção, com prática continuada” (Teresa Calçada).

A hipótese proposta neste trabalho de investigação foi validada, dado que, com base na avaliação da implementação do modelo apresentado, concluiu-se que foram atingidos os objetivos. Os aprendentes sentiram-se motivados para os novos formatos de comunicação que exigem aptidões de leitura e escrita, distintas das que são utilizadas em sala de aula, e “outras leituras que os estudantes fazem, a fim de as colocar ao serviço do processo de aprendizagem em geral e da leitura em particular” (VIANA, 2009: p.36).

O presente estudo apresenta, como finalidade principal a promoção da leitura em crianças do 3.º e 4.º anos do 1.º CEB. O Ambiente Virtual de Aprendizagem pela sua acessibilidade comunicacional, constituiu um grande difusor de boas práticas ambientais através da partilha de trabalhos, ideias e materiais.

Em ambiente virtual de aprendizagem que apela à pesquisa na internet, tendo por base textos com função predominantemente informativa, procuramos novas respostas para fazer face a um mundo cada vez mais interativo e aberto, promovendo a autonomia do aprendente na aprendizagem. Por autonomia, neste domínio, entenda-se a capacidade de extrair significado, com eficácia, os significados de textos informativos para os transformar em conhecimento. Como sublinham Martins e Sá (2008: p.236):

“o gosto pela pesquisa, a capacidade de procurar informação em vários contextos e suportes, a capacidade de comunicação, o recurso a estratégias cognitivas, o desenvolvimento de um pensamento autónomo a par da capacidade para cooperar com outros constituem exemplos de aspetos centrais da aprendizagem e devem ser considerados como elementos fundamentais do currículo”.

Face às características da atual sociedade do conhecimento, torna-se muito importante que o hábito de ler faça parte da vida do aprendente. Por vezes, não podemos ignorar que o aprendente regista um baixo índice competencial em relação à leitura e à escrita. As competências desenvolvidas são insuficientes para ter sucesso escolar e para o exercício de uma cidadania crítica e interventiva. Daí, a importância do nosso projeto na conquista do aprendente para a leitura, estimulada pelas redes sociais na biblioteca

escolar. Com base nos resultados dos estudos levados a cabo, consideramos as redes sociais um bom contributo para promover e desenvolver competências de leitura, e na resolução de problemas de literacia. Como reforça Martins e Sá (2008: p.241), “a prática de leitura tem que ser realizada com frequência dentro e fora da sala de aula, para que os alunos desenvolvam efetivamente hábitos de leitura”.

O hábito de ler é essencial na formação global do aprendente e, portanto, ser leitor no século XXI envolve saber ler os textos tradicionais e ao mesmo tempo, os textos em formatos diferentes. Quer seja o texto impresso, literário ou não, quer o visual ou o multimédia, ler é compreender, como confirmam os autores por nós consultados na ponderação do tema. O leitor tem sempre um objetivo para ler, ou seja, “evadir-se, utilizar a leitura como prazer, encontrar uma informação concreta, seguir instruções, realizar uma atividade concreta, informar-se acerca de determinado feito, confirmar ou refutar um conhecimento prévio, utilizar a informação para a construção de um novo texto”, (SOLÉ, 1998: p.17).

O fundamental em todo este projeto reside, por um lado, no facto de o processo de leitura ser o centro da ação e, por outro, no facto de os aprendentes serem “eles próprios, agentes do projeto, assumindo-se como sujeitos ativos, motores do próprio processo e não meros espectadores, exteriores à própria ação, e nesta condição sujeitos passivos relativamente à atividade desenvolvida” (PROLE, 2008: p.3).

É da maior importância a referência de António Prole à participação ativa do aprendente no desenvolvimento de um projeto de promoção da leitura. Apesar da orientação do docente bibliotecário nas atividades, o aprendente estimulado a ser um “sujeito ativo” no decorrer do estudo, foi construindo como prolongamento da própria leitura, as perturbações e emoções que a leitura lhe vai oferecendo: pequenos comentários sobre a leitura que mais lhe agradou; textos sobre assuntos que mais o entusiasmou; uma seleção de imagens na internet de que mais gostou, ou uma pesquisa na internet a partir do qual construiu um texto. Aqui, o aprendente é sujeito ativo do próprio projeto e entusiasma-se com o trabalho que desenvolve, sente-o como seu, então, é conquistado para a leitura. E se ler é compreender, a sua atitude positiva acentua-se em prol da competência leitora.

A este propósito António Prole afirma: “o objetivo da promoção da leitura é formar leitores competentes, autónomos, capazes de avaliar criticamente o lido e

construir hipóteses interpretativas” (2008: p.6). A este respeito, acreditamos na força do fórum de discussão da BE, um espaço privilegiado para atrair os aprendentes para a leitura, potencializar a interação entre o leitor e o texto, e em sequência desenvolvimento da compreensão. Aliás, David Cooper refere: “La interacción entre el lector y el texto es el fundamento de la comprensión.(...) este proceso de relacionar la información nueva com la antigua es, en una palabra, el proceso de la comprensión” (1999: p.18).

Por concordarmos com ambos, cujos estudos estão na base da nossa reflexão, consideramos que a utilização das redes sociais na BE, pode impulsionar a interação do leitor com o texto, o ato de leitura em si, que têm como fim último a formação de leitores e a consolidação de hábitos de leitura.

Esperamos, portanto, que experiências como esta contribuam para a mudança que se pretende implementar na escola, privilegiando a integração das ferramentas que lhe são familiares. A facilidade do seu acesso, a rentabilização dos recursos da BE – consequência do PTE e do programa da RBE – e o caráter gratuito, interativo e inovador da Web 2.0, fazem destas ferramentas mais do que meros instrumentos de captação da motivação do aprendente, mas autênticos meios de desenvolvimento de competências tendo o docente bibliotecário como agente facilitador e criador de ambientes favoráveis à promoção da leitura.

Consideramos poder afirmar que as redes sociais na BE são uma oportunidade para promover a leitura. É possível conquistar as crianças para a leitura, basta que para isso aconteça uma política de promoção da leitura concertada entre os docentes e a biblioteca escolar e, claro, a família.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É preciso proceder a mudanças efetivas nas estruturas existentes (espaços, organização pedagógica), nos comportamentos dos professores (em relação aos conteúdos e métodos de ensino) e dos alunos, (relação com o saber, tarefas e processos de trabalho), com o fim de criar situações que promovam o prazer de ler, de escrever e de investigar” (Isabel Veiga).

Depois de termos abraçado o estudo que empreendemos, inserido no campo da investigação educativa, pretendemos analisar o impacto das ferramentas Web 2.0 na escola ao serviço da promoção da leitura. No quadro de uma mudança de paradigmas educativos, as ferramentas e serviços da Web 2.0 estão a ter um impacto profundo na forma como são entendidos os papéis de quem ensina e de quem aprende, na perspetiva da aprendizagem *online*.

A presença da biblioteca escolar nos serviços da Web 2.0, em nosso entender, não deve substituir a existência física da mesma, mas pode e deve difundir a biblioteca para outros ambientes e contextos. Com o crescimento de informação disponível, os constantes avanços tecnológicos e científicos exigem aos indivíduos uma atualização permanente dos seus conhecimentos sendo essencial que estes dominem competências que lhes permitam aprender de forma autónoma ao longo da vida (Calixto, 1996).

Assim, assistimos à transição de um mundo baseado no conhecimento, produzido por autoridades científicas e académicas, para um mundo de conhecimento produzido pelo indivíduo comum, em modelos que se baseiam em perfis na rede social onde se processa a aprendizagem e o acesso ao conhecimento.

Tendo em conta estes princípios, nunca é de mais reforçar que “as novas formas de comunicação (internet, chats, fóruns, correio eletrónico, sms, msn) exigem competências de leitura e de escritas diferentes das que são utilizadas em sala de aula” (Viana L. e Ribeiro I., 2009: p.35). É importante que os docentes proporcionem experiências de ensino e aprendizagem centradas no aprendente, em detrimento do processo de transmissão de saberes, sendo essencial preparar os nossos aprendentes a serem leitores de qualquer unidade de informação, de forma a ter em conta uma melhor integração à nova realidade digital.

O presente trabalho permitiu-nos perceber, que, em termos gerais, a interação dos leitores com a biblioteca *online*, através da utilização das ferramentas Web 2.0,

tornaram a dimensão lúdica e curricular da biblioteca muito presente, na busca de informação para a transformar em conhecimento próprio. A utilização das redes sociais permitiu motivar os aprendentes e envolvê-los na dinamização de atividades de animação leitora, desenvolvendo, desse modo, competências múltiplas de aprendizagem, através da descoberta e construção de conhecimento.

O estudo que empreendemos, através da figura do docente bibliotecário, permitiu-nos perceber, de que forma as novas tecnologias na biblioteca escolar ao serviço da promoção da leitura, visam a criação de hábitos de leitura autónoma de diferentes tipos de textos (texto literário, texto não literário, imagem estática, imagem dinâmica) em diferentes suportes. Com tão abrangente leque de recursos utilizados na promoção da leitura, procuramos aproximar a leitura do leitor do século XXI. Por outro lado, valorizamos a utilização das ferramentas Web 2.0 nessa aproximação.

A validação do modelo implementado foi efetuada com base em experiências realizadas com utilizadores reais de uma turma de 3.º ano e duas de 4.º, da escola básica de 1.º ciclo de Lage, do agrupamento de escolas de S. Martinho. O projeto de intervenção criado, propôs-se, além da validação do modelo, demonstrar o funcionamento da plataforma Web 2.0, quer ao nível de cumprimento da meta de objetivos, quer na organização e articulação com a sala de aula.

A validação foi complementada com a realização de uma análise qualitativa e para o desempenho do sistema em medidas quantitativas, o que nos permitiu fazer o ponto da situação do trabalho desenvolvido para chegar às seguintes conclusões:

- à medida que os aprendentes descobrem novas possibilidades com o domínio dos computadores, também revelam ter consciência que necessitam de aprofundar as competências tecnológicas; dos quarenta e dois inquiridos que indicam ter nível de “Bom utilizador” na 1.ª fase, passam a ser trinta e nove na 2.ª fase;

- num universo de cinquenta e oito inquiridos envolvidos no projeto de intervenção, 98% (57) revelam no inquérito por questionário da 2.ª fase, ter na BE mais atividades disponíveis para a leitura que os fazem gostar de ler;

- face à oferta de formas de exprimir as suas opiniões e de interagir em diferentes plataformas das redes sociais na BE, verificamos uma mudança importante dos utilizadores; na primeira fase para 95% (55) dos aprendentes a BE não oferecia formas de exprimir as suas opiniões, enquanto na 2.ª fase, com a implementação das

redes sociais, 90% (52) afirmam que a BE tem formas de exprimir as suas opiniões e de interagir em diferentes plataformas das redes sociais;

- o envolvimento dos aprendentes com as ferramentas Web 2.0 tornou-se real; 78% (46) dos inquiridos revelam, agora, conhecê-las, ao contrário do primeiro inquirido em que só 2% (1) conheciam a plataforma Web 2.0; o envolvimento dos aprendentes na dinamização das ferramentas Web 2.0 na BE, promoveu práticas de leitura autónoma e estabeleceu pontes com redes de conhecimento;

- a quantidade de utilizadores a pesquisar na Internet, comparando os resultados da primeira para a segunda fase, constatámos que progrediu; esta alteração de valores leva-nos a verificar que as atividades desenvolvidas ao longo do projeto para aprender a pesquisar, a transformar a informação em conhecimento e a divulgá-la no fórum, foi bem-sucedida como comprovam 91% (53) dos inquiridos;

- o acesso à BE de livros digitais é mais relevante na 2.^a fase, 64% (37), face aos 50% (29) da 1.^a fase; comparando estes valores, podemos apurar que a consulta de livros digitais pode contribuir para a criação do gosto pelo livro digital e pela leitura;

- os dados recolhidos junto dos aprendentes, demonstram que estes têm uma opinião bastante positiva em relação ao contributo que as redes sociais na internet podem dar às práticas de promoção leitora, ao divulgar e disponibilizar as suas publicações na rede social;

- as evidências de participação nas redes sociais passaram de 3% (2) na 1.^a fase, para 81% (47) na 2.^a fase; os dados recolhidos junto dos aprendentes na BE, mostram o contributo das redes sociais nas práticas de promoção leitora, ao proporcionar livre acesso à informação, comunicação e animação leitora, e formando cidadãos cada vez mais autónomos e críticos;

- a segurança na internet revelou-se uma real preocupação, ou seja, 86% (50) dos utilizadores não tem qualquer prática de segurança; na 2.^a fase, 71% (41) dos inquiridos alteram de postura para tornar segura a utilização da Internet. O facto de os aprendentes estarem conscientes de alguns perigos que a Internet, e as redes sociais em particular, podem trazer, é um sinal claro para o investigador, de que o projeto formou os aprendentes para uma utilização segura da rede;

Uma das vertentes desta investigação é a perspetiva do aprendente, sobre as atividades desenvolvidas pela biblioteca escolar na promoção da leitura, entendida a

partir das redes sociais. Os dados recolhidos junto dos aprendentes permitem constatar que têm uma opinião bastante positiva em relação ao contributo que as tecnologias de comunicação e informação desempenham nas diferentes formas de comunicação, de acesso à informação e de produção de conhecimento que elas proporcionam, Em suma, em linha com as metas de aprendizagem TIC do 1.º ciclo, numa perspetiva transversal do currículo com as demais áreas científicas.

Este processo exige um crescimento e um domínio da capacidade de tratar a informação disponibilizada, promove a leitura de uma forma dinâmica, ativa e, logo, interessante do ponto de vista educacional, ou seja, o prazer de ler, como refere um dos inquiridos “as redes sociais permitem fazer e ler os trabalhos”.

Para os aprendentes, a facilidade de utilização destas ferramentas permite disponibilizar conteúdo diverso *online*, usando ferramentas e ambientes de comunicação em rede, numa perspetiva de aprendizagem individual e como contributo para a aprendizagem dos outros. Os participantes utilizaram as redes sociais para partilhar informação, numa lógica de interação e integração social com os pares e grupos de pertença. A possibilidade de comentar esses mesmos conteúdos apresentou-se como mais uma forma de comunicar entre os aprendentes, e destes entre si, o que nos conduz a perspetivar da importância desta investigação na promoção leitora dos intervenientes.

Destacamos, ainda, um questionamento sucinto e objetivo em relação ao que procuram os aprendentes nas leituras efetuadas na pesquisa de conteúdo, na escolha da melhor forma de organizar e utilizar técnicas para registar, e reter a informação adequada para se fazerem entender pelos participantes no fórum. Como sublinham Martins e Sá:

“o gosto pela pesquisa, a capacidade de procurar informação em vários contextos e suportes, a capacidade de comunicação, o recurso a estratégias cognitivas, o desenvolvimento de um pensamento autónomo a par da capacidade para cooperar com outros constituem exemplos de aspetos centrais da aprendizagem e devem ser considerados como elementos fundamentais do currículo” (2008: p.236).

As atividades em torno da leitura, fruto de experiências com diferentes tipos de textos, diferentes tipos de linguagem e diferentes formatos, tornaram possível ao aprendente, um domínio de leitura que lhe permite usá-la como ferramenta de aprendizagem estimulante, conforme refere Leopoldina Viana e Iolanda Ribeiro (2009: p. 37):

“a eficácia e o sucesso da aprendizagem, nesta sociedade em que o conhecimento se

encontra em constante convulsão, já depende e dependerá cada vez mais da fidedignidade e do rigor das fontes a que se recorre, das línguas em que se lê, dos meios de comunicação que se dominam e da eficácia com que se utilizam os diversos suportes comunicativos” (2009: p.37).

A crescente promoção da informação e do conhecimento na atual sociedade, assim como as tecnologias que auxiliam no acesso, torna necessário que qualquer cidadão efetue alguns ajustes de adaptação à nova realidade digital e quem não domina a nova organização, corre o risco de ficar afastado, em consequência do fenômeno da infoexclusão (MSI, 1997).

A partir da análise dos dados obtidos ao longo deste estudo consideramos que obtivemos informação que nos permite responder à questão de partida desta investigação:

- Serão as redes sociais da biblioteca escolar, uma oportunidade para promover a leitura?

O objetivo que nos moveu foi encontrar respostas para a ausência de hábitos de leitura. Sabendo que os hábitos de leitura dos pequenos aprendentes são ainda muito frágeis, acreditámos que a biblioteca escolar poderia ser uma mais-valia para alterar o panorama da leitura, daí, a aposta no incentivo à leitura nos vários contextos das ferramentas 2.0.

Apesar das dificuldades que sentimos no início, consideramos que a aposta no trabalho da biblioteca para promover a leitura foi superada, na medida em que aguçando a curiosidade natural do leitor com as novas formas de comunicação (internet, blogue, fórum, facebook, diigo, youtube), conseguimos também propiciar acesso a diferentes tipos de texto, em vários suportes e formatos, que nos permitiram alimentar alguma esperança de que as redes sociais são uma oportunidade de práticas de inovação em educação, na área de promoção da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fernando (2006), *Língua Materna e Literatura Infantil*, Lisboa, Lidel.
- BELL, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação*, Lisboa, Gradiva.
- BOGDAN, Robert e Biklen, Sari (1994), *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto, Porto Editora.
- BRUCE, C. (2002), “Information literacy as a catalyst for educational change”
www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/papers/bruce-fullpaper.pdf, disponível em 06/09/11.
- CABRAL, Maria Luísa (1996), *Bibliotecas. Acesso, sempre*, Lisboa, Edições Colibri.
- CAETANO, S. e Falkembacch, G. (2007), “Youtube: uma opção para uso do vídeo no EAD”, <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/3aSaulo.pdf>, disponível em 05/09/11.
- CALIXTO, José António (1996), *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*, Lisboa, Editorial Caminho.
- CALIXTO, J. A. (2003), “Literacia da informação: um desafio para as bibliotecas”, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5551.PDF>, disponível em 07/08/11.
- CALIXTO, J.A. (2006), *A Biblioteca na Sociedade da Informação*. Lisboa: Caminho da Educação.
- CAMPELLO, B. S. (2009), *Letramento Informacional. Função educativa do bibliotecário na escola*, Belo Horizonte, MG Autêntica.
- CANÁRIO, Rui et al. (1994), *Mediatecas Escolares: génese e desenvolvimento de uma inovação*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- CANÁRIO, R. Barroso, C. Oliveira, F. Pessoa, A. M. (1994), *Mediatecas escolares. Génese e desenvolvimento de uma inovação*, Lisboa, IIE.
- CARVALHO, A. A., et al. (2006), *Blogue - uma ferramenta com potencialidades pedagógicas*, In A. Moreira, J. Pacheco, S. Cardoso & A. Silva (orgs), Atas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares (III Colóquio Luso-Brasileiro) - Globalização e (des)igualdades: os desafios curriculares, Braga, CIED, Universidade do Minho, 635-652.
- CARVALHO, A. (2007), “Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: dos recursos e Ferramentas Online aos LMS”, *Sísifo, Revista de Ciências da*

Educação, n.º 03, pp. 25-40,

- CARNEIRO, Roberto (2004), *A Educação Primeiro*. Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.
- CASEY, M, SAVASTINUK L. (2007). “We know what library 2.0 is”, http://www.librarycrunch.com/2007/10we_know_what_library_20_is_an_d.html/, disponível em 01/09/11.
- CASTELLS, Manuel (2002a), *A Sociedade em Rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, M. (2002b), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Volume I, A sociedade em rede, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, Manuel (2004), *A Galáxia Internet*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CLEMENTE, Luís (2008), *A Biblioteca na escola. O futuro está lá*. Lisboa, Sete Caminhos.
- CMSI (2005), “Compromisso de Tune”, Cimeira Mundial sobre Sociedade da Informação, <http://www.itu.int/wsisw/docs2/Tunis/off/7-es.html/>, disponível em 06/08/11.
- CONDE, Elsa (2003), “*A Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação na Biblioteca Escolar*”, Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
- CONDE, Elsa (2006), *A Integração das TIC na Biblioteca Escolar*, Lisboa, Ministério da Educação, Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- CONDE, Elsa (2010), “No terreno: Bibliotecas escolares, ambientes de aprendizagem permanente”, *Noesis*, V. 82, 24-29.
- .CORREIA, A.M. e Carlos Teixeira (2003, “Literacia da informação: um conceito integrado para uma Internet mais segura”, <http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=862227>, disponível em 26/07/11.
- CRUZ, S. (2007). *O Blogue como recurso e estratégia pedagógica. Uma experiência com alunos do 2.º e 3.º ciclos na disciplina de História*, “in” Brito, C. Torres, J. & Duarte, J. (eds), *Weblogs na educação: 3 experiências, 3 testemunhos*. Setúbal: Centro de Competência da ESE de Setúbal, pp. 107-115.
- CRUZ, S. & Carvalho, A. (2007), “Produção de vídeo com o Movie Maker: um estudo sobre o envolvimento dos alunos do 9.º ano na aprendizagem”, <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7152/1/Cruz%26Car>

- [valho-SIIE-2007.pdf/](#), disponível em 15/01/12.
- COOPER, David J. (1999), *Cómo mejorar la comprensión lectora*, Madrid, ed. Apendizaje Visor,
- DAVIS, I. Talis (2005), “web 2.0 and all that”,
<http://blog.i.andavis.com/2005/07/04/talis-web-2-0-and-all-that/>,
disponível em 01/08/11.
- DELORS, Jacques (1996), *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, Porto, Edições Asa.
- DGIDC, “Metas de Aprendizagem TIC”, 1.º Ciclo, Ministério da Educação,
http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/wp-content/uploads/introducoes/1_ociclo_TIC-0.pdf/, disponível em 13/07/12.
- DOYLE, C. (1992), “Outcome measures for information literacy within the national goals of 1990”,
[http://www.eric.ed.gov/EricDocs/data/ericdocs2/content_storage_01/000000b\(80/23/4a/12.pdf](http://www.eric.ed.gov/EricDocs/data/ericdocs2/content_storage_01/000000b(80/23/4a/12.pdf), disponível em 26/07/11.
- DUARTE, Teresa (2009), “A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)”, http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20_Duarte.pdf, disponível em 25/01/12.
- FERNANDES, D. (1991), “Notas sobre os paradigmas da investigação em educação”, *Noesis*, v. 18, pp. 64-66.
- FURTADO, C. Cordeiro (2009), “Bibliotecas escolares e Web 2.0”,
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012614.pdf/>
disponível em 30/08/11.
- IFLA (1993), *Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares*.
- IFLA (2000), “Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares”,
<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/school-guidelines.htm>, disponível em 05/01/11.
- JONASSEN, D. (2007), *Computadores, Ferramentas Cognitivas - Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*, Porto, Porto Editora.
- KING, David Lee (2007), “Library 2.0 Ripples - Another Go at the Graph”,
<http://www.davidleeking.com/2007/08/24/library-20-ripples-another-go-at-the-graph/>, disponível em 01/09/11.
- LÉVY, P. (2000). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LEVY P. (2002), “Interactive whiteboards in learning and teaching in two Sheffield

- schools: a developmental study”,
<http://dis.shef.ac.uk/eirg/projects/wboards.htm>, disponível em 17/02/12
- LICCARDI, I. et al. (2007), “The role of social networks in students’ learning experiences”,
<https://portal.acm.org/purchase.cfm?id=1622017&CFID=5868735&CTOKEN=61932577>, disponível em 06/01/11.
- MANESS, J. M. (2006), “Library 2.0 theory: web 2.0 and its implications for libraries. Webology”, <http://www.webology.ir/2006/v3n2/a25.html>, disponível em 01/09/11.
- MARQUES, R. (1997), “Os desafios da Sociedade de Informação”,
<http://www.cursoverao.pt/>, disponível em 23/08/11.
- MARTINS, M. E. O., e Sá, C. M. (2008), “Ser leitor no século XXI - Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e ativa”, *Saber & Educar*, v.13, 235-245.
- MONERO, C. (2005), *Internet y competencias básicas. In Internet y competencias básicas. Aprender a colaborar, a comunicarse, a participar, a aprender*, Barcelona, Graó, 5-26.
- MOURA, A. M. C. (2005), “Português on-line: um contributo para a inovação”,
<http://adelinamouravita.com.sapo.pt/Galaico05.pdf>, disponível em 21/08/12.
- MSI (1997), “Livro verde para a sociedade da informação em Portugal”, Lisboa, Ministério Ciência e da Tecnologia, <http://purl.pt/239/2/>, disponível em 03/07/11.
- NOVO, A. (2007), *Bibliotecas, bibliotecários escolares e sucesso educativo*, “in” J.A. Calixto, Ter ou não ter bibliotecário na escola: Valor e impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares (pp.51-63), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- NÓVOA, António (2009), “Educação 2021: Para uma história do futuro”, *Revista Ibero-Americana de Educación*, n.º 49, Abril/2009.
- NUNES, Manuela Barreto, (2003), *O papel da biblioteca escolar na formação da comunidade educativa*, “in” Atas das jornadas de Bibliotecas Escolares, Trofa, org, Câmara Municipal, documento não publicado.
- NUNES, Manuela Barreto, (2006), *O papel da Biblioteca Escolar na formação da comunidade educativa: algumas ideias*, Porto, Universidade Portucalense.
- NUNES, Henrique Barreto (1996), *Da biblioteca ao leitor. Estudos sobre a leitura pública em Portugal*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional.

- O'REILLY, T. (2005a), "Web 2.0: compact definition", http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html/, disponível em 31/08/11,
- O'REILLY, T. (2005b), "What is Web 2.0 Design patterns and Business models for the next generation of Software", <http://www.oreil.lynet.com/lpt/a/6228/>, disponível em 28/08/11.
- PISA, 2002, OCDE, "Resultados do Estudo Internacional" <http://www.oecd.org/education/33685403.pdf/>, disponível em 26/07/11.
- PORTUGAL, Ministério da Educação (2009), "Estudo de avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares", http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=591&fileName=estudo_de_avaliao_programa_rbe.pdf, disponível em 28/07/11.
- PRÍNCIPE, P. (2007), "Perfil dos blogues portugueses em Ciência da Informação", <http://www.slideshare.net/pedroprincipe/perfil-de-blogues-portugueses-na-rea-das-cincias-da-informao/>, disponível em 02/02/11.
- PROLE, A. (2008), "Como fazer um projeto de promoção da leitura", 1-10, http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/abz_indices/001393_PROJ.pdf/, disponível em 16/08/12.
- RBE (2008), Rede de Bibliotecas Escolares, *School Libraries Network*, Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares.
- RBE (2011), "Modelo de avaliação da biblioteca escolar", <http://rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=83&fileName=mabe.pdf>, disponível em 27/09/11.
- RODRIGUEZ, Palchevich D. (2008), "La Web 2.0 y la biblioteca escolar: integrando los marcadores sociales a la gestión", http://recursos.cepindalo.es/file.php/149/TIC/PARA_SABER_MAS_TIC/Marcado_social_BIBLIOTECA_ESCOLAR-1.pdf/, disponível em 28/08/11.
- SANTOS, Guerra M. (2000), *A Escola que Aprende*, Porto, Asa.
- SEQUEIRA, Maria de Fátima (2000), *Formar Leitores. O contributo da biblioteca escolar*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto da Inovação Educacional.
- SERRA, J. Paulo (1998), "A informação como utopia. Estudos em comunicação", Universidade da Beira Interior, Covilhã, http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110826-serra_paulo_informacao_utopia.pdf/, disponível em 26/07/11.
- SERRA, Cristiana, PRETTO, Nelson de Luca (2009). "Bibliotecas digitais e Internet: em busca da produção colectiva de conhecimento",

<http://www2.ufba.br/~preto/textos/bvs.htm/>, disponível em 29/08/11.

SILVA, H. A. P. Guedes (2007), *Uma arquitetura de software dinâmica para a criação de interação social regulada na web*, Universidade do Minho.

SIM-SIM, Inês (2001). *A formação para o ensino da leitura. "in" I. Sim-Sim (org.), A formação para o ensino da Língua Portuguesa na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico: Cadernos de formação de professores (pp.51-64)*. Porto: Porto Editora.

SIM-SIM, Inês (2007), *O ensino da leitura: a compreensão do texto*, Lisboa, Ministério da Educação – DGIDC.

SOLÉ, Isabel (1998), *Estratégias de leitura*, Porto Alegre, Artmed Editora, (6.ª ed.).

TODD, R. (2003), “Aprendizagem na escola na era da informação: Oportunidades, resultados e caminhos”, *Noesis*, 82, 24-29.

TODD, R., KUHALTHAU, C, e HEINSTROM, J. (2012), “Avaliação do impacto da biblioteca escolar”, <http://rbe.min-edu.pt/np4/463.html>, disponível em 12/01/12

VEIGA, I., Barroso, C., Calixto, J.A., et al. (1996), *Relatório síntese: Lançar a rede de bibliotecas escolares*, Lisboa, Ministério da Educação.

VIEIRA, D. V., CARVALHO, E. B., LAZZARIN, F. A. (2008), “Uma proposta de modelo baseado na Web 2.0 para as bibliotecas das Universidades Federais”, <http://www.bax.com.br/teaching/courses/bibliotecasdigitais/referencias/PROPOSTA.pdf>, disponível em 27/08/11.

VIANA, Fernanda Leopoldina e TEIXEIRA, Maria Margarida (2002), *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*, Porto, Edições Asa.

VIANA, F.L. & MARTINS, M.M. (2007), “Percursos de leitura e percursos de vida”
http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/002159_o_t_percursos_leitura_percursos_vida_b.pdf, disponível em 08/10/11.

VIANA, Fernanda Leopoldina e RIBEIRO, Iolanda (2009), *Dos leitores que temos aos leitores que queremos, Ideias e projetos para promover a leitura*, Coimbra, Edições Almedina.

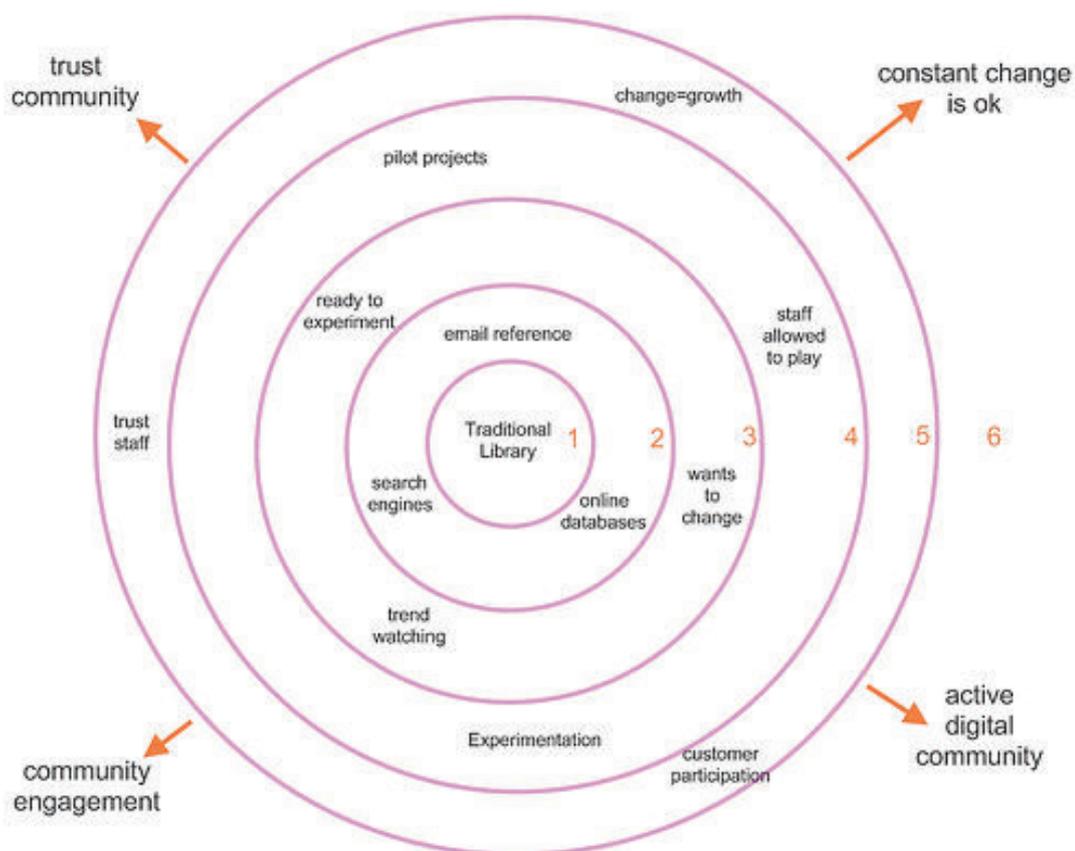
ANEXOS

ANEXO A – FIGURAS

Índice

| | |
|---|----|
| Figura 01 – As "ondas" da biblioteca 2.0 de David King (2007) | 04 |
| Figura 02 – Logótipo do Ano Internacional das Florestas, 2011 | 05 |
| Figura 03 – Marcador Social Diigo – Ano Internacional das Florestas, 2011 | 06 |
| Figura 04 – Aprendiz realiza a sua pesquisa a partir do livro | 06 |
| Figura 05 – Interação dos aprendentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem | 07 |
| Figura 06 – Divulgação das atividades à comunidade educativa no mural da BE | 07 |
| Figura 07 – Exposição comemorativa do Ano Internacional das Florestas | 08 |
| Figura 08 – Página inicial do blogue | 08 |
| Figura 09 – Aprendiz na execução de uma atividade em PowerPoint | 09 |
| Figura 10 – Aprendentes preparam a apresentação da atividade | 09 |
| Figura 11 – Apresentação das atividades à turma em Data Show | 10 |
| Figura 12 – Tags do marcador social Diigo - Ano Internacional das Florestas | 10 |
| Figura 13 – Fórum da biblioteca escolar da EB de Lage | 11 |

Figura 01 - As "ondas" da biblioteca 2.0 de David King (2007) pág. 16





**ANO INTERNACIONAL
DAS FLORESTAS • 2011**

Figura 03 - Marcador Social Diigo - Ano Internacional das Florestas, 2011..... pág. 38

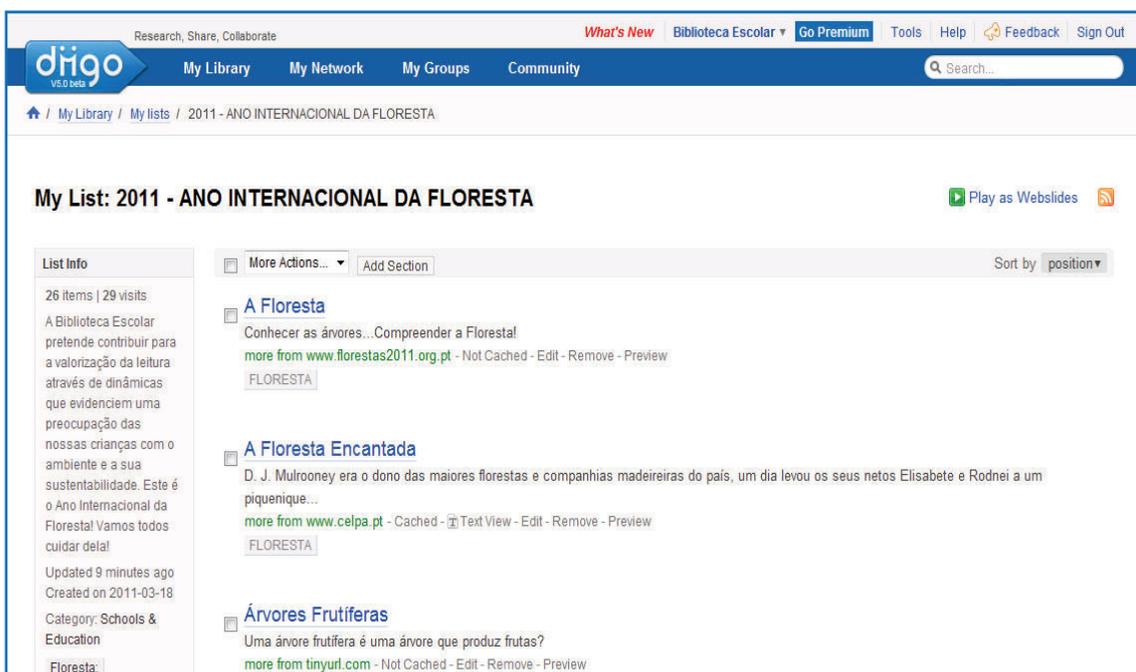


Figura 04 - Aprendiz realiza a sua pesquisa a partir do livropág. 39



Figura 05 - Interação dos aprendentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem ...pág. 39



Figura 06 - Divulgação das atividades à comunidade educativa no mural da BEpág. 39



Figura 07 – Exposição comemorativa do Ano Internacional das Florestas pág. 39



Figura 08 - Página inicial do bloguepág. 39

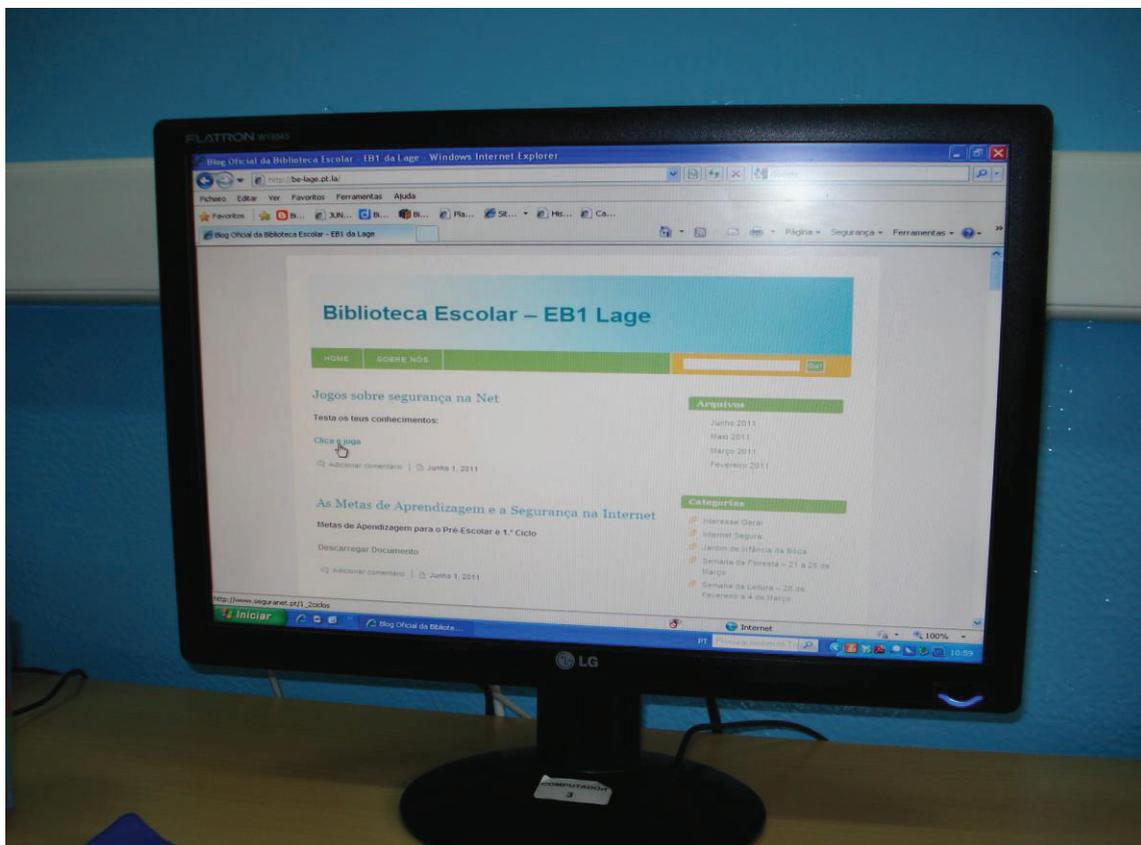


Figura 09 - Aprendente na execução de uma atividade em PowerPointpág. 40



Figura 10 - Alunos preparam a apresentação da atividadepág. 40



Figura 11 - Apresentação das atividades à turma em Data Showpág. 40

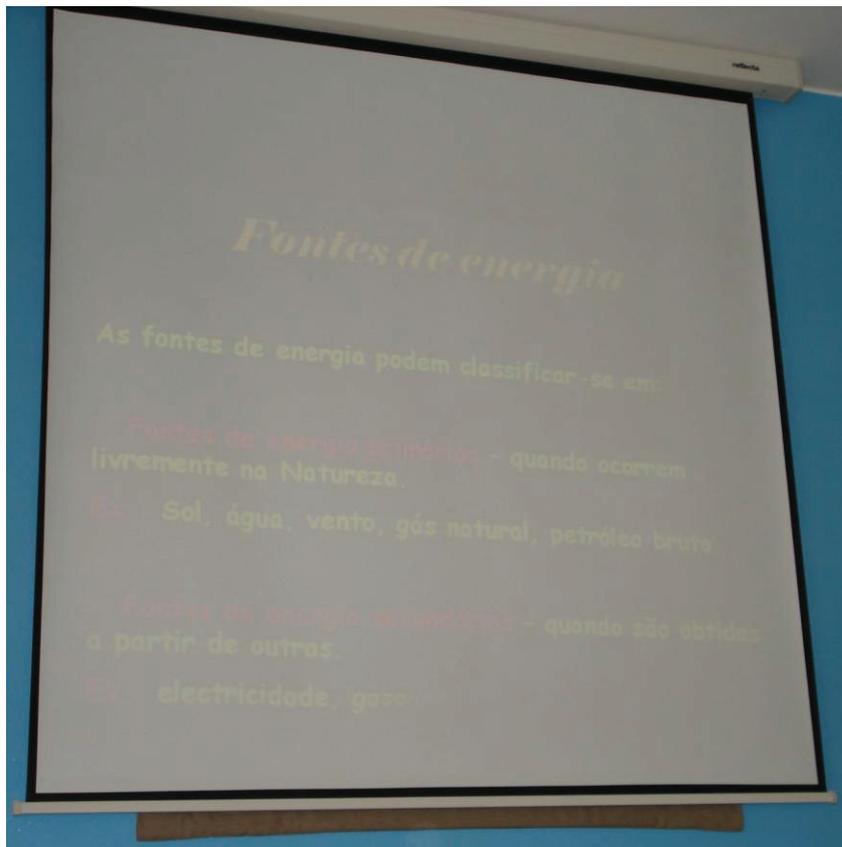


Figura 12 – Tags do marcador social Diigo - Ano Internacional das Florestas..... pág. 41

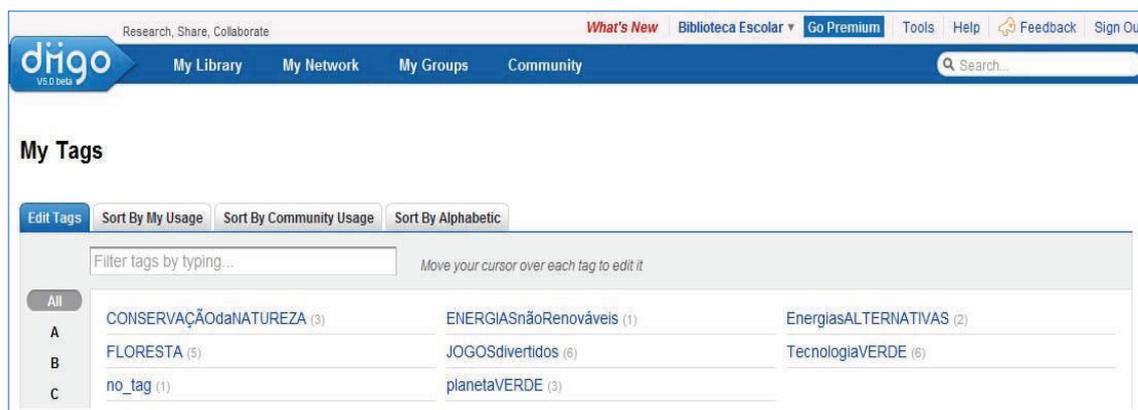


Figura 13 - Fórum da biblioteca escolar da EB de Lage pág. 41



Fórum Oficial
Biblioteca Escolar - EBI Lage

Fórum Registar Login

DOWNLOAD PLAY NOW

Data/hora atual: Sab Ago 25, 2012 2:41 pm
Ver as mensagens sem resposta

| FÓRUM | TÓPICOS | MENSAGENS | ÚLTIMA MENSAGEM |
|--|---------|-----------|------------------------------------|
| FÓRUM: ANO INTERNACIONAL DAS FLORESTAS - Biblioteca Escolar da Lage  http://www.afpexpofoto.eu/imgs/expositores/images2/ano-internacional-das-florestas-2011-56.jpg Este projeto ação dedicado ao Ano Internacional da Floresta decorreu na Biblioteca Escolar da EBI de Lage, entre março e junho de 2011, uma iniciativa para a promoção da leitura através de dinâmicas que evidenciaram uma preocupação das nossas crianças com o ambiente e a sua sustentabilidade. Para comemorar o Ano Internacional das Florestas, a Biblioteca Escolar propôs a cada turma um conjunto de temas relacionados com a FLORESTA, numa articulação transversal do currículo, num desafio à imaginação e à criatividade dos nossos aprendizes que traduzissem saberes e competências para a vida. | 38 | 38 | Qui Dez 08, 2011 1 Prof. Amadeu |

ANEXO B – GRÁFICOS

Índice

1 - Apresentação de resultados - Aprendentes

| | |
|--|----|
| Gráfico 01 – Identificação | 04 |
| Gráfico 02 - Ano de escolaridade | 04 |
| Gráfico 03 - Frequência da BE | 05 |
| Gráfico 04 – Três situações mais frequentes para utilizar a BE | 05 |
| Gráfico 05 – Empréstimo de livros para ler | 06 |
| Gráfico 06 – Sugestões e apoio | 06 |
| Gráfico 07 – Procurar livros | 07 |
| Gráfico 08 – Incentivos dos docentes à leitura | 07 |
| Gráfico 09 – Utilizar a BE acompanhado do docente da turma | 07 |
| Gráfico 10 – Competências tecnológicas | 08 |
| Gráfico 11 – Opinião sobre o trabalho realizado pela BE | 08 |
| Gráfico 12 – Atividades na BE com recurso à internet | 09 |
| Gráfico 13 – Redes Sociais na BE | 09 |
| Gráfico 14 – Utilização das TIC | 10 |
| Gráfico 15 – Local onde utilizam a internet | 10 |
| Gráfico 16 – Comunicar por correio eletrónico | 11 |

2 – Apresentação de resultados - Docentes

| | |
|--|----|
| Gráfico 17 – Frequência da biblioteca escolar (BE) | 12 |
| Gráfico 18 - Utilização da BE | 13 |
| Gráfico 19 - Funções docentes relacionadas com as TIC | 14 |
| Gráfico 20 - Nível dos recursos tecnológicos da BE | 15 |
| Gráfico 21 - Integração de competências de informação..... | 15 |
| Gráfico 22 - Utilização da BE nos trabalhos de pesquisa | 16 |
| Gráfico 23 - Orientações para consulta de bibliografia na BE | 16 |
| Gráfico 24 - Competências pessoais para uso autónomo da BE | 17 |
| Gráfico 25 - Competências dos aprendentes para o uso da BE | 17 |
| Gráfico 26 - Análise do trabalho da BE no âmbito da leitura | 18 |

3 – Apresentação de resultados – Encarregados de Educação

| | |
|---|----|
| Gráfico 27 - Idade dos Encarregados de Educação | 19 |
| Gráfico 28 - Habilitações Literárias | 19 |

| | |
|--|----|
| Gráfico 29 - Profissão de Pais/Encarregados de Educação | 20 |
| Gráfico 30 - Tempos livres | 21 |
| Gráfico 31 - A interação dos pais com a BE | 22 |
| Gráfico 32 - Acompanhamento e sugestão de leitura | 22 |
| Gráfico 33 - Participação em atividades da escola | 23 |
| Gráfico 34 - Atividades na BE para estimular a leitura | 23 |
| Gráfico 35 - Importância da BE na aprendizagem e formação do aprendente | 24 |
| Gráfico 36 - A utilização das TIC pelo aprendente | 24 |
| Gráfico 37 - A utilização das TIC na biblioteca escolar | 25 |
| Gráfico 38 - Autoavaliação de conhecimentos informáticos | 25 |
| Gráfico 39 - Benefícios do computador na aprendizagem do aprendente | 26 |
| Gráfico 40 - Aplicações ou serviços na internet para trabalho colaborativo | 26 |

1 - Apresentação dos resultados - Aprendentes

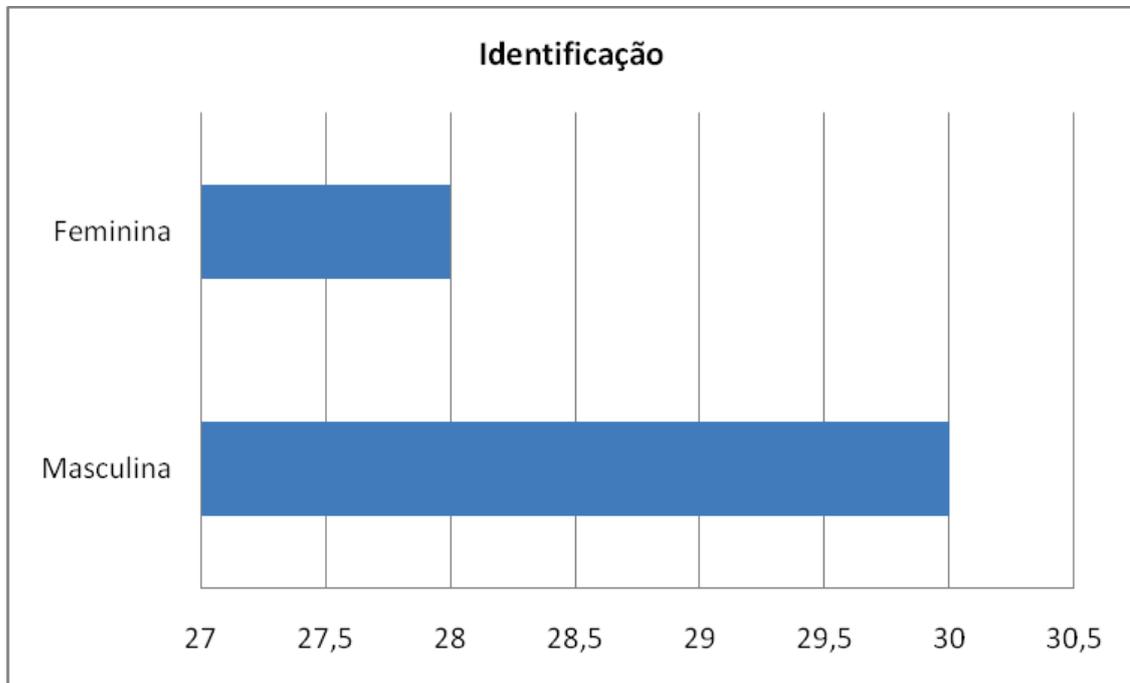


Gráfico 1 - Identificação

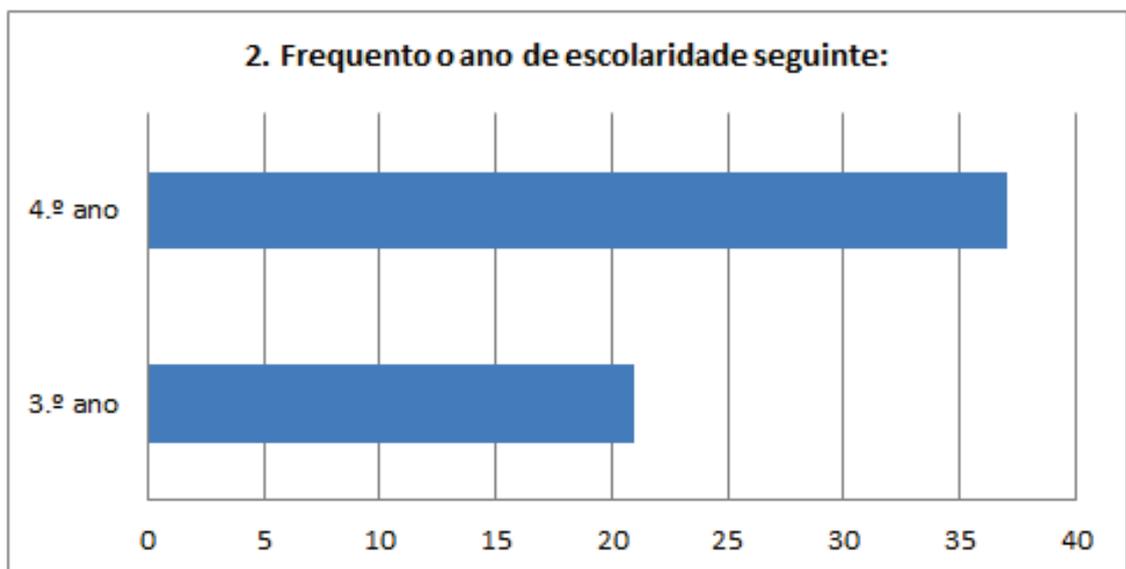


Gráfico 2 – Ano de escolaridade

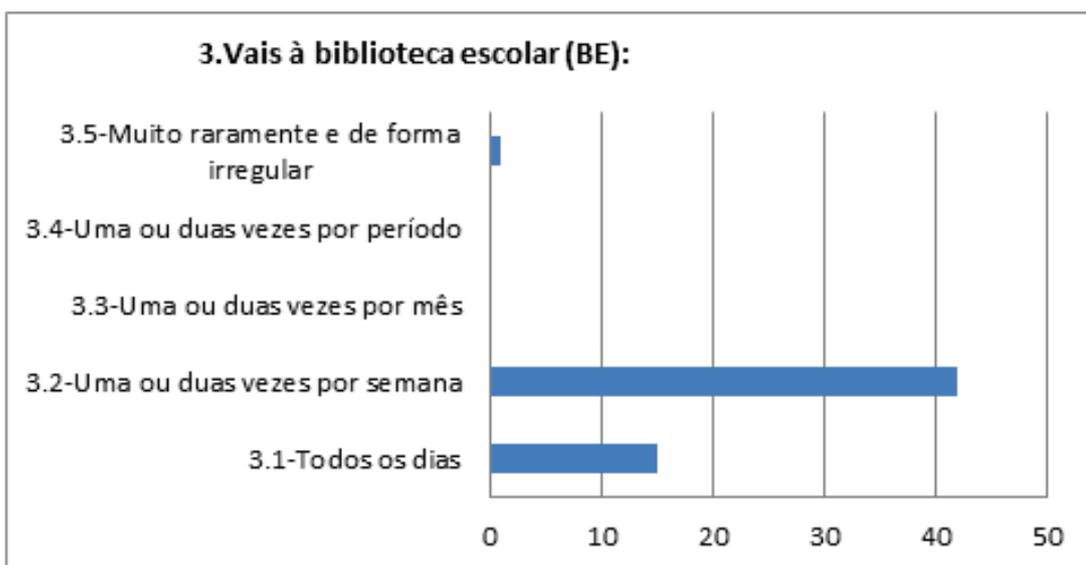


Gráfico 3 – Frequência da BE

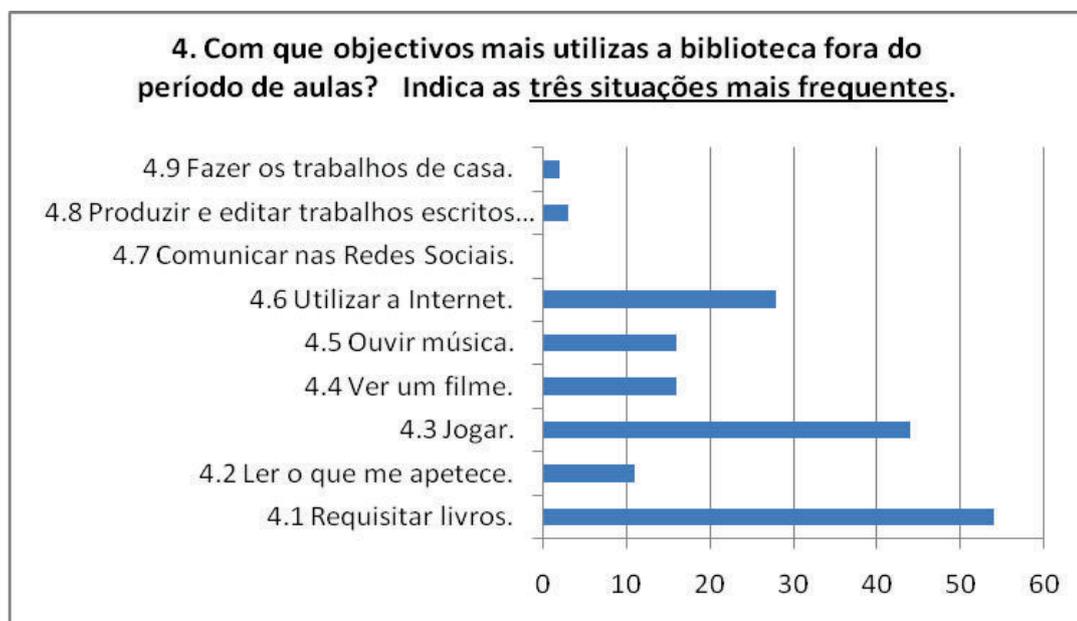


Gráfico 4 – Três situações mais frequentes para utilizar a BE

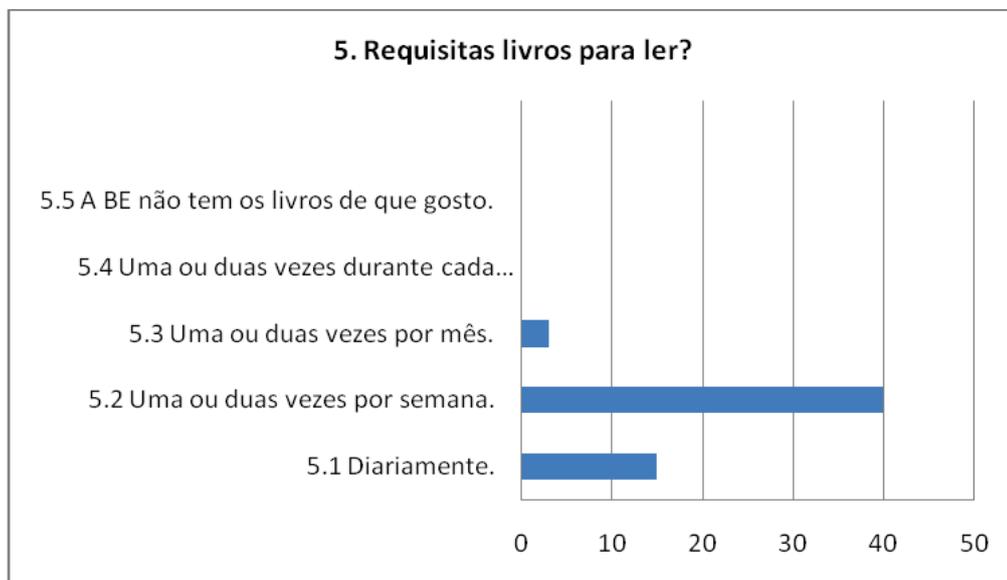


Gráfico 5 – Empréstimo de livros para ler

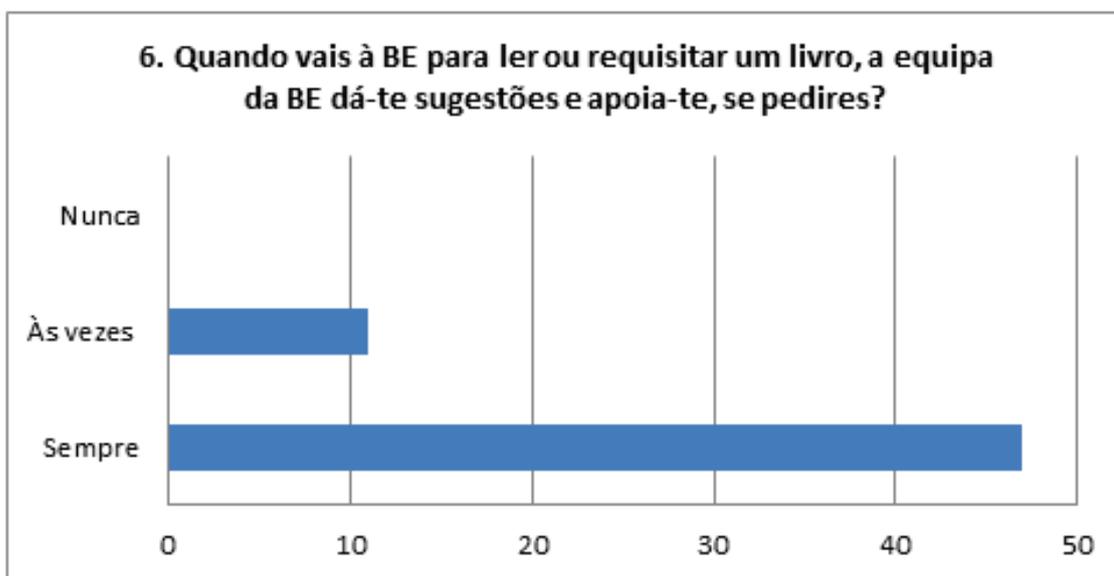


Gráfico 6 – Sugestões e apoio

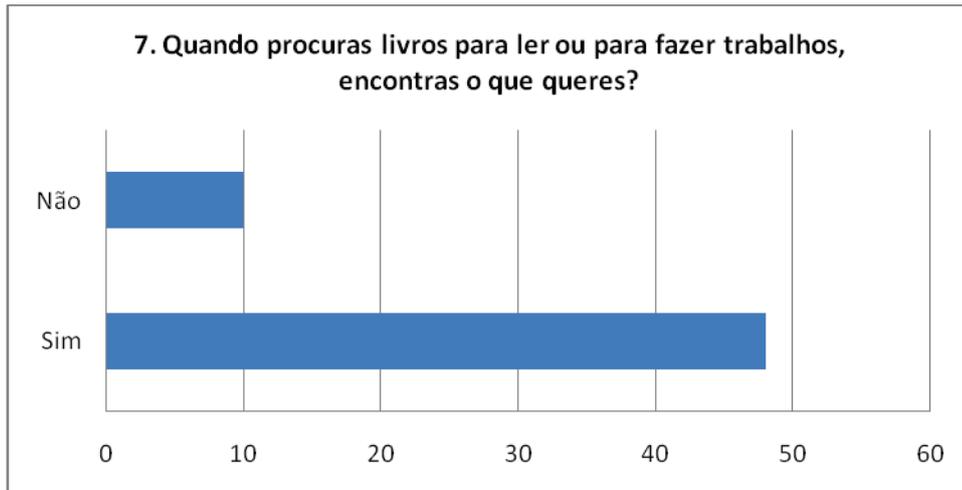


Gráfico 7 – Procurar Livros

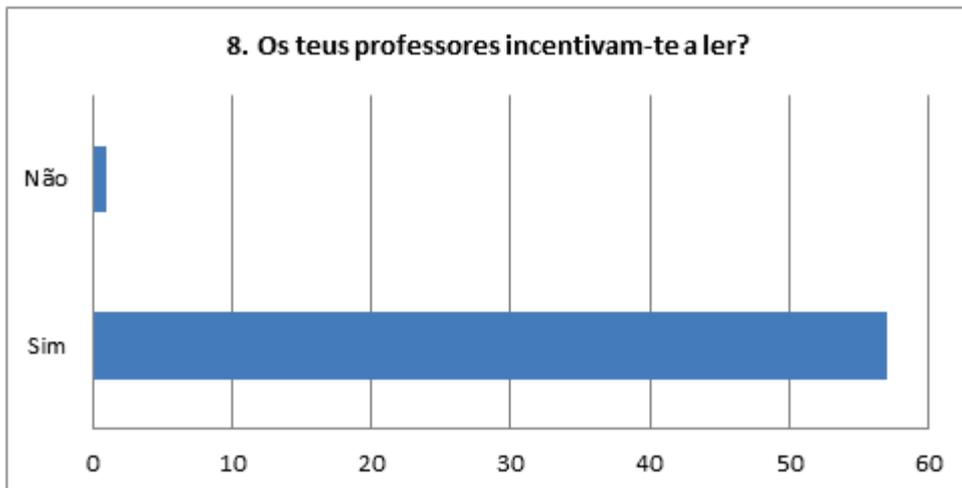


Gráfico 8 – Incentivos dos docentes à leitura

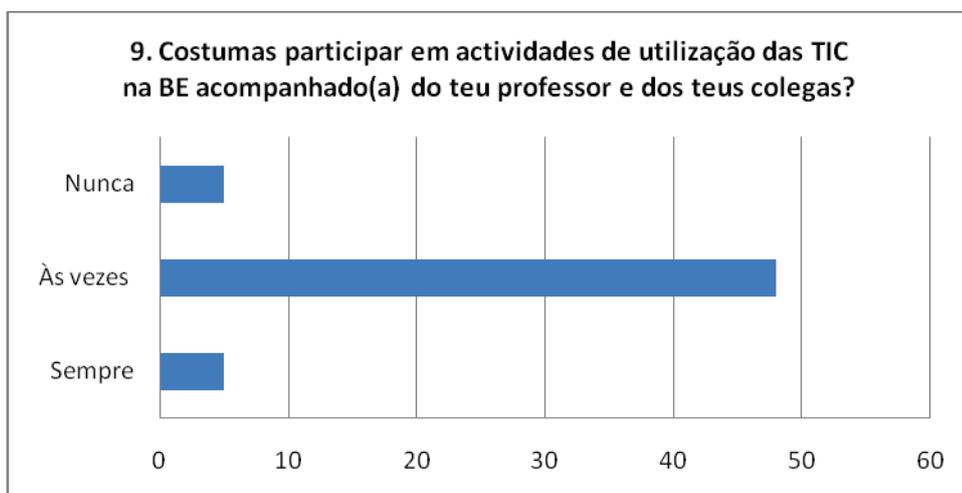


Gráfico 9 – Utilizar a BE acompanhado do docente da turma

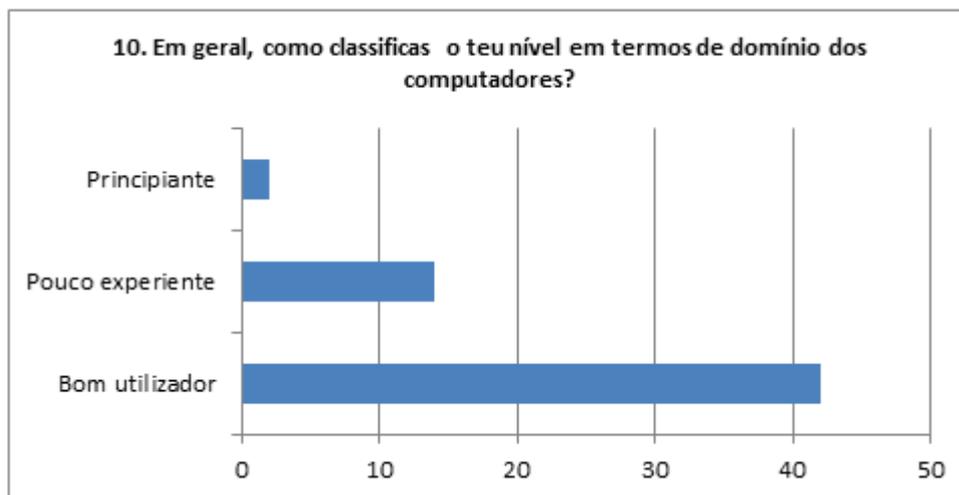


Gráfico 10 – Competências tecnológicas

| 11. Qual a tua opinião sobre o trabalho realizado pela biblioteca escolar? | Sim | Não |
|---|------------|------------|
| 11.1 Motiva-me para ler mais | 55 | 3 |
| 11.2 Ajuda-me a encontrar livros interessantes | 57 | 1 |
| 11.3 Tem atividades que me fazem gostar mais de ler | 57 | 1 |
| 11.4 Informa-me sobre livros e outras publicações ou acerca de outras novidades relacionadas com livros | 48 | 10 |
| 11.5 Oferece formas de exprimir as minhas opiniões (blogue, fórum, Diigo) | 3 | 55 |
| 11.6 Ajuda-me a conhecer ferramentas Web 2.0 | 1 | 57 |
| 11.7 Outra situação. Qual? | | |

Gráfico 11 – Opinião sobre o trabalho realizado pela BE

| 12. Atividades realizadas em contexto de biblioteca escolar com recurso à internet: | Sim | Não |
|--|------------|------------|
| 12.1 Navegar e pesquisar na internet | 45 | 13 |
| 12.2 Aceder à biblioteca de livros digitais | 29 | 29 |
| 12.3 Segurança na internet | 8 | 50 |
| 12.4 Usar o correio eletrónico | 0 | 58 |
| 12.5 Participar em redes sociais | 2 | 56 |
| 12.6 Utilizar e gerir fontes de informação | 9 | 49 |

Gráfico 12 – atividades na BE com recurso à internet

| 13. Participas em alguma das seguintes Redes Sociais? | Sim | Não |
|--|------------|------------|
| 13.1 Facebook | 8 | 50 |
| 13.2 Diigo | 0 | 58 |
| 13.3 Wikipédia | 10 | 48 |
| 13.4 You Tube | 44 | 14 |
| 13.5 Blogue | 44 | 14 |

Gráfico 13 – Redes Sociais na BE

| 14. Diz como utilizas as tecnologias de informação e comunicação: | Sim | Não |
|--|------------|------------|
| 14.1 Os computadores da BE respondem às tuas necessidades e permitem realizar os teus trabalhos? | 50 | 8 |
| 14.2 Tens computador em casa? | 54 | 4 |
| 14.3 O teu computador tem ligação à internet? | 39 | 19 |
| 14.4 Habitualmente no teu estudo usas materiais multimédia e/ou sites educativos? | 25 | 33 |
| 14.5 Utilizas as redes sociais na BE? | 2 | 56 |
| 14.6 E em casa? | 24 | 24 |
| 14.7 Em caso afirmativo, qual? | | |

Gráfico 14 – Utilização de TIC

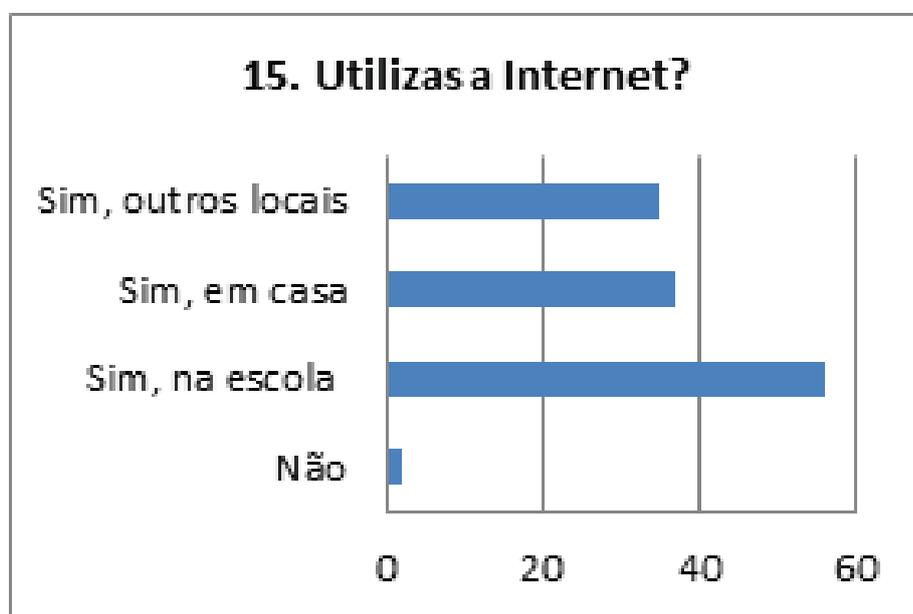


Gráfico 15 – Local onde utilizam a internet

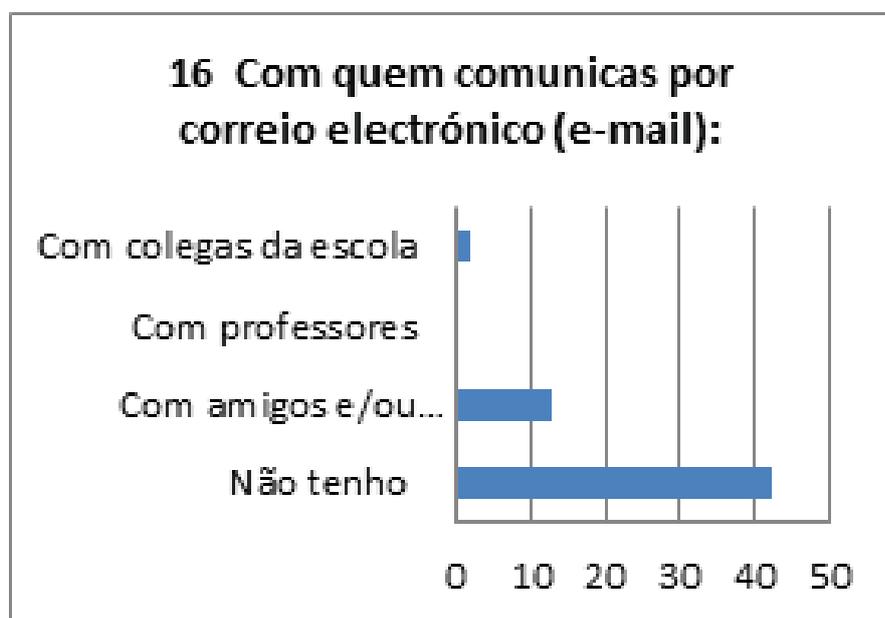
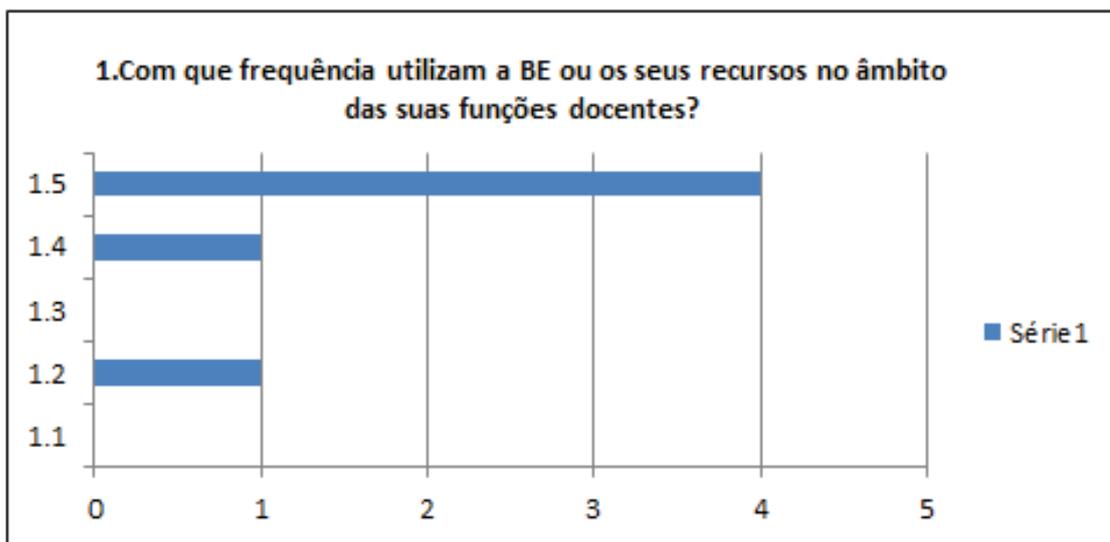


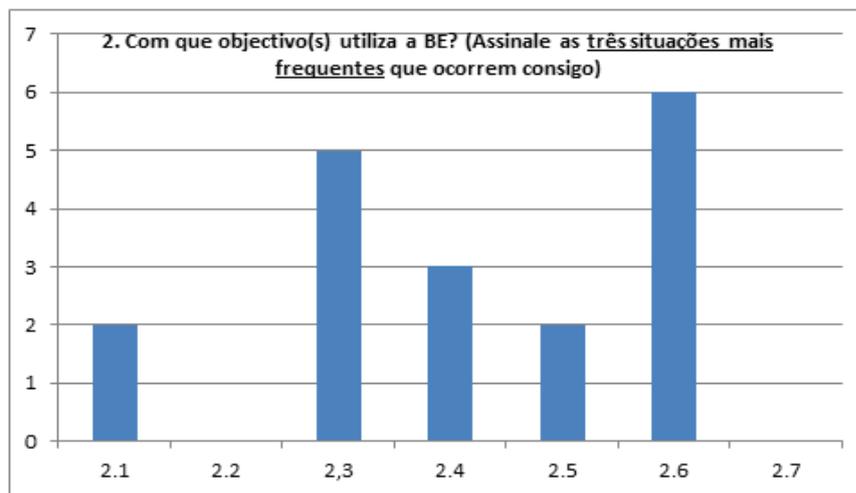
Gráfico 16 – Comunicar por correio eletrónico

2 - Apresentação dos Resultados – Docentes



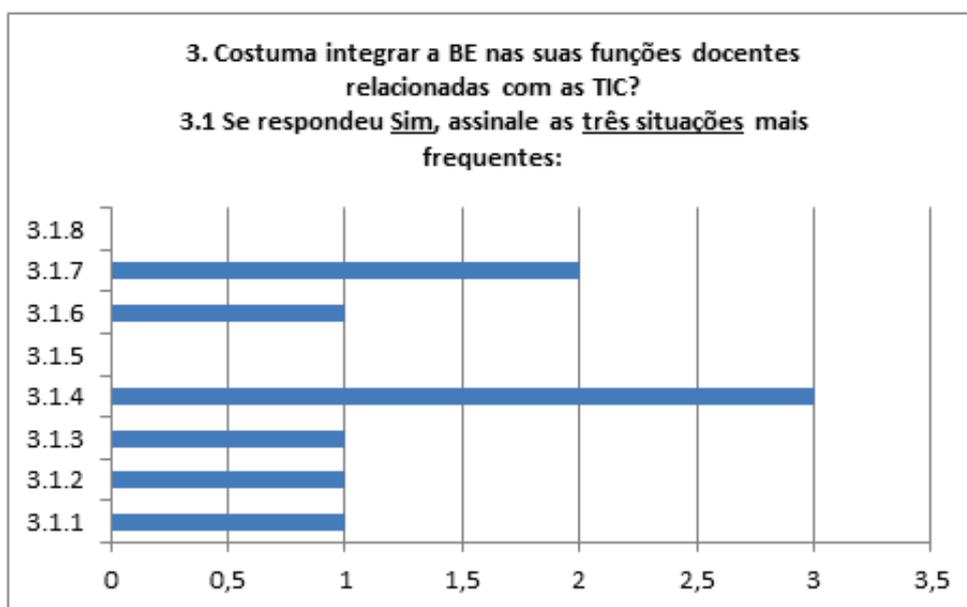
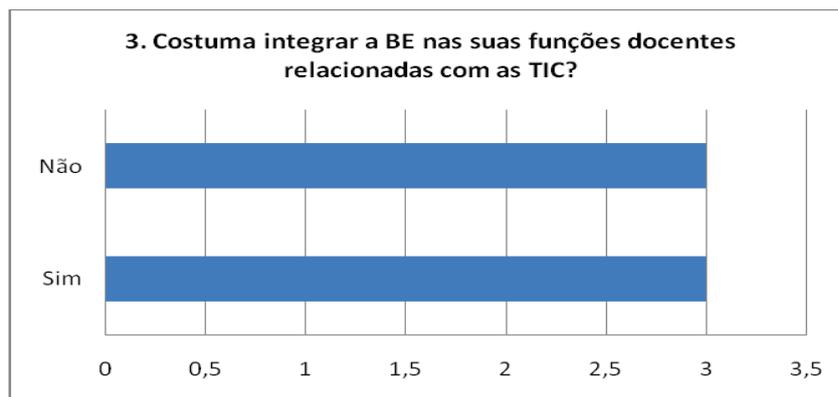
| | |
|--|---|
| 1.1 Diariamente | 0 |
| 1.2 uma ou duas vezes por semana | 1 |
| 1.3 Uma ou duas vezes por mês | 0 |
| 1.4 Uma ou duas vezes por período | 1 |
| 1.5 Muito raramente e de forma irregular | 4 |

Gráfico 17 – Frequência da Biblioteca Escolar (BE)



| | |
|---|---|
| 2.1 Ler/ consultar com os alunos obras de referência. | 2 |
| 2.2 Utilizar os computadores com os alunos. | 0 |
| 2.3 Ver vídeos/ DVD com os alunos. | 5 |
| 2.4 Selecionar/ requisitar materiais para a sala de aula. | 3 |
| 2.5 Fazer empréstimo domiciliário com a turma. | 2 |
| 2.6 Realizar trabalho pessoal e profissional. | 6 |

Gráfico 18 – Utilização da BE



| | |
|---|---|
| 3.1.1 Incentivar os alunos a ir à BE para ler e requisitar livros relacionados com temas dos curricula. | 1 |
| 3.1.2 Usar a BE na consulta e pesquisa de informação. | 1 |
| 3.1.3 Participar na organização e gestão de informação. | 1 |
| 3.1.4 Participar em atividades organizadas pela BE e relacionadas com a leitura. | 3 |
| 3.1.5 Incentivar a produção e edição de informação. | 0 |
| 3.1.6 Recorrer à comunicação e intercâmbio em rede. | 1 |
| 3.1.7 Aceder aos computadores para realizar trabalhos. | 2 |
| 3.1.8 Recreação. | 0 |

Gráfico 19 – Funções docentes relacionadas com as TIC

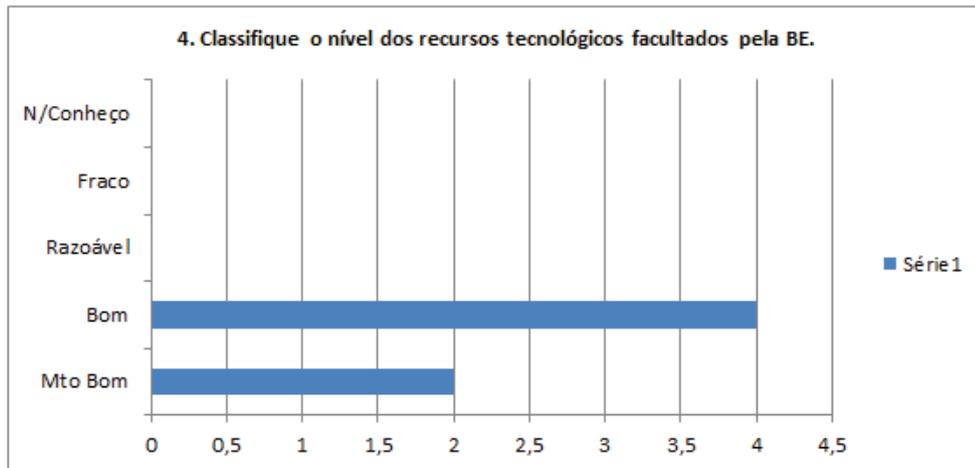


Gráfico 20 – Nível dos recursos tecnológicos da BE

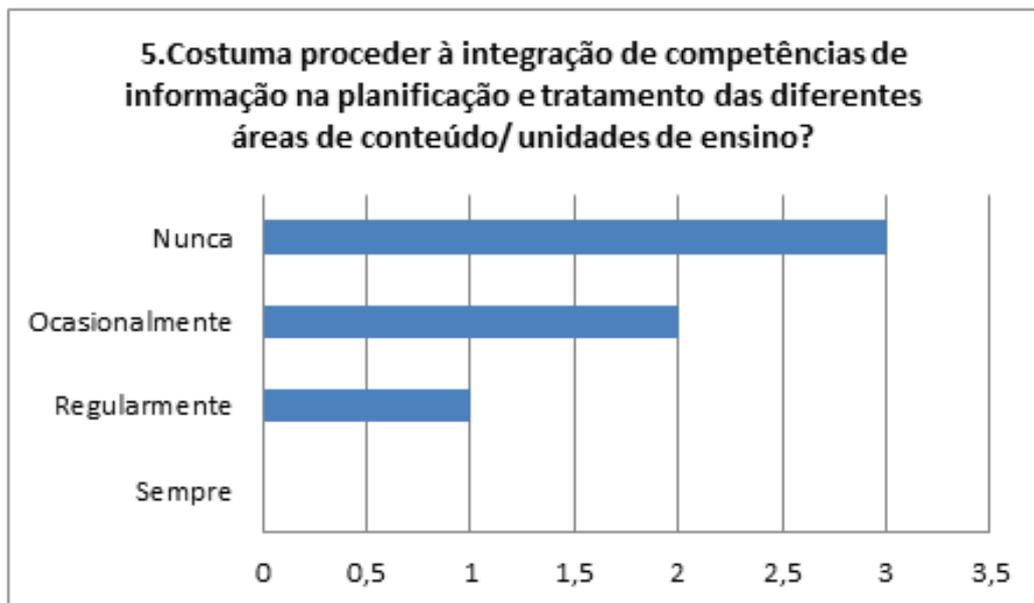


Gráfico 21 – Integração de competências de informação

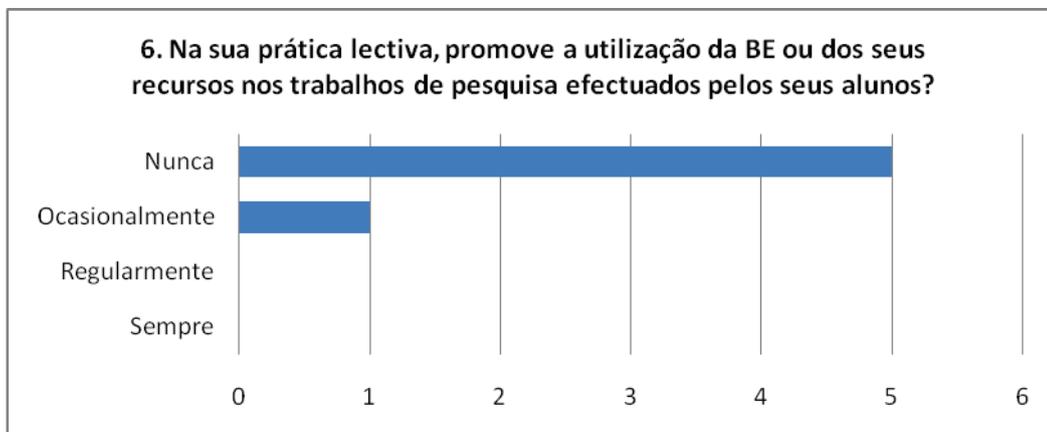


Gráfico 22 – Utilização da BE nos trabalhos de pesquisa

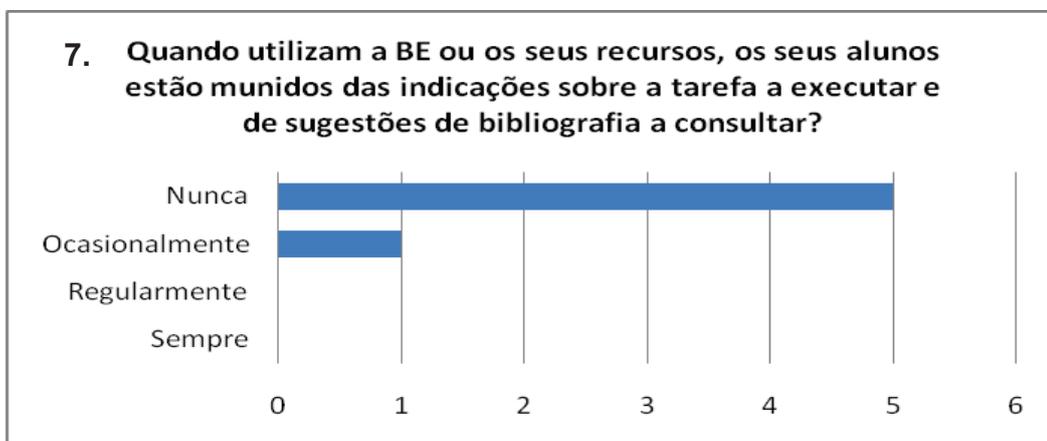


Gráfico 23 – Orientações para consulta de bibliografia na BE

| 8. Como classifica as suas competências pessoais para o uso autónomo da BE ou dos seus recursos, com os seus aprendentes? | Boas | Médias | Fracas |
|--|-------------|---------------|---------------|
| 8.1 Competências para usar os serviços e equipamentos da BE. | 3 | 2 | 1 |
| 8.2 Competências para uso das TIC. | 1 | 4 | 1 |
| 8.3 Competências para explorar diferentes materiais e usá-los em situação de ensino-aprendizagem | 2 | 1 | 3 |

Gráfico 24 – Competências pessoais para o uso autónomo da BE

| 9. Como classifica, em geral, as competências para o uso autónomo da BE ou dos seus recursos, por parte dos seus alunos? | Boas | Médias | Fracas |
|---|-------------|---------------|---------------|
| 9.1 Competências para usar os serviços e equipamentos da BE. | 0 | 2 | 4 |
| 9.2 Competências para uso das TIC. | 0 | 4 | 2 |
| 9.3 Competências para explorar diferentes materiais (livros, CD, DVD, Internet), elaborar trabalhos e apresentá-los. | 0 | 4 | 2 |

Gráfico 25 – Competências dos aprendentes para o uso da BE

| 10. Expresse a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações que constam da tabela abaixo, no que se refere ao trabalho da BE no âmbito da leitura. | Concordo | Discordo | Não conheço |
|---|-----------------|-----------------|--------------------|
| 10.1 Desenvolve um trabalho sistemático e continuado no âmbito da promoção da leitura. | 6 | 0 | 0 |
| 10.2 Promove a leitura literária e a discussão sobre temas, autores e livros. | 6 | 0 | 0 |
| 10.3 Promove atividades diversificadas de leitura, associando diferentes formas de comunicação e de expressão. | 6 | 0 | 0 |
| 10.4 Cria condições de espaço, de tempo para a leitura individual e por prazer. | 6 | 0 | 0 |
| 10.5 Promove a leitura informativa, o desenvolvimento da reflexão e do pensamento crítico. | 5 | 0 | 1 |
| 10.6 Disponibiliza recursos documentais atualizados muito adequados ao trabalho no âmbito da leitura e da literacia. | 6 | 0 | 0 |
| 10.7 Acompanha os alunos durante o acesso e apoia-os na seleção de documentação e no uso e produção da informação. | 5 | 1 | 0 |
| 10.8 Desenvolve atividades e projetos conjuntos no âmbito da leitura. | 6 | 0 | 0 |
| 10.9 Cria condições para o uso das TIC e para a exploração e uso qualificado da Internet e divulgação de ferramentas <i>Web</i> . | 1 | 0 | 5 |
| 10.10 Trabalha com recurso a ambientes digitais e ferramentas da <i>Web2.0</i> (blogue, <i>Wikis</i> , <i>Twitter</i> , plataforma de aprendizagem) que permitem a discussão de temas, a produção de conteúdos e o trabalho colaborativo. | 0 | 0 | 6 |
| 10.11 Desenvolve atividades diversificadas que motivam para leitura e promovem a discussão e o trabalho escolar, desenvolvendo as diferentes literacias. | 6 | 0 | 0 |

Gráfico 26 – Análise do trabalho da BE no âmbito da Leitura

3 – Apresentação dos Resultados – Encarregados de Educação

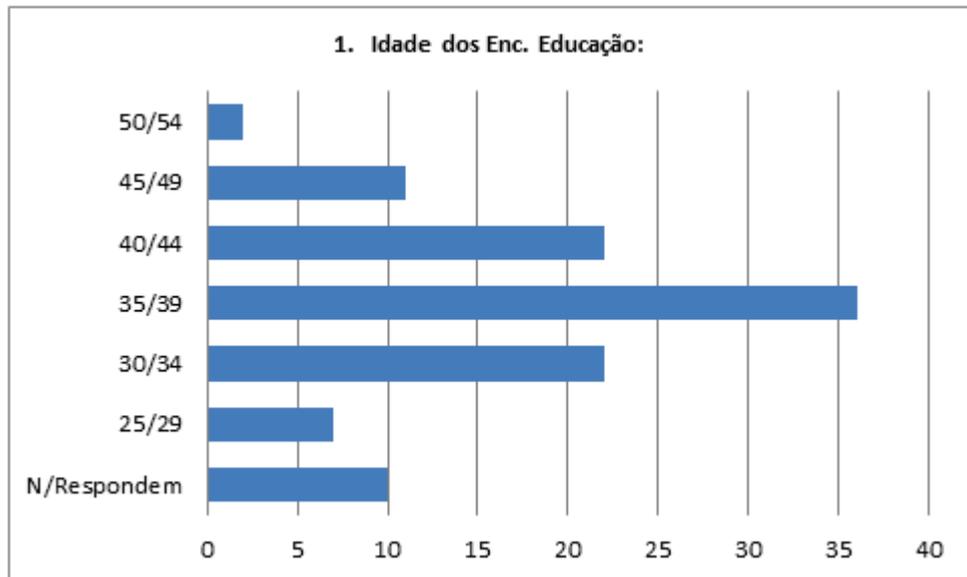
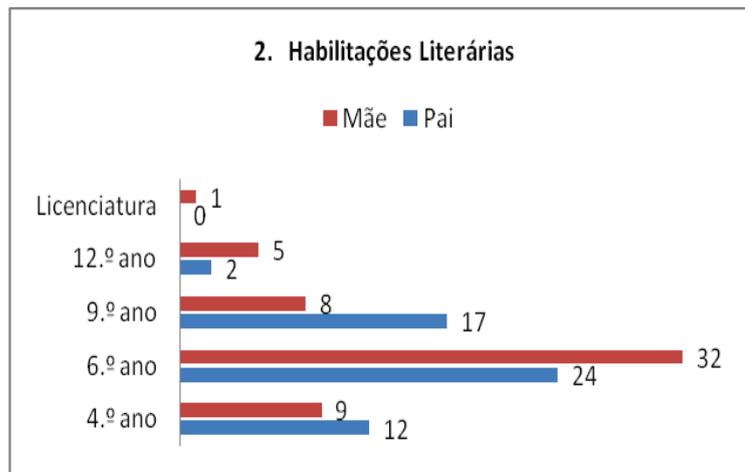
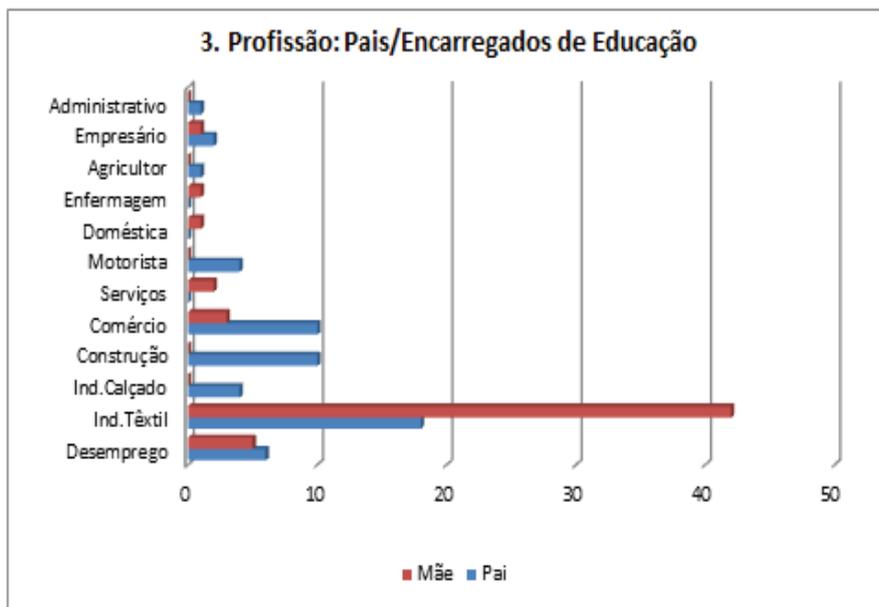


Gráfico 27 – idade dos Encarregados de Educação



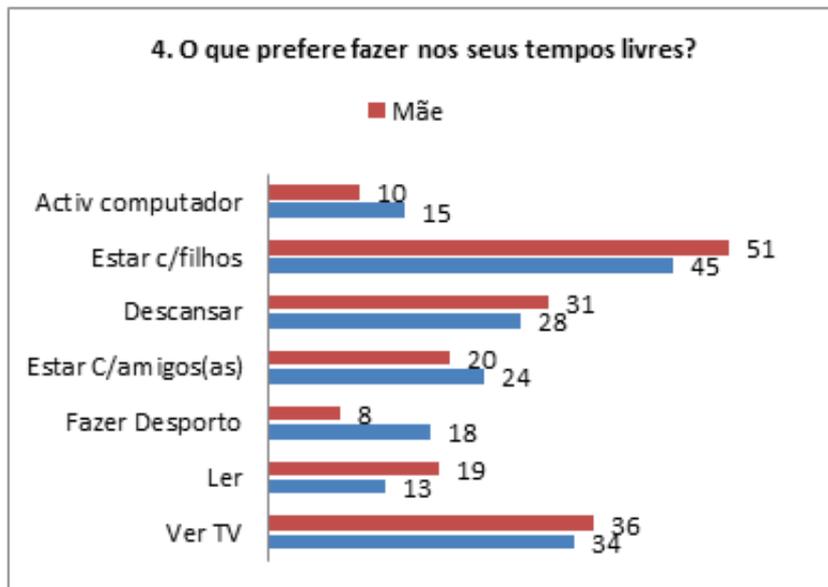
| Habilitações | Pais | Mães |
|--------------|------|------|
| 4.º Ano | 12 | 9 |
| 6.º Ano | 24 | 32 |
| 9.º Ano | 17 | 8 |
| 12.º Ano | 2 | 5 |
| Licenciatura | 0 | 0 |

Gráfico 28 – Habilitações Literárias



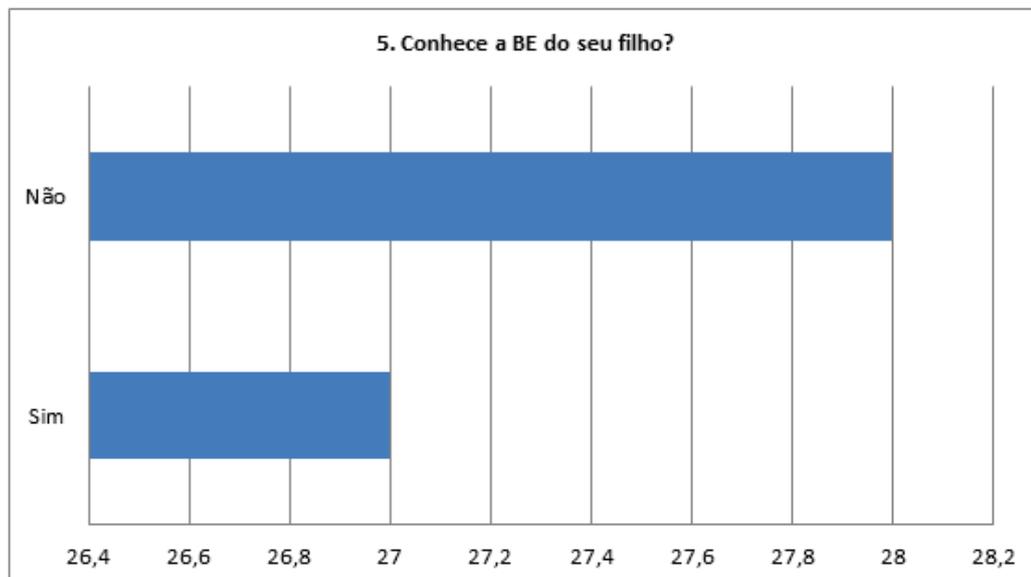
| 3. Profissões | Pai | Mãe |
|----------------------------|------------|------------|
| Desemprego | 6 | 5 |
| Operário indústria têxtil | 18 | 42 |
| Operário indústria calçado | 4 | 0 |
| Construção civil | 10 | 0 |
| Comércio | 10 | 3 |
| Serviços | 0 | 2 |
| Motorista | 4 | 0 |
| Doméstica | 0 | 1 |
| Enfermagem | 0 | 1 |
| Agricultor | 1 | 0 |
| Empresário | 2 | 1 |
| Administrativo | 1 | 0 |

Gráfico 29 – Profissão de Pais/Encarregados de Educação



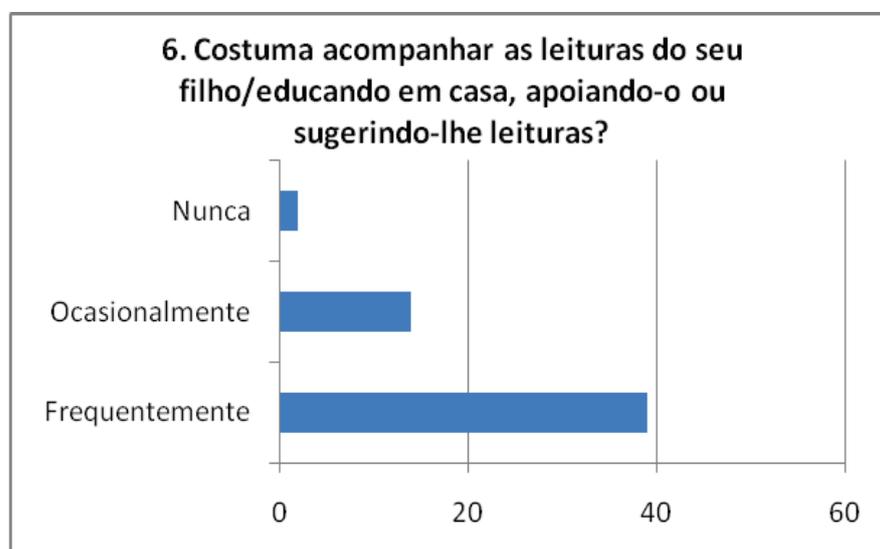
| 4 Tempos Livres | Pai | Mãe |
|---------------------------|------------|------------|
| Ver TV | 34 | 36 |
| Ler | 13 | 19 |
| Fazer Desporto | 18 | 8 |
| Estacar C/amigos(as) | 24 | 20 |
| Descansar | 28 | 31 |
| Estar com os filhos | 45 | 51 |
| Atividades com computador | 15 | 10 |

Gráfico 30 – Tempos Livres



| | |
|----------------|----|
| Frequentemente | 39 |
| Ocasionalmente | 14 |
| Nunca | 2 |

Gráfico 31 – A interação dos pais com a BE



| | |
|----------------|----|
| Frequentemente | 39 |
| Ocasionalmente | 14 |
| Nunca | 2 |

Gráfico 32 – Acompanhamento e sugestão de leituras

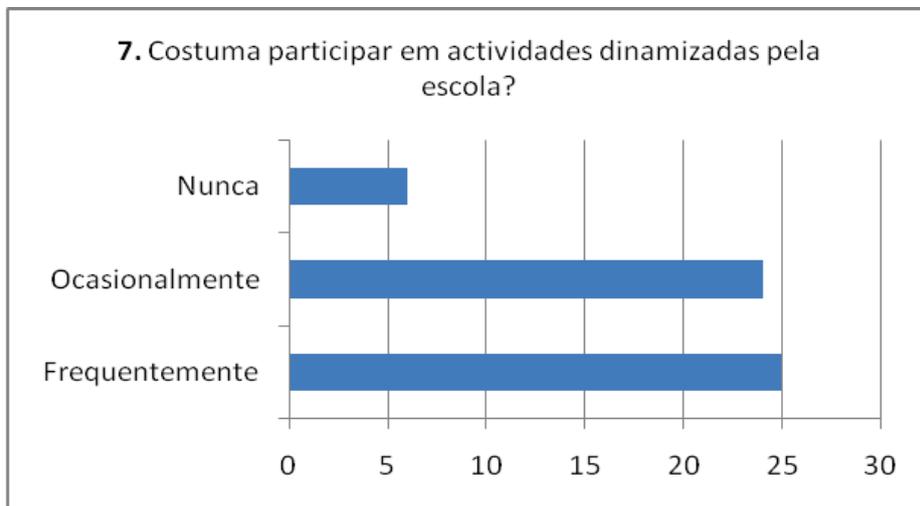


Gráfico 33 – Participação em atividades da escola

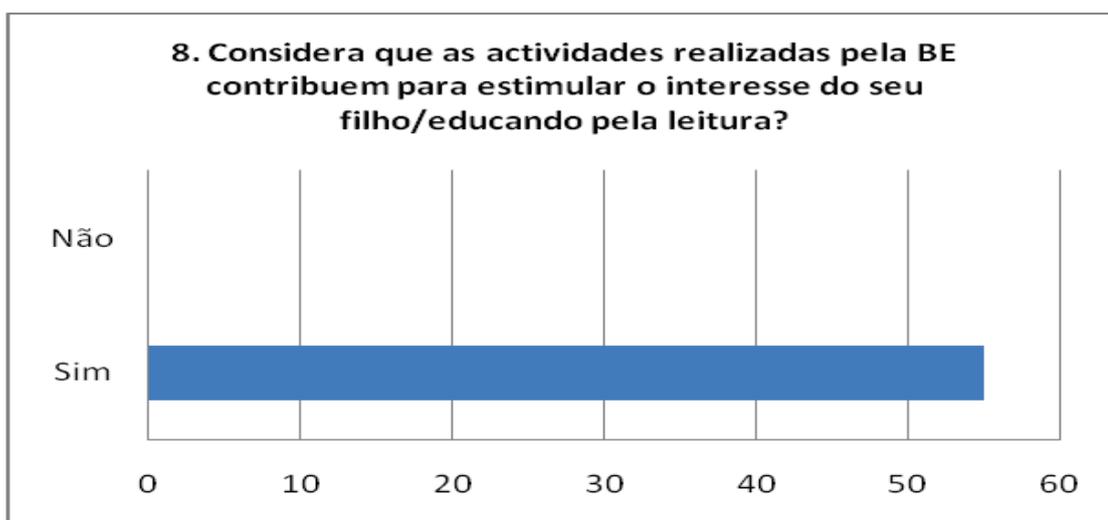


Gráfico 34 - Atividades na BE para estimular a leitura

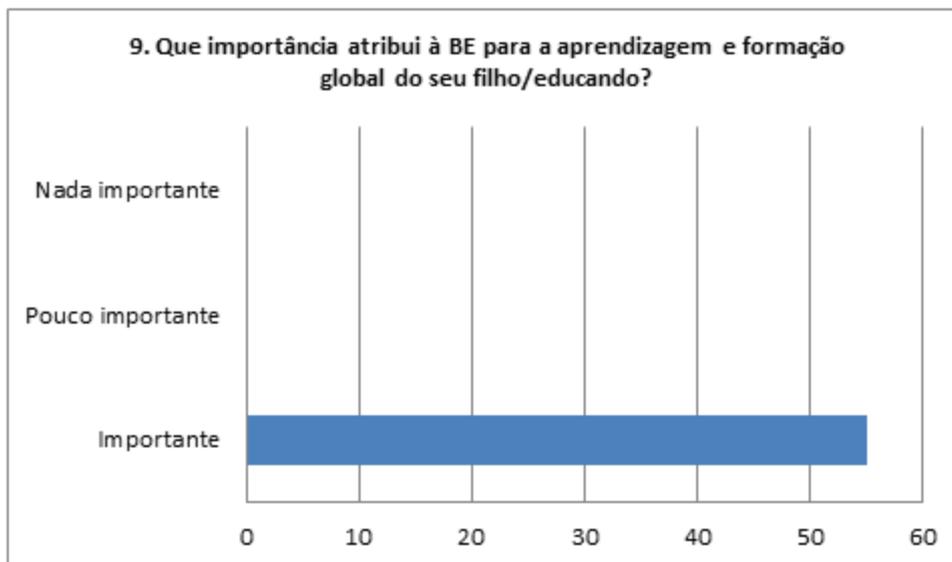
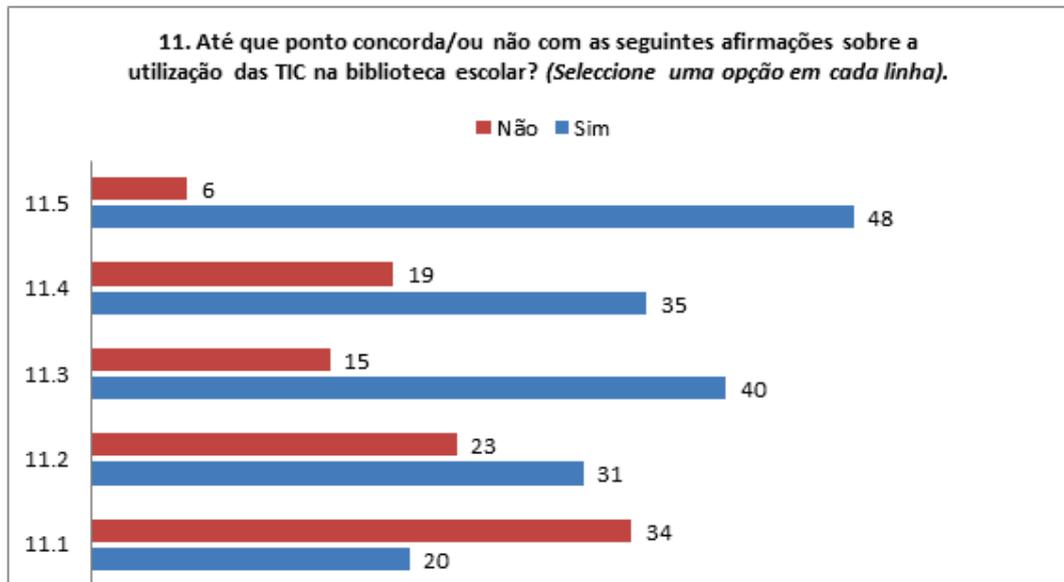


Gráfico 35 - A importância da BE na aprendizagem e formação global do aprendente

| 10. Concorda/ou não com as seguintes afirmações sobre a utilização das TIC pelos aprendentes? (Selecione uma opção em cada linha.) | Não | Sim |
|---|------------|------------|
| 10.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) proporcionam aos aprendentes o acesso a um leque maior de conteúdos e recursos de aprendizagem. | 2 | 53 |
| 10.2 Os aprendentes estão mais atentos quando utilizam as TIC. | 9 | 46 |
| 10.3 Os aprendentes estão mais motivados quando aprendem com recurso às TIC. | 2 | 53 |
| 10.4 As TIC ajudam os aprendentes a serem mais ativos no processo de aprendizagem. | 4 | 51 |
| 10.5 Gostaria de participar nas aprendizagens do seu educando, em casa, através da internet? | 8 | 47 |

Gráfico 36 - Utilização das TIC pelos aprendentes



| 11. Até que ponto concorda/ou não com as seguintes afirmações sobre a utilização das TIC na biblioteca escolar? (Selecione uma opção em cada linha). | Sim | Não |
|---|------------|------------|
| 11.1-As TIC não são apoiadas na biblioteca da escola | 20 | 34 |
| 11.2- Não existem computadores suficientes para os alunos utilizarem | 31 | 23 |
| 11.3- As TIC facilitam a colaboração com os encarregados de educação | 40 | 15 |
| 11.4- Há dificuldades no acesso dos pais aos computadores da BE | 35 | 19 |
| 11.5- Considera importante a implementação de um plano de atividades para integração das TIC na biblioteca? | 48 | 6 |

Gráfico 37 - A utilização das TIC na biblioteca escolar

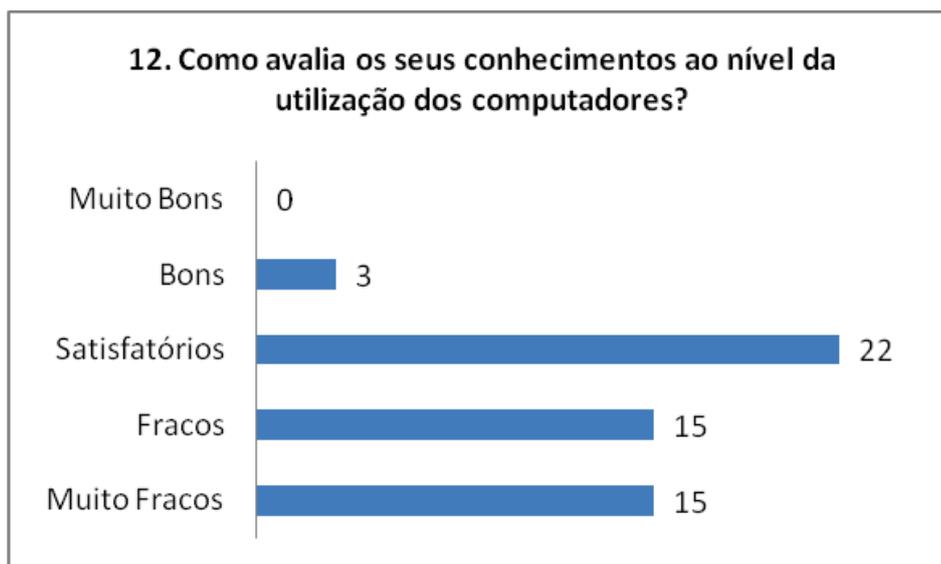


Gráfico 38 - Autoavaliação de conhecimentos informáticos

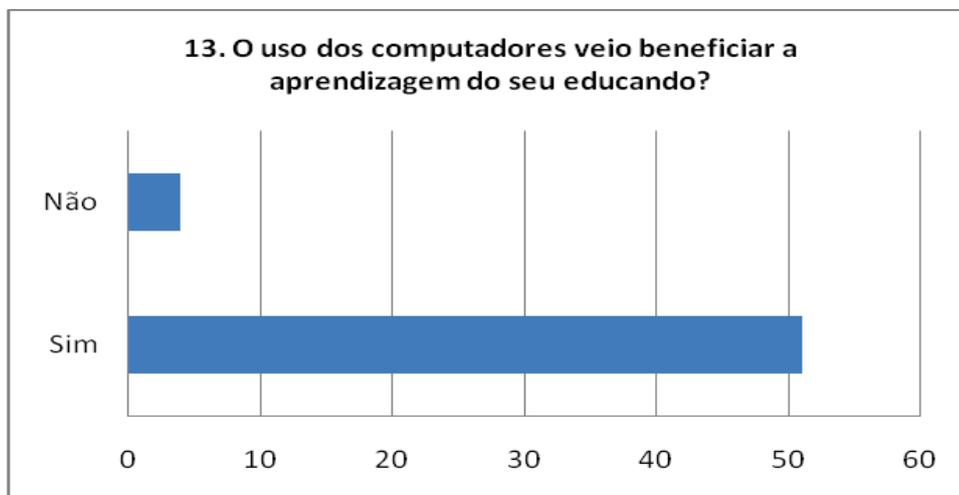


Gráfico 39 - Benefícios do computador na aprendizagem dos aprendentes

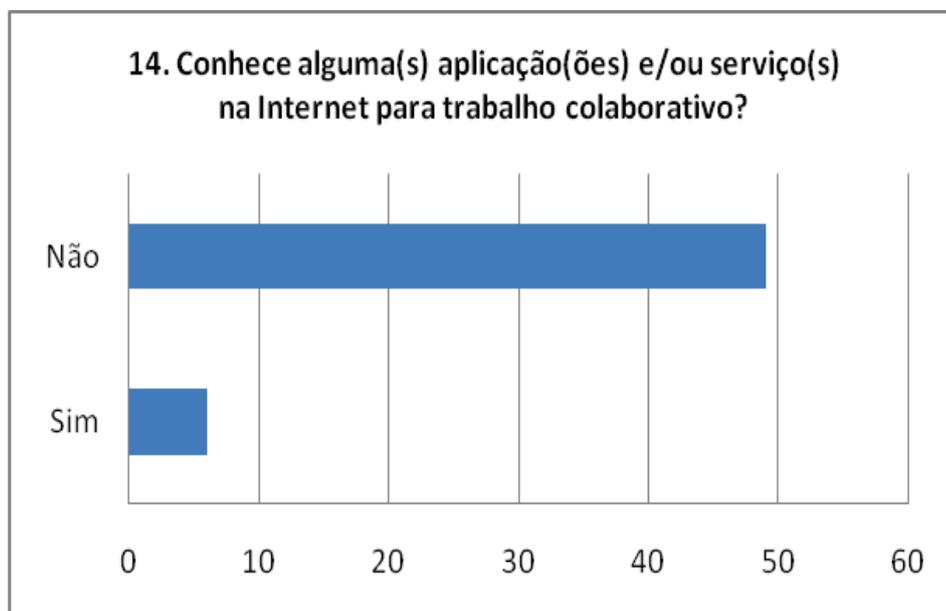


Gráfico 40 - Aplicações ou serviços na internet para trabalho colaborativo

ANEXO C – QUESTIONÁRIOS

Índice

| | |
|--|-------|
| 01 – Inquérito por questionário destinado a aprendentes | 03-07 |
| 02 – Inquérito por questionário destinado a docentes | 08-11 |
| 03 – Inquérito por questionário destinado a encarregados de educação | 12-15 |

1 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS APRENDENTES

Este inquérito tem por objetivo conhecer os hábitos de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) de alunos do 3.º e 4.º ano de escolaridade, na escola e em casa, tendo em vista a realização de um trabalho de investigação subordinado ao tema “Redes Sociais na Biblioteca Escolar: uma oportunidade para promover a leitura.

Pensa bem e responde com sinceridade. Não há respostas certas nem erradas. Os dados recolhidos apenas servirão para efeitos de investigação. As respostas serão submetidas a um tratamento estatístico, mantendo-se o anonimato.

Escola Básica de 1.º Ciclo de Lage

Data: ___/___/2011

| | | | |
|--------------------------|---------------------------------|--------------------------------|--|
| 1. Identificação: | Masculino <input type="radio"/> | Feminino <input type="radio"/> | |
|--------------------------|---------------------------------|--------------------------------|--|

| |
|---|
| 2. Frequento o ano de escolaridade seguinte: |
| 3.º <input type="radio"/> 4.º <input type="radio"/> |

| | |
|---|-----------------------|
| 3. Vais à biblioteca escolar (BE): | |
| 3.1 Todos os dias | <input type="radio"/> |
| 3.2 Uma ou duas vezes por semana | <input type="radio"/> |
| 3.3 Uma ou duas vezes por mês | <input type="radio"/> |
| 3.4 Uma ou duas vezes por período | <input type="radio"/> |
| 3.5 Muito raramente e de forma irregular | <input type="radio"/> |

| | |
|---|-----------------------|
| 3.6 Nunca. Porque _____ <input type="radio"/> | |
| 4. Com que objetivos mais utilizas a biblioteca fora do período de aulas? Indica as <u>três situações mais frequentes</u>. | |
| 4.1 Requisitar livros. | <input type="radio"/> |
| 4.2 Ler o que me apetece. | <input type="radio"/> |
| 4.3 Jogar. | <input type="radio"/> |
| 4.4 Ver um filme. | <input type="radio"/> |
| 4.5 Ouvir música. | <input type="radio"/> |
| 4.6 Utilizar a Internet. | <input type="radio"/> |
| 4.7 Comunicar nas Redes Sociais. | <input type="radio"/> |
| 4.8 Produzir e editar trabalhos escritos recorrendo ao uso do computador | <input type="radio"/> |
| 4.9 Fazer os trabalhos de casa. | <input type="radio"/> |
| 4.10 Outro. Qual? | <input type="radio"/> |
| 5. Requisitas livros para ler? | |
| 5.1 Diariamente. | <input type="radio"/> |
| 5.2 Uma ou duas vezes por semana. | <input type="radio"/> |
| 5.3 Uma ou duas vezes por mês. | <input type="radio"/> |
| 5.4 Uma ou duas vezes durante cada período. | <input type="radio"/> |
| 5.5 Muito raramente ou nunca, porque a BE não tem os livros de que gosto. | <input type="radio"/> |
| 5.6 Muito raramente ou nunca, porque em casa arranjo os livros de que gosto. | <input type="radio"/> |

| | | | |
|--|--------------------------------|-----------------------------|--|
| 6. Quando vais à BE para ler ou requisitar um livro, a equipa da BE dá-te sugestões e apoia-te, se pedires? | | | |
| Sempre <input type="radio"/> | Às vezes <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> | |

| | | | |
|--|---------------------------|--|--|
| 7. Quando procuras livros para ler ou para fazer trabalhos, encontras o que queres? | | | |
| Sim <input type="radio"/> | Não <input type="radio"/> | | |

| | | | |
|--|---------------------------|--|--|
| 8. Os teus professores incentivam-te a ler? | | | |
| Sim <input type="radio"/> | Não <input type="radio"/> | | |

| | | | |
|---|--------------------------------|-----------------------------|--|
| 9. Costumas utilizar os computadores na biblioteca escolar acompanhado(a) do teu professor e dos teus colegas? | | | |
| Sempre <input type="radio"/> | Às vezes <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> | |

| | | | |
|--|--|------------------------------------|--|
| 10. Em geral, como classificas o teu nível em termos de domínio dos computadores? | | | |
| Bom utilizador <input type="radio"/> | Pouco experiente <input type="radio"/> | Principiante <input type="radio"/> | |

| | | |
|--|-----------------------|-----------------------|
| 11. Qual a tua opinião sobre o trabalho realizado pela biblioteca escolar? | | |
| | Sim | Não |
| 11.1 Motiva-me para ler mais. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.2 Ajuda-me a encontrar livros interessantes. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.3 Tem atividades que me fazem gostar mais de ler. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.4 Informa-me sobre livros e outras publicações ou acerca de outras novidades ou atividades relacionadas com livros. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.5 Oferece formas de exprimir as minhas opiniões (blogue, facebook, twitter, fóruns). | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.6 Ajuda-me a conhecer ferramentas Web 2.0. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

11.7 Outra situação. Qual? _____

| 12. Atividades realizadas em contexto de biblioteca escolar com recurso à Internet | | |
|---|-----------------------|-----------------------|
| | Sim | Não |
| 12.1 Navegar e pesquisar na Internet. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12.2 Aceder à biblioteca de livros digitais. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12.3 Segurança na Internet. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12.4 Usar o correio eletrónico. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12.5 Participar em redes sociais. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12.6 Utilizar e gerir fontes de informação. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

13. Participas em alguma das seguintes Redes Sociais?

| | Sim | Não |
|-----------------|-----------------------|-----------------------|
| 13.1 Facebook | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13.2 Google Buz | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13.3 Twitter | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13.4 diigo | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13.5 Wikipédia | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13.6 YouTube | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13.7 Blogue | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

14. Diz como utilizas as tecnologias de informação e comunicação:

| | Sim | Não |
|---|-----------------------|-----------------------|
| 14.1 Os computadores da biblioteca respondem às tuas necessidades e têm-te permitido realizar os trabalhos? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14.2 Tens computador em casa? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14.3 O teu computador tem ligação à internet? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14.4 Habitualmente no teu estudo usas materiais multimédia e/ou sites educativos? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14.5 Utilizas as redes sociais na biblioteca escolar? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14.6 E em casa? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14.7 Em caso afirmativo, qual? _____ | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

15. Utilizas a internet?

| |
|---|
| Não <input type="radio"/> Sim, na escola <input type="radio"/> Sim, em casa <input type="radio"/> Sim, noutros locais <input type="radio"/> |
| 16 Com quem comunicas por correio eletrónico (e-mail): Não tenho <input type="radio"/> Com amigos e/ou familiares <input type="radio"/> Com professores <input type="radio"/> Com colegas da escola <input type="radio"/> Outros. Quais? <input type="radio"/> |

Obrigado pela colaboração!

2 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS DOCENTES

Este inquérito tem por objetivo conhecer os hábitos de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) de aprendentes do 3.º e 4.º ano de escolaridade, tendo em vista a realização de um trabalho de investigação subordinado ao título “Redes Sociais na Biblioteca Escolar: uma oportunidade para promover a leitura”.

Os dados recolhidos apenas servirão para efeitos de investigação. As respostas serão submetidas a um tratamento estatístico, mantendo-se o anonimato.

| 1. Com que frequência costuma usar a biblioteca escolar (BE) ou os seus recursos no âmbito das suas funções docentes? | |
|--|-----------------------|
| 1.1 Diariamente. | <input type="radio"/> |
| 1.2 Uma ou duas vezes por semana. | <input type="radio"/> |
| 1.3 Uma ou duas vezes por mês. | <input type="radio"/> |
| 1.4 Uma ou duas vezes por período. | <input type="radio"/> |
| 1.5 Muito raramente e de forma irregular. | <input type="radio"/> |

| 2. Com que objetivo(s) utiliza a BE ou os seus recursos no seu trabalho docente? [Assinale as <u>três situações mais frequentes</u> que ocorrem consigo] | |
|---|-----------------------|
| 2.1 Ler/ consultar com os alunos obras de referência ou livros específicos. | <input type="radio"/> |
| 2.2 Utilizar os computadores com os alunos. | <input type="radio"/> |
| 2.3 Ver vídeos/ DVD com os alunos. | <input type="radio"/> |
| 2.4 Selecionar/ requisitar materiais para a sala de aula. | <input type="radio"/> |
| 2.5 Fazer empréstimo domiciliário com a turma. | <input type="radio"/> |
| 2.6 Realizar trabalho pessoal e profissional. | <input type="radio"/> |
| 2.7 Outro. Qual? | <input type="radio"/> |

| | | | |
|--|---------------------------|--|--|
| 3. Costuma integrar a biblioteca escolar (BE) e os seus recursos nas suas funções docentes relacionadas com o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação (TIC)? | | | |
| Sim <input type="radio"/> | Não <input type="radio"/> | | |

| | |
|---|-----------------------|
| 3.1 Se respondeu <u>Sim</u> , assinale as <u>três situações</u> mais frequentes: | |
| 3.1.1 Incentivar os alunos a ir à BE para ler e requisitar livros relacionados com temas dos curricula. | <input type="radio"/> |
| 3.1.2 Usar a BE na consulta e pesquisa de informação. | <input type="radio"/> |
| 3.1.3 Participar na organização e gestão de informação. | <input type="radio"/> |
| 3.1.4 Participar em atividades organizadas pela BE e relacionadas com a leitura. | <input type="radio"/> |
| 3.1.5 Incentivar a produção e edição de informação. | <input type="radio"/> |
| 3.1.6 Recorrer à comunicação e intercâmbio em rede. | <input type="radio"/> |
| 3.1.7 Aceder aos computadores para realizar trabalhos. | <input type="radio"/> |
| 3.1.8 Recreação. | <input type="radio"/> |

| | | | | |
|---|---------------------------|--------------------------------|-----------------------------|-----------------------------------|
| 4. Classifique o nível dos recursos tecnológicos facultados pela BE. | | | | |
| Muito bom <input type="radio"/> | Bom <input type="radio"/> | Razoável <input type="radio"/> | Fraco <input type="radio"/> | Não conheço <input type="radio"/> |

| | | | |
|--|------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|
| 5. Costuma proceder à integração de competências de informação na planificação e tratamento das diferentes áreas de conteúdo/ unidades de ensino? | | | |
| Sempre <input type="radio"/> | Regularmente <input type="radio"/> | Ocasionalmente <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> |

| | | | |
|---|------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|
| 6. Na sua prática letiva, promove a utilização da BE ou dos seus recursos nos trabalhos de pesquisa efetuados pelos seus alunos? | | | |
| Sempre <input type="radio"/> | Regularmente <input type="radio"/> | Ocasionalmente <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> |

| | | | |
|--|------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|
| 7. Quando utilizam a BE ou os seus recursos, os seus aprendentes estão munidos das indicações sobre a tarefa a executar e de sugestões de bibliografia a consultar? | | | |
| Sempre <input type="radio"/> | Regularmente <input type="radio"/> | Ocasionalmente <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> |

| | | | |
|---|----------------------------|------------------------------|------------------------------|
| 8. Como classifica as suas competências pessoais para o uso autónomo da BE ou dos seus recursos, com os seus alunos? | | | |
| 8.1 Competências para usar os serviços e equipamentos da BE. | Boas <input type="radio"/> | Médias <input type="radio"/> | Fracas <input type="radio"/> |
| 8.2 Competências para uso das TIC. | Boas <input type="radio"/> | Médias <input type="radio"/> | Fracas <input type="radio"/> |
| 8.3 Competências para explorar diferentes materiais (livros, CD, DVD, Internet) e usá-los em situação de ensino-aprendizagem. | Boas <input type="radio"/> | Médias <input type="radio"/> | Fracas <input type="radio"/> |

| | | | |
|---|----------------------------|------------------------------|------------------------------|
| 9. Como classifica, em geral, as competências para o uso autónomo da BE ou dos seus recursos, por parte dos seus alunos? | | | |
| 9.1 Competências para usar os serviços e equipamentos da BE. | Boas <input type="radio"/> | Médias <input type="radio"/> | Fracas <input type="radio"/> |
| 9.2 Competências para uso das TIC. | Boas <input type="radio"/> | Médias <input type="radio"/> | Fracas <input type="radio"/> |
| 9.3 Competências para explorar diferentes materiais (livros, CD, DVD, Internet), elaborar trabalhos e apresentá-los. | Boas <input type="radio"/> | Médias <input type="radio"/> | Fracas <input type="radio"/> |

| 10. Exprese a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações que constam da tabela abaixo, no que se refere ao trabalho da BE no âmbito da leitura. | concordo | Discordo | Não conheço |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 10.1 Desenvolve um trabalho sistemático e continuado no âmbito da promoção da leitura. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.2 Promove a leitura literária e a discussão sobre temas, autores e livros. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.3 Promove atividades diversificadas de leitura, associando diferentes formas de comunicação e de expressão. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.4 Cria condições de espaço, de tempo para a leitura individual e por prazer. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.5 Promove a leitura informativa, o desenvolvimento da reflexão e do pensamento crítico. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.6 Disponibiliza recursos documentais atualizados muito adequados ao trabalho no âmbito da leitura e da literacia. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.7 Acompanha os alunos durante o acesso e apoia-os na seleção de documentação e no uso e produção da informação. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.8 Desenvolve atividades e projetos conjuntos no âmbito da leitura. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.9 Cria condições para o uso das TIC e para a exploração e uso qualificado da Internet e divulgação de ferramentas <i>Web</i> . | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.10 Trabalha com recurso a ambientes digitais e ferramentas da <i>Web2.0</i> (blogue, <i>Wikis</i> , <i>Twitter</i> , plataforma de aprendizagem) que permitem a discussão de temas, a produção de conteúdos e o trabalho colaborativo. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.11 Desenvolve atividades diversificadas que motivam para leitura e promovem a discussão e o trabalho escolar, desenvolvendo as diferentes literacias. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Obrigado pela colaboração

3 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Este inquérito tem por objetivo realizar um trabalho de investigação subordinado ao tema “Redes Sociais na Biblioteca Escolar: uma oportunidade para promover a leitura”.

Os dados recolhidos apenas servirão para efeitos de investigação. As respostas serão submetidas a um tratamento estatístico, mantendo-se o anonimato.

1. Idade:

Pai/E.E. _____ Mãe/E.E. _____

2. Habilitações Literárias:

Pai/ E. E.

Mãe / E. E.

- | | | |
|-----------------------|--------------|-----------------------|
| <input type="radio"/> | 4.º ano | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | 6.º ano | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | 9.º ano | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | 12.º ano | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Bacharelato | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Licenciatura | <input type="radio"/> |

3. Profissão:

Pai/ E. E _____ Mãe/ E. E _____

4. O que prefere fazer nos seus tempos livres?

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

| Pai/ E. E. | | Mãe/ E. E. |
|-----------------------|-----------------------------|-----------------------|
| <input type="radio"/> | Ver tv | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Ler | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Fazer Desporto | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Estar com os(as) amigos(as) | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Descansar | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Estar com os meus filho | <input type="radio"/> |
| <input type="radio"/> | Atividades no computador | <input type="radio"/> |

Outra? Qua? _____

5. Conhece a biblioteca escolar que serve a escola do seu filho/ educando?

| | | | |
|---------------------------|---------------------------|--|--|
| Sim <input type="radio"/> | Não <input type="radio"/> | | |
|---------------------------|---------------------------|--|--|

6. Costuma acompanhar as leituras do seu filho/educando em casa, apoiando-o ou sugerindo-lhe leituras?

| | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|--|
| Frequentemente <input type="radio"/> | Ocasionalmente <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|--|

7. Costuma deslocar-se à escola para participar em atividades dinamizadas pela escola? (festa de Natal, festa final de ano, Semana da Leitura, colóquios, feira de artesanato, outros).

| | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|
| Frequentemente <input type="radio"/> | Ocasionalmente <input type="radio"/> | Nunca <input type="radio"/> |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|

8. Considera que as atividades realizadas pela BE contribuem para estimular o interesse do seu filho/educando pela leitura?

| | | |
|---------------------------|---------------------------|--|
| Sim <input type="radio"/> | Não <input type="radio"/> | |
|---------------------------|---------------------------|--|

| | | | |
|---|--|---------------------------------------|--|
| 9. Que importância atribui à BE para a aprendizagem e formação global do seu filho/educando? | | | |
| Importante <input type="radio"/> | Pouco importante <input type="radio"/> | Nada importante <input type="radio"/> | |

| | | |
|---|-----------------------|-----------------------|
| 10. Concorda/ou não com as seguintes afirmações sobre a utilização das TIC pelos aprendentes? (Selecione uma opção em cada linha.) | | |
| | Sim | Não |
| 10.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) proporcionam aos aprendentes o acesso a um leque maior de conteúdos e recursos de aprendizagem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.2 Os aprendentes estão mais atentos quando utilizam as TIC. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.3 Os aprendentes estão mais motivados quando aprendem com recurso às TIC. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.4 As TIC ajudam os aprendentes a serem mais ativos no processo de aprendizagem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10.5 Gostaria de participar nas aprendizagens do seu educando, em casa, através da internet? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

| | | |
|---|-----------------------|-----------------------|
| 11. Até que ponto concorda/ou não com as seguintes afirmações sobre a utilização das TIC na biblioteca escolar? (Selecione uma opção em cada linha.) | | |
| | Sim | Não |
| 11.1 As TIC não são apoiadas na biblioteca da escola. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.2 Não existem computadores suficientes para os aprendentes utilizarem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.3 As TIC facilitam a colaboração com os encarregados de educação. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11.4 Há dificuldades no acesso dos encarregados de educação aos computadores da biblioteca escolar | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

12. Como avalia os seus conhecimentos ao nível da utilização dos computadores?

Muito fracos Fracos Satisfatórios Bons Muito Bons

13. O uso dos computadores veio beneficiar a aprendizagem do seu educando?

Sim Não

Porquê? _____

14. Conhece alguma(s) aplicação(ões) e/ou serviço(s) na Internet para trabalho colaborativo?

Sim Não

Se respondeu Sim, diga qual(ais)? _____

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO D - TABELAS

Índice

| | |
|---|----|
| Tabela 01 – Constituição da amostra do inquérito por questionário | 03 |
| Tabela 02 – Conjunto de temas das atividades do Ano Internacional das Florestas | 04 |
| Tabela 03 – Entrevista dos aprendentes | 05 |
| Tabela 04 – Recursos materiais e humanos | 06 |

Tabela 01 - Constituição da amostra do inquérito por questionário

| Comunidade Educativa | Questionários Entregues | Questionários Recebidos |
|-----------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| Docentes | 6 | 6 |
| Aprendentes | 58 | 58 |
| Enc. de Educação | 58 | 55 |

Tabela 02 – Conjunto de temas para as atividades do Ano Internacional das Florestas

| Tema | Conteúdos | Ferramentas |
|--|---|--|
| FLORESTA | <ul style="list-style-type: none"> • Histórias • animais • arbustos • árvores • adivinhas • receitas de frutos • livros | Computadores Impressora Internet Ferramentas Web 2.0 Blogue Fórum Calameo |
| RECURSOS NATURAIS | <ul style="list-style-type: none"> • a água • o solo • o ar | Máquina fotográfica |
| CONSERVAÇÃO DA NATUREZA | <ul style="list-style-type: none"> • uso sustentável da natureza • história do papel • reciclagem do papel • biodiversidade | Livros Enciclopédias Revistas |
| ENERGIAS ALTERNATIVAS | <ul style="list-style-type: none"> • energia solar • energia eólica • energias não renováveis • energia hidroelétrica • energia nuclear • como poupar energia | YouTube Calameo |
| PLANETA VERDE | <ul style="list-style-type: none"> • a poluição da água • chuvas ácidas • poluição do ar • mudanças climáticas • ETAR | Windows Media Player |
| TECNOLOGIAS VERDES | <ul style="list-style-type: none"> • avanços tecnológicos • tecnologias sustentáveis • preservação do ambiente | Paint |

REDES SOCIAIS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Tabela 03 - Entrevista dos aprendentes – 2.ª Fase

| |
|--|
| <p>Vantagens – o que tem de melhor; o que mais gostas;</p> <ul style="list-style-type: none">••••• |
| <p>Fraquezas – o que pode melhorar; o que se pode evitar;</p> <ul style="list-style-type: none">••••• |
| <p>Obstáculos – o que foi mais difícil de fazer, de acabar;</p> <ul style="list-style-type: none">••••• |
| <p>Melhorias – Propostas de melhoramento</p> <ul style="list-style-type: none">••••• |

Tabela 04 - Recursos materiais e humanos

| | |
|--------------------|--|
| RECURSOS MATERIAIS | <ul style="list-style-type: none">- Inquérito (1.^a e 2.^a fase)- Entrevista (pós intervenção)- Biblioteca escolar- Fundo documental da BE- Textos/imagens/música- Internet- Ferramentas Web 2.0- Marcador Social Diigo- Fórum de discussão- Livros- 6 computadores da BE- 1 computador por sala de aula- PowerPoint- Microsoft Word- Paint- Data-Show- Cadeiras, mesas- Papel, canetas, lápis- Cartazes |
| RECURSOS HUMANOS | <ul style="list-style-type: none">- 21 Crianças do 3.º ano- 37 Crianças do 4.º ano- Promotor do projeto- 3 Docentes de turma- 1 Assistente operacional |

ANEXO E – DOCUMENTOS

Índice

| | |
|---|---------|
| Documento 01 – Pedido de autorização para aplicação do trabalho de Projeto na biblioteca escolar da EB de | Lage 03 |
|---|---------|

S. Martinho do Campo, 14 de Fevereiro de 2011

Ex.mo Senhor

Diretor do Agrupamento de Escolas de S. Martinho

José Amadeu Gonçalves Ferreira, professor bibliotecário na EB1 de Lage, frequenta o mestrado em Ciências da Educação, especialização em Animação da Leitura, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O requerente vem por este meio solicitar a V.^a Ex.^a se digne autorizar a aplicação do Trabalho de Projecto na biblioteca da Lage, subordinado ao tema, “Redes Sociais na Biblioteca Escolar: uma oportunidade para promover práticas de inovação em educação”.

Perante uma cultura caracterizada pelo uso progressivo de tecnologias digitais, surgiu a vontade de perceber neste estudo como e qual a melhor forma para aplicar as tecnologias de informação e comunicação na biblioteca escolar criada pelas novas formas de redes sociais no ambiente virtual, com práticas pedagógicas específicas que constituem a chamada cibercultura. A importância desta investigação prende-se sobretudo com o uso das redes sociais para perceber que contribuições poderão ter, ou não, na aprendizagem dos alunos.

Mais informa que já solicitou e recolheu o apoio da turma da professora Rosa Ferreira (3.º ano), da professora Anabela Santos (4.º ano) e do professor Marco Fidalgo (4.º ano). O projecto decorrerá de Março a Junho de 2011 e os trabalhos desenvolvidos com os alunos serão disponibilizados na biblioteca digital da escola.

Com os respeitosos cumprimentos.

S. Martinho do Campo, 14 de Fevereiro de 2011

O professor bibliotecário